

A Pedagogia Waldorf na escola pública

histórico – desafios – perspectivas

por Rubens Salles e Rosineia Fonseca

O objetivo do Instituto Ruth Salles é que esta pesquisa seja a 1ª etapa de uma estratégia de apoio às escolas Waldorf públicas existentes e de incentivo à ampliação desta rede.

Introdução

Pesquisamos o histórico das iniciativas que levaram a Pedagogia Waldorf a ser adotada em onze escolas públicas no Brasil, obstáculos enfrentados, formato de convênios, autonomia pedagógica, como é a formação e contratação de professores, o que deu certo e o que deu errado, e como convivem com as mudanças de gestão nas prefeituras.

Fizemos um relatório para cada escola e cidade, contendo o histórico e os desafios de cada uma, nossos comentários e diversos depoimentos de gestores escolares, gestores públicos, diretores, coordenadores, professores, pais de alunos, parceiros e apoiadores. Fizemos um relatório detalhado e ilustrado sobre cada uma das escolas analisadas, e cada um representa um capítulo deste trabalho. Foram mais de 90 entrevistas, sendo 59 gravadas em vídeo e as demais gravadas em áudios que foram transcritos, e que acompanham os relatórios. Em todas as iniciativas destacamos os aprendizados mais relevantes, e que fazem parte também do Relatório de Conclusão.

Este projeto foi financiado coletivamente em campanha concluída em 18/03/2019. Conheça os **apoiadores da pesquisa** – [link](#).

Tipos de escolas visitadas

Atualmente existem no Brasil dois tipos de escolas públicas que adotam a Pedagogia Waldorf:

- 1) As escolas **associativas conveniadas**, que foram criadas por uma associação, que geralmente é proprietária da estrutura física da escola e que estabelecem um convênio com a prefeitura local. Mediante este convênio, a prefeitura provê manutenção da equipe de funcionários, alimentação e materiais básicos inerentes a toda e qualquer escola pública municipal.
- 2) As escolas **públicas de origem**, que atuam inspiradas pela Pedagogia Waldorf por iniciativa do próprio poder público, ou por iniciativa de gestores e educadores Waldorf que transformam as escolas em que atuam, inspirados por essa pedagogia.

Sumário

Pg 03 - Considerações sobre a legislação brasileira para a Educação

Escolas associativas conveniadas

Pg 08 - Escola Municipal Comunitária do Vale de Luz – Nova Friburgo RJ – visitada em 15/4/2019

Pg 18 - Escola Municipal Cecília Meireles – Nova Friburgo RJ – visitada em 16/4/2019

Pg 31 - Escola Municipal Araucária – Camanducaia MG – visitada em 16/12/2017 e 15/12/2018

Pg 36 - Escola Murundu – Palmeiras BA – entrevistas com professoras na formação em Aracaju em 19/04/2019 e com a gestora em São Paulo em 7/06/2019.

Pg 41 - Escola Waldorf Anael – Várzea da Roça BA – entrevistas com professoras na formação em Aracaju em 19/04/2019 e com administradores por internet em junho/2019

Pg 45 - Escola Casa da Mata – Mata de São João BA – entrevistas por internet em junho/2019

Não foi possível visitarmos as três iniciativas localizadas no interior da Bahia, porque não sabíamos que estas escolas estavam inseridas na rede pública na época em que o projeto foi planejado e orçado, e quando ficamos sabendo não tivemos recursos e condições para outra viagem. No entanto, graças ao apoio do Instituto Social Micael, durante um módulo do curso de formação em Aracaju conseguimos entrevistar pessoalmente professoras de duas destas iniciativas. A gestora de uma delas entrevistamos em São Paulo, e as demais por telefone e internet.

Escolas públicas de origem

Pg 49 - EMEI Dr. José Calumby Filho – Aracaju SE – visitada em 22/04/2019

Pg 64 - EMEF José Souza de Jesus – Aracaju SE – visitada em 23 e 24/04/2019

Pg 68 - Anexo - Dicas preciosas do Cida e do Paulo – Aracaju SE

Pg 73 - Anexo - Uma história de quando um muro uniu as pessoas – Aracaju SE

Pg 76 - CREI Flor de Araçá – Conde PB – visitada em 25 e 26/04/2019

Pg 88 - CEI 316 Norte – Brasília DF – visitada em 29/04/2019

Pg 104 - EMEB Manoel Aníbal Marcondes – Jundiá SP – visitada em 17/06/2019 e em 7/08/2019

Também analisamos três iniciativas Waldorf na rede pública que foram descontinuadas, para conhecermos os motivos que levaram a isso:

Pg 116 - EMEF Antônio Gonçalves das Neves – Espírito Santo do Turvo SP – Creche visitada em 15/05/2019

Pg 121 - Escola Jardim da Manga - Ubá MG – Análise de pesquisa de mestrado de Sabrina Fadel

Pg 125 - Escola Saber do Campo – Ibicoara BA – Entrevista com Gabriela Martinez Grille

Pg 127 - Relatório de Conclusão

Pg 134 - Discurso de **Rubens Salles** na Sessão Solene comemorativa pelos 100 anos da Pedagogia Waldorf realizada no Congresso Nacional em 28/11/2019

Considerações sobre a legislação brasileira para a Educação

<https://www.institutoruthsalles.com.br/capitulo-i-introducao-e-legislacao/>

Todas as escolas no Brasil, públicas e privadas, devem se submeter às legislações federal, estadual e municipal. As principais leis que dizem respeito ao nosso tema estão disponíveis abaixo na íntegra para download.

As possibilidades de termos escolas públicas com a Pedagogia Waldorf e de termos escolas associativas comunitárias conveniadas com o poder público, e usando esta pedagogia, estão amparadas pela nossa Constituição Federal de 1988, em especial pelos incisos II e III do Art. 206 e pelo Art. 213 incisos I e II.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes **princípios**:

II – **liberdade** de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III – **pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas**, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

Art. 213. Os recursos públicos serão destinados às escolas públicas, podendo ser dirigidos às **escolas comunitárias**, confessionais ou filantrópicas, definidas em lei, que:

I – comprovem finalidade não lucrativa e apliquem seus excedentes financeiros em educação;

II – assegurem a destinação de seu patrimônio a outra escola comunitária, filantrópica ou confessional, ou ao Poder Público, no caso de encerramento de suas atividades.

Constituição 1988 – Seção que trata da Educação pdf

Além disso, o direito dos pais de participar da definição das propostas educacionais da escola de seus filhos também é assegurado pelo ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente.

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho.

Parágrafo Único – É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente pdf

Além da Constituição Federal e do ECA, temos outras leis e normativas importantes para o tema da educação:

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/1996

LDB atualizada pdf

PNE – Plano Nacional de Educação – Lei nº 13.005/2014

<http://pne.mec.gov.br/>

PNE – Relatório de Monitoramento 2018 pdf

BNCC – Base Nacional Comum Curricular – 2014

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

A nova BNCC, Base Nacional Comum Curricular, publicada em 2018, é muito importante de ser conhecida, pois, em nossa opinião, ela está em consonância com os fundamentos da Pedagogia Waldorf. Transcrevemos no PDF abaixo alguns trechos de sua introdução, para dar uma ideia do seu teor. É apenas uma fração do documento original, que tem 445 páginas, mas permite demonstrar que a própria BNCC é um forte argumento para a criação de escolas Waldorf públicas. O que ela preconiza que a escola deve ser capaz de proporcionar às crianças e jovens brasileiros, parece um sonho para a maioria das escolas convencionais, mas que já é realidade nas escolas Waldorf. E um aspecto relevante da BNCC, é que esta não preconiza a alfabetização na educação infantil.

BNCC – princípios pdf

BNCC – completa pdf

Parceria Público/Privada – Lei Federal nº 13.019

Existem hoje duas iniciativas Waldorf (em Porto Alegre RS e Jundiaí SP) que estão estudando e negociando com o poder público com o objetivo de efetuar uma parceria público/privada para assumir a gestão de uma escola pública com base na Lei Federal nº 13.019, de 2014. Esta lei define as regras para a celebração de parcerias, nas quais o Poder Público e as organizações da sociedade civil cooperam para alcançar um interesse comum de finalidade pública. Essa lei reconhece que as parcerias aproximam as políticas públicas das pessoas e das realidades locais possibilitando a solução de problemas sociais específicos de forma criativa e inovadora. Por ter abrangência nacional, a lei deve ser cumprida por todos os órgãos e entidades públicas federais, estaduais e municipais, dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.

Não temos atualmente nenhuma iniciativa Waldorf sendo realizada com base nesta lei, e ainda não sabemos como funcionarão exatamente essas parcerias, mas é mais um caminho que poderá vir a ser utilizado.

Resumo explicativo da Lei 13.019 pdf

Íntegra da Lei 13.019 pdf

Além das legislações federais acima citadas, há também questões que dependem de legislação ou normatização estadual e/ou municipal, como os pareceres dos Conselhos de Educação, estaduais e municipais.

Exemplo 1: A resolução normativa 5/2015, do Conselho Estadual de Educação de Sergipe, estabelece como devem ser estruturados os Projetos Político Pedagógicos das escolas. Dentre as diversas diretrizes, o documento dá exemplos das concepções pedagógicas que podem embasar os PPPs, incluindo entre estas a Pedagogia Waldorf, assim como incluindo Rudolf Steiner como autor que representa essa pedagogia.

Resolução Normativa 5/2015 pdf

Exemplo 2: Municípios costumam ter seu Regimento Escolar, como em Nova Friburgo, por exemplo.

Regimento Escolar da Rede Municipal de Ensino de Nova Friburgo pdf

Exemplo 3: A Secretaria de Educação do Distrito Federal disponibiliza um detalhado currículo, tanto para a Educação Infantil como para a Educação Fundamental, denominado Currículo em Movimento, já atualizado pela nova BNCC.

Currículo em Movimento do DF – Educação Infantil pdf

Currículo em Movimento do DF – Educação Fundamental pdf

Há também documentos inerentes a todas as escolas, como o Plano de Ação de Gestão Escolar e o Projeto Pedagógico, e a necessidade de se constituir um Conselho Escolar e uma Associação como unidade executora financeira (UEX), que representam a aplicação de direitos de autonomia das escolas, definidos na LDB (Lei nº 9.394/96).

LDB – Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I – participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II – participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

LDB – Art. 15. Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira, observadas as normas gerais de direito financeiro público.

Plano de Ação de Gestão Escolar

Um plano de ação deve conter o que a escola vai fazer em todas as séries naquele ano letivo. Ele deve ser seguido corretamente, mas pode ser ajustado no decorrer do ano. A partir das metas traçadas, gestores e professores podem avaliar ao final de cada etapa, e ao final do ano, o que deu certo ou não, e se planejar para melhorar o plano ou implementar novas ações no ano seguinte. Para que seja mais efetivo, é muito importante que este planejamento envolva toda a equipe de professores, coordenadores e gestores.

Plano de Ação da EMEF José Souza de Jesus pdf

Projeto Pedagógico

O Projeto Pedagógico representa a identidade da escola como organismo social. Faz parte de uma gestão escolar democrática, e deve ser elaborado por e para todos: gestores, professores, funcionários, alunos e familiares. É importante que o PP contemple a missão escolar, níveis de ensino oferecidos, clientela, histórico da escola, contexto físico e recursos, contexto social e cultural, modelo de gestão, composição do Conselho Escolar, equipe, programas de que participa, diretrizes pedagógicas, composição curricular, possibilidades e obstáculos, objetivos estratégicos, planos de ação, calendário escolar, e deve apontar também o que a escola pretende ser, sua visão de futuro.

Projeto Pedagógico da Escola Comunitária Municipal Vale de Luz pdf

Projeto Pedagógico da Escola Municipal Cecília Meireles pdf

Projeto Pedagógico da EMEF José Souza de Jesus pdf

Projeto Pedagógico do CEI 316 Norte pdf

Associação de Pais e Funcionários

Esta associação deve ser criada pela comunidade escolar, com personalidade jurídica de direito privado e sem fins lucrativos. Ela será a UEX – Unidade Executora financeira, que poderá receber os recursos do PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola, que são direcionados diretamente para uso da escola por diversos programas do governo federal. Para cada programa, a UEX deve abrir uma conta bancária específica.

Criado em 1995, o Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) tem por finalidade prestar assistência financeira para as escolas, em caráter suplementar, a fim de contribuir para manutenção e melhoria da infraestrutura física e pedagógica, com consequente elevação do desempenho escolar. Também visa fortalecer a participação social e a autogestão escolar.

<https://www.fnde.gov.br/programas/pdde>

Exemplos de programas: Programa mais Alfabetização, Programa Novo Mais Educação, Programa Escolas Sustentáveis, Programa Escola Acessível, Programa mais Cultura na Escola etc.

Conselho Escolar

O Conselho Escolar ou Conselho de Escola se constitui como órgão colegiado com representatividade de todos os segmentos da comunidade escolar. É eleito e tem atuação formal, com suas reuniões sempre registradas em atas. É composto por dois representantes, um titular e um suplente, de cada segmento: direção, professores, funcionários de apoio, pais, alunos e comunidade. O conselho delibera sobre assuntos pedagógicos, administrativos e financeiros, e fiscaliza a utilização das verbas públicas auferidas por meio do PDDE. Tem por objetivo fortalecer e ampliar a participação de todos em prol da melhoria da escola pública, contribuindo tanto para a organização e aplicação de recursos como também para a organização de planos, metas e projetos escolares, estimulando o desenvolvimento de uma gestão democrática do ensino. É o órgão que a Secretaria de Educação reconhece como o representante de direito da comunidade escolar.

Obs 1: Mesmo no caso de uma escola associativa conveniada, como as escolas Waldorf, que têm uma Associação Mantenedora e um Conselho de Pais, é o Conselho Escolar que deve representá-la para todas as questões relacionadas à Secretaria de Educação.

Obs 2: A meta 19 do Plano Nacional de Educação (PNE) propõe estratégias para assegurar condições à gestão democrática da educação. Uma dessas estratégias é justamente a formação e o fortalecimento dos Conselhos Escolares.

Sobre o FUNDEB

O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) atende toda a educação básica, da creche ao ensino médio, está em vigor desde janeiro de 2007 e se estenderá até 2020. Segundo informa o MEC, a distribuição dos recursos leva em consideração o desenvolvimento social e econômico das regiões.

A destinação dos investimentos é feita de acordo com o número de alunos da educação básica, com base em dados do censo escolar do ano anterior. Os alunos das escolas conveniadas também entram no cômputo do respectivo município para fins de receber os recursos deste fundo.

Exemplo: A Escola Murundu, no município de Palmeiras BA, que começou sua municipalização este ano, terá seus alunos fazendo parte do censo escolar de 2019. Assim, parte de seus custos serão cobertos pela prefeitura a partir de 2020, quando esta começará a receber a verba do FUNDEB relativa a estes alunos.

O acompanhamento e o controle social sobre a distribuição, a transferência e a aplicação dos recursos do programa são feitos em escalas federal, estadual e municipal por conselhos criados especificamente para esse fim. O Ministério da Educação promove a capacitação dos integrantes dos conselhos.

Há uma importante luta política acontecendo no momento em prol da renovação do FUNDEB, que precisará ser aprovada no Congresso em 2020, e que é fundamental para as escolas públicas, pois representa cerca de 50% do total dos recursos para a educação básica. Nós participamos do Movimento Bancada da Educação, que é uma iniciativa cívica de acompanhamento de legislaturas e lançamentos de novas candidaturas que tenham como foco a educação, nas 3 esferas da Federação. Essa iniciativa parte de um pressuposto republicano e pluripartidário de construção de pautas que convirjam para um Brasil melhor.

BANCADA DA EDUCAÇÃO
conheça essa ideia!



Escola Comunitária Municipal do Vale de Luz - Nova Friburgo RJ

<https://www.institutoruthsalles.com.br/capitulo-ii-escola-comunitaria-municipal-do-vale-de-luz/>

Tanto a Escola Comunitária Municipal do Vale de Luz quanto a Escola Municipal Cecília Meireles, que abordaremos no capítulo III, são iniciativas de responsabilidade jurídica da Associação Crianças do Vale de Luz – ACVL, inclusive os imóveis onde estão instaladas pertencem a esta associação.

Embora juridicamente com convênios firmados através da mesma associação e com parâmetros e acordos básicos definidos por esta, o grupo gestor de cada uma destas escolas tem autonomia para decidir sobre situações internas específicas de suas escolas. Ambas estão trabalhando para que no futuro tornem-se associações juridicamente independentes, e já foram criadas a Associação de Apoio à Escola do Vale de Luz e a Associação Pedagógica Cecília Meireles, que futuramente substituirão a Associação Crianças do Vale de Luz.

Mediante seus convênios com a prefeitura, elas recebem do poder público os mesmos recursos que recebem as demais escolas públicas, como a remuneração dos professores e demais funcionários, alimentação, material básico e escolar, e se sujeitam às normas e leis que regem a educação pública no município. Quanto aos materiais necessários para a Pedagogia Waldorf que a prefeitura não oferece, precisam ser adquiridos com recursos da associação, e esta é a única responsável para que a pedagogia Waldorf se realize nessas duas escolas.

O movimento antroposófico no município de Nova Friburgo, RJ, começou na década de sessenta. A partir de um grupo de estudos sobre antroposofia, iniciado em 1982, foi criada em 1988 a primeira iniciativa de educação Waldorf na cidade, a Associação Pedagógica Nascente.

Destaques

1- Visitarmos a Escola Vale de Luz foi um choque de realidade, pois, comparando-se com as escolas comunitárias privadas que conhecemos, uma escola Waldorf pública tem uma tarefa bem mais difícil de realizar, que demanda uma dedicação muito determinada de sua equipe. Diferente das escolas privadas, onde a maioria das crianças vem de famílias de classe média, e que escolhem a escola pela sua proposta pedagógica, numa escola pública qualquer família que atenda aos critérios públicos pode matricular seu filho, e geralmente não conhecem a pedagogia Waldorf.

2 – Trabalhando com os materiais disponíveis – Uma dificuldade enfrentada na Vale de Luz é que uma escola pública não pode receber da prefeitura materiais diferentes, ou melhores, do que as demais escolas da rede. Assim, muitas vezes faltam materiais adequados para atender as demandas de uma escola Waldorf, como tinta para aquarelas, papel de pintura, pincéis, flautas, giz de cera de abelha, lã de carneiro, agulhas, brinquedos de madeira etc. Isso exige adaptações pelos professores ou que a associação consiga recursos externos para atender a essas demandas.

3 – Um desafio para a formação de professores – Conhecendo a realidade de uma escola Waldorf pública, que atende crianças em situação de vulnerabilidade social cujos pais geralmente não conhecem a Pedagogia Waldorf, e sem dispor dos materiais ideais para essa prática pedagógica, verificamos que seus professores precisam de uma formação que os prepare para atuar nesta realidade, o que não acontece hoje. Os seminários convencionais para formação de professores Waldorf também não são acessíveis financeiramente para a maior parte dos professores da rede pública, o que exige sempre muito sacrifício destes para participarem ou recursos das respectivas associações.

4 – O obstáculo da falta de concursos públicos específicos – Um grande problema para as escolas Waldorf na rede pública, como a Vale de Luz, é que quando precisam de um novo professor acontece de receberem um professor que é concursado pela prefeitura, mas não conhece a Pedagogia Waldorf. Isso sempre gera um desgaste e um trabalho extra para a equipe, pois é preciso ir apresentando aos poucos os princípios e práticas básicas da pedagogia, e tentar convencer este professor a fazer a formação. Alguns professores nestas condições ficam só um ano e depois pedem remoção, outros se apaixonam pela pedagogia, fazem a formação e tornam-se ótimos educadores. É preciso conseguirmos que haja concursos públicos específicos para professores Waldorf.

5 – Compartilhando seu conhecimento – Promover cursos para professores de outras escolas da rede sobre elementos da Pedagogia Waldorf, como faz a equipe da Vale de Luz, nos pareceu fundamental como estratégia para contribuir e enriquecer o repertório didático destes professores, tornar essa pedagogia mais conhecida, assim como para fortalecer a parceria com o poder público. Apesar das dificuldades, escolas Waldorf na rede pública como essa estão trazendo mais professores e mais famílias para essa pedagogia, que sem essa oportunidade não a conheceriam. Mesmo quando chegam desavisados a uma escola Waldorf, muitos acabam se apaixonando pela pedagogia e tornam-se ótimos professores ou famílias engajadas.

6 – Atenção ao futuro dos alunos – Chamou nossa atenção o cuidado na preparação dos alunos do 5º ano para que possam fazer a transição para o 6º ano de uma escola convencional sem sofrer muitas dificuldades. Muito interessante e importante essa dedicação ao sucesso futuro dos alunos.

Alguns dados básicos sobre o município de Nova Friburgo RJ

Município de Nova Friburgo RJ			
Indicador – dados do IBGE https://cidades.ibge.gov.br	Valor	Ano	
População estimada	190.084	2018	
População com renda nominal per capita de até ½ salário mínimo	25,80%	2010	
IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental	5,9	2017	
IDEB – Anos finais do ensino fundamental	4,4	2017	
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal	0,745	2010	
Mortalidade infantil – óbitos por 1.000 nascidos vivos	11,13	2017	
Domicílios com esgotamento sanitário adequado	82,80%	2010	

Endereço – Rua Sebastião Pereira da Silva 197, Conselheiro Paulino -Nova Friburgo RJ – CEP 28633-540

A Escola foi fundada em 1991 no dia 04 de março e é pública desde 30/10/1996. Tem 120 alunos e atende ao Maternal III, Pré I e II (3 a 5 anos) da Educação Infantil, e do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental (6 a 12 anos). Um diferencial também é que todos os alunos estudam em turno integral, das 7h30 às 16h30, num total de nove horas diárias.

Facebook

Instagram

Documentos anexos

Estatuto pdf

Convênio pdf

Projeto Pedagógico pdf

No dia 15 de abril de 2019 visitamos a Escola Comunitária Municipal do Vale de Luz, em Nova Friburgo, e entrevistamos o seu diretor, Dioneson Ferreira Guimarães, e a professora Beatriz Abicalil, ex-Secretária Municipal de Educação em Nova Friburgo de 2001 a 2008, que acompanhou de perto a criação e os primeiros anos das escolas Vale de Luz e Cecília Meireles, que levaram a pedagogia Waldorf para a rede pública municipal.

Abaixo transcrevemos o depoimento de Beatriz Abicalil, com alguns comentários do Dioneson, onde ela conta a história do início das escolas Waldorf na rede pública de Nova Friburgo:

Entrevista com Beatriz Abicalil



Beatriz – Tudo começou quando os fundadores da ACVL, entre 1989 e 1990, professores-fundadores, Tião Guerra e Mariane Canella, trabalhavam no Instituto de Educação de Nova Friburgo – IENF (Escola para formação de professores com nível Médio), com turmas de crianças que eram excluídas de toda e qualquer situação. Infelizmente havia isso em uma escola de vanguarda. Eram excluídas pela cor, pela crença, pela classe social e pelas inúmeras dificuldades de vida e de aprendizagem que apresentavam.

Foto - Da esquerda para a direita, Beatriz Abicalil, Dioneson Ferreira Guimarães, Rosineia Fonseca e Rubens Salles

Nessa época eu trabalhava como inspetora ou supervisora escolar, e então, junto com a equipe pedagógica da escola, conseguimos elaborar um projeto de modo que os dois ficassem

responsáveis por esses alunos, independente da série em que eles estavam, e iniciassem ali um trabalho que seria pioneiro em termos de educação inclusiva em Nova Friburgo.

Foto - Da esquerda para a direita, Beatriz Abicalil, Dioneson Ferreira Guimarães, Rosineia Fonseca e Rubens Salles

Em março de 1991 (04/03/1991) houve a permissão pela equipe do IENF, com aval da supervisão, de se criar uma classe anexa da escola para funcionar no sítio da Vale de Luz, na Fazenda da Laje. Começou com cerca de 16 crianças com várias necessidades. Havia um aluno cego, e ninguém aqui em Nova Friburgo tinha experiência em trabalhar com crianças com deficiência visual. Quem tinha experiência, pela convivência, era eu, porque meu marido é deficiente visual. Então, o que eu aprendi com essa convivência, eu transmitia aos educadores da escola para facilitar o trabalho deles, em relação à postura, à redução dos estereótipos, a manter a coluna ereta, levantar a cabeça, esses detalhes todos que o cego perde porque não tem o contorno visual. Então ficou lá a Classe Rural Integrada, que a gente brincava que era uma clareada, e acabou sendo apelidada de 'Clariada'.

Esse trabalho então começou lá nessa classe anexa, com a documentação saindo toda ainda pelo IENF. Foi a primeira experiência em que a avaliação não era por nota nem por conceito, era por relatório (como ainda é até hoje para a Educação Infantil e para o 1º ano do ensino fundamental). No início os relatórios eram muito precários, porque escreviam em poesia mas não diziam o que a criança sabia ou deixava de saber. Lembra-se das broncas que vocês levavam, nos primórdios? (pergunta ao Dioneson!) Podia ser um relatório, a gente permitia que fosse, mas que deixasse claro, de forma poética ou não, o nível em que a criança estava em termos de aprendizagem, respeitando os limites dela. Era uma avaliação individual e de muita observação. Foi um exercício em que tanto nós da equipe do IENF, quanto da Secretaria e Educação do Estado, e depois da Secretaria de Educação do Município fomos aprendendo junto.

Em 1996 (30/10/1996) foi então firmado um convênio da prefeitura de Friburgo com a Associação Vale de Luz. No começo era um convênio em que a prefeitura tinha algumas competências em relação à escola e a Vale de Luz outras competências. A questão do pessoal ficava ainda por conta da Vale de Luz, mas nesse meio tempo o Tribunal de Contas estabeleceu que todos os professores deveriam passar por concurso público, e no caso da Pedagogia Waldorf tinha a questão da formação. Quando eu entrei então na Secretaria Municipal de Educação a gente permitiu que a formação fosse feita dentro mesmo da Vale de Luz, mas que os professores deveriam passar pelo concurso público. Como não tivemos concurso entre 2001 e 2007, os professores eram contratados. Assim, por uma questão lógica, e pedagógica, junto com a Secretaria de Educação, nós decidimos que o pessoal que estava aqui atuando permaneceria. O município passou então a assumir as contratações e os encargos trabalhistas, e passou a assumir integralmente a escola em termos de manutenção, de merenda, em termos de tudo. Inclusive a própria merenda, a partir de 2001 foi adaptada à realidade e às necessidades da Vale de Luz. Introduzimos o peixe e vinha maiores quantidades de ovos, verduras e legumes. Depois voltou a ser introduzida a carne, para se adaptar aos hábitos da maioria da clientela da escola. Outras escolas com outras pedagogias também tiveram este problema. Nós tínhamos a Escola Luz da Serra, onde não comiam nenhum tipo de carne de jeito nenhum, e tivemos que compensar com arroz integral e outros alimentos. Cada escola tinha a sua peculiaridade.

Obs1 – Em 1999, a Associação Crianças do Vale de Luz ampliou suas atividades incorporando a Escola Cecília Meireles, que vinha desenvolvendo na cidade um trabalho fundamentado na

Pedagogia Waldorf, tornando-se então mantenedora de duas Escolas Waldorf Públicas da rede municipal de ensino. No mesmo ano, diante da necessidade de formação dos seus profissionais e de multiplicação de sua experiência, criou um terceiro núcleo de atendimento, o Centro de Formação e Desenvolvimento (CFD), que hoje atende profissionais de diversos estados e oferece, entre outras atividades, o Seminário de Formação de Professores em Pedagogia Waldorf.

Obs2 – Por volta do ano 2000 a Associação Pedagógica Nascente encerra suas atividades, e doa seu imóvel para a Associação Crianças do Vale de Luz.

Beatriz – *Foi em 2001, nessa época de transição, que o Dioneson chegou à escola (Ele conta que não havia um arquivo escolar, nem diários. Tudo era muito poético e muito livre). Beatriz conta que foi porque nesse período a escola perdeu o vínculo com o IENF, que era quem mantinha esses registros. Entre 1997 e 2001 foi um período em que a educação estava recém-municipalizada, a escola era muito distante, e a supervisão ainda não era institucionalizada na secretaria. Iniciamos uma supervisão que não fosse só burocrática e administrativa, mas que tivesse um olhar pedagógico e principalmente inclusivo. Praticamente proibimos supervisores de usarem critérios de exclusão por notas, por idade, pelo comportamento do aluno, muito comuns na época. Quando entrei na Secretaria de Educação, a supervisão era mais preocupada com o registro em papel, e menos preocupada com o trabalho do professor, e como as crianças se davam com aquele tipo de trabalho. A supervisão, nessa época, não conhecia nada sobre Pedagogia Waldorf, nada sobre Escola Família Agrícola, e nada sobre a Pedagogia de Valores, que era a que a Escola Luz da Serra adotava. Tivemos então que preparar as equipes para assumirem a supervisão das escolas, pois elas precisavam ampliar seu campo de visão para evitar atritos com a visão de cada escola.*

Em 2007, as fortes chuvas que ocorreram tornaram muito difícil o acesso ao sítio onde a Vale de Luz funcionava, e a escola teve que se transferir provisoriamente para o centro do bairro Conselheiro Paulino, e em 2008 mudou-se para o atual endereço, primeiro alugando o imóvel, que depois foi adquirido em 2010.

Dioneson acrescenta – *Foi necessário um grande esforço para a arrecadação de verbas para adquirir o imóvel para a escola. Após a compra demos início ao projeto para a reforma e adequação do imóvel a fim de oferecer ao menos 20 vagas por classe, nas sete salas: duas classes de educação infantil multi e uma classe de cada ano do primeiro ao quinto ano. Atuam 38 pessoas vinculadas no trabalho desta escola.*

Beatriz – *Eu conheci a Vale de Luz lá na Fazenda da Laje. Participei de diversas capacitações que eles faziam. Inclusive, fizeram capacitações para a rede municipal, quando eu assumi a Secretaria de Educação, até para que os outros professores e diretores entendessem que cada pedagogia tem a sua especificidade, mas que todas elas confluem para um mesmo lugar, que é o bem-estar do aluno e para que ele fique bem inserido na sociedade onde ele estiver.*

Rubens – *Depois de tanto tempo envolvida com esse trabalho, o que a senhora acha que foi determinante para que essas duas escolas Waldorf de Nova Friburgo tenham conseguido ser criadas e estarem ativas depois de tantos anos?*

Beatriz – *Eu vejo que primeiro é preciso haver vontade política, tanto do gestor municipal quanto do gestor de educação, e, a segunda coisa, é preciso que esse gestor tenha uma visão holística da educação. Se ele cismar que a escola tem que ser disciplinadora, ou então que ela seja de uma*

linha de extrema liberdade, não vai ter sucesso. Então ele tem que ter noção da pedagogia que aquela unidade propõe, e no caso dessa aqui, Waldorf, esse foi um trabalho que nós fizemos. Eu conversei com a prefeita, ela visitou a escola mais de uma vez, conversou com a comunidade, conversou com as crianças, e então ela deu o aval. Ela disse que gostou da proposta, gostou do que viu e autorizou dar andamento ao convênio. Sem dúvida, a primeira coisa é a vontade política. Outro fator de sucesso é o conhecimento da pedagogia que está sendo proposta, pela equipe da escola.

Rubens – Que valor a senhora acha que essas escolas Waldorf trouxeram para a comunidade?

Beatriz – No início acho que a comunidade não entendeu bem a proposta de trabalho, o trabalho centrado na arte e na parte emocional do aluno, o professor acompanhando a classe e a não seriação, possivelmente porque Friburgo é uma cidade altamente conservadora. Pra trazer coisas novas aqui é preciso muita luta e trabalho. A gente viveu isso em relação à população LGBT e às mulheres vítimas de violência. As políticas que temos hoje foram estabelecidas entre 2001 e 2008, quando tivemos uma prefeita de cabeça aberta, que enfrentava toda e qualquer situação para que as minorias, até porque mulher nem é minoria, fossem atendidas e tivessem visibilidade.

Rubens – Mas, independente das dificuldades de compreensão da pedagogia, qual a sua análise sobre os resultados para estas famílias que matricularam seus filhos nessas escolas?

Beatriz – O que eu percebi, na época, é que as famílias de classe média para cima não aceitavam a Pedagogia Waldorf (referindo-se à região de Conselheiro Paulino, onde fica a Escola Vale de Luz), mas as famílias das classes populares sim, porque viam os filhos se desenvolvendo, pois tinham oportunidades que não tinham dentro de casa nas comunidades onde viviam, pois eram muito carentes, inclusive de atenção dos pais. A dificuldade foi entrar nas classes mais abastadas.

As características da Escola Cecília Meireles já são um pouco diferentes daqui da Vale de Luz, pois está em um bairro de classe média alta. Lá as famílias mais abastadas aceitam a pedagogia e fazem força pra que os filhos estudem lá. Aqui na Vale de Luz é o contrário. As crianças são todas da classe popular. Como supervisora, eu observava que as crianças daqui da Vale de Luz avançavam bem mais depressa do que aquelas que ficavam ‘fechadas num regime de seriação’ (sistema com avaliação por médias bimestrais, reprovação e consequente reforço do insucesso). Só que não tenho esses dados numéricos, pois ficaram com o IENF.

Como secretária eu procurava valorizar tudo aquilo que pudesse agregar valor à educação municipal. Nós tivemos essa preocupação, de manter a escola Waldorf, ampliar seu atendimento em outro local, como também absorver outras pedagogias que pudessem melhorar tanto o nível da educação quanto o nível da comunidade em que ela se inseria. Trouxemos a Pedagogia de Valores Humanos e Pedagogia da Alternância, que é aplicada pela Escola Agrícola. Eram três experiências bem diferentes entre si, mas que se deram bem no lugar onde estavam, e a única que ampliou seu espaço foi a Waldorf.

Rubens – Com os cursos abertos que já se realizaram aqui, houve algum benefício para os demais educadores da rede, que não estão nas escolas Waldorf, algum enriquecimento para o seu trabalho?

Dioneson responde – Nossa experiência ‘extramuros’ é historicamente muito recente. Considero que a nossa interação nessa época não era tanta quanto poderia ser. Faltaram esforços para que num ambiente comum entre escolas, conseguíssemos falar a mesma língua. Faltava mostrar para

nossos colegas que, embora nossa prática fosse diferente, nossa meta era a mesma. Faltou trabalhar com um vocabulário que fosse compreensível para todos. Hoje, quando ministramos cursos abertos a professores de outras escolas da rede, procuramos usar o material que está disponível para todas as escolas. Então a gente leva aquilo que é um recurso nosso pra trabalhar dentro daquilo que é o currículo da rede. Nossa experiência então nos últimos anos – que foram anos difíceis, pois desde que a professora Beatriz saiu, já tivemos nove secretários de educação – de mostrarmos como trabalhamos aqui, de uma forma compreensível para o restante da rede, foi fundamental para que nosso projeto conseguisse ter continuidade.

Veja as fotos em slideshow na versão em nosso site

O público da escola

Na Escola Vale de Luz a grande maioria dos alunos é de famílias de baixa renda e muitos em situação de vulnerabilidade social. As matrículas são efetuadas a partir de um sistema de dados da prefeitura, que seleciona e matrícula segundo os critérios estabelecidos pelo Art. 8º da Portaria SME nº10 (10/10/2018), que reproduzimos abaixo:

Art. 8º – A distribuição das vagas será feita observando-se a disponibilidade física de cada Unidade Escolar e o tipo de atendimento prestado por ela, atendendo-se aos seguintes critérios classificatórios para alocação, em ordem decrescente de prioridade:

I – criança/adolescente com deficiência, na forma da Lei 13.146/15;

II – criança/adolescente que estava inscrito no cadastro de espera de 2018 e que não conseguiu alocação;

III – cuja família seja beneficiada pelo Programa Bolsa Família;

IV – proximidade da residência;

V – responsável legal ser servidor público municipal de Nova Friburgo;

VI – irmãos estudando na mesma instituição;

VII – origem na rede pública de ensino. §1º – Em caso de empate, a prioridade será do aluno mais novo.

Dioneson afirma que já foi crítico desse sistema durante muito tempo, mas chegou à conclusão que há uma beleza profunda nesse procedimento, que ele explica assim: *“A gente trabalha com quem vem. A gente não tem nenhuma tentação de fazer uma triagem, é uma vaga pública que é preenchida a partir de critérios. Isso hoje é muito bem cuidado, muito correto, a gente pode fazer críticas ao procedimento, mas trouxe essa beleza. A gente abre uma escola todo dia olhando assim: com as crianças que vierem a gente vai trabalhar; com os adultos que vierem a gente vai trabalhar. Isso é lindo, é poético, mas é desafiador demais.”*

A contratação de professores

Atualmente, quando a Escola Vale de Luz (assim como a Escola Cecília Meireles) precisa contratar um professor, ela não tem nenhuma autonomia para contratar um professor Waldorf. Diferente de uma escola Waldorf privada, que pode lançar um edital e selecionar o candidato mais adequado, aqui os professores do município são contratados mediante concurso público e cada um, de acordo com seu currículo, tem um determinado número de pontos que o classifica em uma lista, e os professores, de acordo com essa classificação, escolhem as vagas disponíveis. Assim, é possível um

professor escolher lecionar na Escola Vale de Luz só por ser perto de sua residência, por exemplo, mesmo sem ter nenhum conhecimento da Pedagogia Waldorf. É claro que, como as escolas Waldorf de Nova Friburgo já são muito antigas e conhecidas na região, o professor sabe que vai atuar dentro de um ambiente pedagógico diferente, ao qual ele vai ser convidado a se adaptar.

Dioneson informa que atualmente, a configuração dos quadros das duas escolas tem um número considerável de professores com formação Waldorf, porque ao longo da história, esses professores foram ingressando por meio de aprovação em concurso público, ou por permuta. Na classificação geral, acontece de terem que escolher outras escolas, assim como ocorre com outros professores. Quando isso ocorre, há todo um diálogo na tentativa de se fazer uma troca, o que é muito desgastante, pois de modo geral falta essa sensibilidade.

Considerações sobre a formação do professor Waldorf para atuar na rede pública

Segundo Dioneson, os seminários convencionais para formação de professores Waldorf não são suficientes para preparar professores para atuar numa rede pública, onde os materiais disponíveis nem sempre são os ideais, e a clientela da escola também é muito menos homogênea e mais carente do que em uma escola privada. Atuar com crianças com vulnerabilidade social e com pais que não entendem as diferenças e qualidades da pedagogia Waldorf, requer um outro tipo de preparação. Assim, no caso da Vale de Luz, essa preparação extra é feita na própria escola.

Desafios no relacionamento com as famílias

A realidade aqui é muito diferente daquela de uma escola Waldorf de gestão privada, onde os alunos são selecionados pela capacidade financeira dos pais e seu interesse pela pedagogia. Aqui a maioria dos pais pouco ou nada conhecem da pedagogia Waldorf, mas eles percebem que os filhos estão felizes na escola, e que elas querem vir para a escola. Pais de crianças egressas de outras escolas costumam notar e comentar essa diferença. No entanto, enquanto alguns pais gostam muito da escola, outros se incomodam com algumas atividades características da pedagogia, como os meninos fazerem tricô, por exemplo.

Outro fator que causa algumas dificuldades é a questão religiosa. Grande parte das famílias frequentam igrejas neopentecostais, e há pais que proíbem seus filhos de participar de atividades como uma Folia de Reis, por exemplo.

Há estresses relacionados também ao início do ensino fundamental.

Dioneson – *Alguns pais fazem comparações entre conteúdos dados em outras escolas e consideravam que a escola não ensinava ou ensinava menos. Essas críticas se dão entre os 5 e os 7 anos. E a maioria esmagadora dos pais não tem a menor ideia de como que esse processo se dá, como que se inicia, que o conteúdo se divide em ciclos e que ao final o aluno vai ter isso muito mais sedimentado. Não é fácil convencê-los disso. Então a gente até lida com um certo problema de fluxo de alunos do pai que quando chega nessa fase, tira da escola, (hoje menos, já tivemos mais) por causa desse mito de que a escola não ensina.*

A transição dos alunos do 5º ano Waldorf para o 6º ano de uma escola convencional

Normalmente, a transição de um aluno do 5º ano de uma escola Waldorf para o 6º ano de uma escola convencional, pode ser bem difícil e até traumática. Além de deixar de ter um professor de classe que o acompanha, e de precisar estudar cada matéria de forma mais fragmentada, passa a ter que utilizar o livro didático, uma tecnologia educacional que ele não conhece.

O compromisso da Escola Vale de Luz com sua comunidade transcende o período em que os alunos frequentam essa escola, sendo uma grande preocupação o sucesso deste aluno nos próximos passos da sua formação e o seu desenvolvimento como indivíduo autônomo, o principal objetivo de todo educador Waldorf. Assim, de uns anos para cá, a equipe resolveu criar uma metodologia pedagógica que pudesse auxiliar o aluno a se preparar para essa transição. Assim, passaram a ensinar aos alunos como usar os livros didáticos. Também visitam com estes alunos a escola onde vão estudar no próximo ano, para que já comecem a conhecer o espaço e as pessoas que os receberão lá no ano seguinte.

Dioneson – *Se já era difícil sair de uma escola com arte, com um professor que te acompanha, com uma abordagem humanizada, e cair numa escola seca, árida, fundamentalmente utilizando essa tecnologia, chegamos à conclusão de que precisávamos trabalhar essa tecnologia. Evidentemente não fazendo aulas a partir do livro didático, como se pratica, mas ir utilizando e aos poucos ir dando ao aluno uma proximidade com esse recurso tecnológico, pra que o aluno saiba pesquisar, entenda tecnicamente como uma questão é abordada ali. E isso foi uma ação de muito sucesso. O nosso compromisso é com essa comunidade, com esses alunos, com essa realidade.*

Neste vídeo, a professora **Laiana de Almeida Moreira** nos fala sobre o cuidado necessário em se preparar os alunos do 5º Waldorf, para a passagem para o 6º ano em uma escola pública convencional.



<https://www.youtube.com/watch?v=wTQKk9ffDIM>

As relações com a Secretaria de Educação

Ficou bem perceptível, a partir dos depoimentos obtidos, que existe uma estratégia da Escola Vale de Luz de se integrar da melhor maneira à rede municipal de educação. Como a Secretaria de Educação precisa apresentar resultados a partir do IDEB, por exemplo, mesmo esse tipo de avaliação não fazendo sentido para a maioria dos professores Waldorf, ela é feita na escola, pois aqui há uma compreensão de que, em um contexto de políticas públicas, ela faz sentido. Existe um cuidado especial para não estressar os alunos com isso, e não tem sido um problema para a escola realizá-la. Em 2017 o seu IDEB foi 6,0, um pouco acima da média do município.

Outra ação interessante nesse sentido é o projeto Arte na Escola, que já acontece há alguns anos. É um curso para formação continuada, ministrado por professores da Escola Vale de Luz, para grupos de 60 a 70 professores da rede, indicados pela Secretaria de Educação a cada ano. É realizado em cerca de 7 encontros no ano, e participam inclusive professores de escolas rurais multisseriadas, e também de classes multisseriadas de escolas urbanas, criadas em virtude de um programa de aceleração que visa diminuir a distorção idade / série. O que se faz então é trabalhar a partir do currículo da BNCC e da rede municipal, sob uma perspectiva artística e interdisciplinar, usando teatro, pintura, desenho e outros elementos da pedagogia Waldorf, e apenas com os recursos materiais que todas as escolas possuem. É muito importante os professores das outras escolas da rede perceberem que os professores Waldorf ensinam os mesmos conteúdos que eles, mas de uma outra forma.

Como contrapartida por ministrar esses cursos, a Associação das Crianças do Vale de Luz recebe uma subvenção do município que é suficiente para manter dois professores extras, como instrutores de ensino, profissionais que trabalham fundamentalmente o currículo artístico Waldorf, em cada escola (Vale de Luz e Cecília Meireles). Essa subvenção é para a Associação, para as duas escolas.

Dioneson – *Esse curso oferecido à rede é certificado, e no município de Nova Friburgo quando soma 200 horas de qualificação, o funcionário pode entrar com um pedido de adicional. Então as pessoas têm esse interesse. Um curso desse tem 40 horas num ano, já é uma parte de uma certificação para daqui a pouco entrar com uma ação para a classificação. Quem ministra o curso são os professores da Vale de Luz, geralmente uma dupla. Naquele dia, elas são substituídas e passam o dia dando curso. Os professores da rede têm demonstrado grande interesse e vão se municiando com novos recursos. Sempre atuamos na perspectiva de que o professor que vai a este curso não precisa saber, por exemplo, tocar flauta, violão, pois geralmente quem não tem essas habilidades pensa que não vai conseguir fazer isso. A ideia é tentar mostrar, nessas quatro horas, que ele é capaz de fazer.*

Dessa forma, esses recursos metodológicos passaram a ser replicados em outras escolas, e isso vai desmistificando a Pedagogia Waldorf, tonando-a mais conhecida e valoriza a Escola Vale de Luz perante a gestão municipal e os professores das demais escolas.



Escola Municipal Cecília Meireles - Nova Friburgo RJ

<https://www.institutoruthsalles.com.br/capitulo-iii-escola-municipal-cecilia-meireles/>

No dia 16 de abril de 2019 visitamos a Escola Municipal Cecília Meireles em Nova Friburgo e conversamos com 9 representantes da escola, membros da APCM – Associação Pedagógica Cecília Meireles, todas com outras funções também.

Destaques

1 – Como já vimos no caso da Escola Comunitária Municipal do Vale de Luz, a Escola Cecília Meireles também enfrenta dificuldades para contratação de professores especializados na Pedagogia Waldorf, para a formação e atualização de seus professores, para administrar a falta de materiais adequados e de professores de matérias que a prefeitura não disponibiliza (como trabalhos manuais, música, euritmia etc), mas a escola tem uma equipe muito dedicada a enfrentar e superar essas adversidades de forma muito positiva e inspiradora.

2 – Importância da organização – Chamou atenção a dedicação do grupo gestor, que se organiza para cumprir todas as demandas decorrentes da gestão da escola, com participação de mães e professoras nesse trabalho assumindo as diversas funções necessárias na Associação Pedagógica Cecília Meireles, no Conselho Escolar, na Associação de Pais e Funcionários e na gestão da escola.

3 – Engajamento da comunidade – Vimos também como é importante a escola ter uma comunidade de pais engajada em lutar junto à prefeitura pelas melhorias que querem na escola. Além de beneficiar a escola, essa atitude também acaba beneficiando o restante da rede pública. Por estar em um bairro nobre, a Escola Cecília Meireles tem em sua clientela uma maior quantidade de pais que conhecem a Pedagogia Waldorf, ou que até se mudaram para a região por causa da escola, o que ajuda seu fortalecimento.

4 – Aproveitando as competências dos professores – Como a prefeitura não fornece professores para algumas matérias próprias de uma escola Waldorf, procuram aproveitar as competências dos professores disponíveis. Assim, o professor de história, que também tem prática em marcenaria, dá aula de marcenaria e a professora de ciências, que tem mestrado em botânica, dá aulas de jardinagem.

5 – A Pedagogia Waldorf precisa ser mais conhecida – Esse desconhecimento é notório entre os educadores da rede pública em geral, pois essa pedagogia não é estudada nos cursos superiores. Assim, às vezes professores concursados escolhem ir para uma escola Waldorf sem fazer ideia do que se trata. E a cada troca de governo municipal é gerado um problema maior ainda, pois a equipe das escolas Waldorf conveniadas sempre têm que explicar aos novos gestores sobre a pedagogia e mostrar todo o trabalho que já realizaram, e lutar pela renovação do convênio.

Alguns dados básicos do município de Nova Friburgo

Município de Nova Friburgo RJ		
Indicador – dados do IBGE https://cidades.ibge.gov.br	Valor	Ano
População estimada	190.084	2018
População com renda nominal per capita de até ½ salário mínimo	25,80%	2010
IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental	5,9	2017
IDEB – Anos finais do ensino fundamental	4,4	2017
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal	0,745	2010
Mortalidade infantil – óbitos por 1.000 nascidos vivos	11,13	2017
Domicílios com esgotamento sanitário adequado	82,80%	2010

Pessoas entrevistadas

Talita Melone – professora do 6º ano, presidente da APCM, membro do Conselho Escolar e da Associação de Pais e Funcionários

Mirtes Garuba – professora do 1º ano e presidente do Conselho Escolar

Angelita Machado – mãe de aluno e membro da Associação de Pais e Funcionários

Jackeline Rocha – mãe de aluno e conselheira no Conselho Escolar, representando os pais

Natasha Kieds – mãe de aluno e membro da Associação de Pais e Funcionários e do Conselho de Pais

Gabriela Cordoeira – professora do 3º ano da manhã e do Jardim de tarde, membro do Grupo Diretor

Fabiane Moura – mãe de aluno, professora do 4º ano, vice-presidente da APCM, membro do Conselho Escolar e da Associação de Pais e Funcionários

Rosali Rodrigues – diretora adjunta

Karine Guimarães – professora do 2º ano

Endereço – Rua Tohoru Kassuga 218, Cascatinha – Nova Friburgo RJ – CEP 28621-360
ewceciliameireles@hotmail.com – Fone: (22) 2528-3192

Facebook - [link](#)

Possui classes do maternal II ao oitavo ano, uma de cada e 3 classes de pré-escola, atendendo 253 alunos em período integral em 2019. Cada classe tem dois professores, um professor no período da manhã e o outro à tarde. Os alunos recebem quatro refeições.

Conheça o Projeto Pedagógico – pdf

Segundo relato de Mara Rúbia, a Escola Municipal Cecília Meireles teve origem a partir do interesse de um grupo de antropólogos, pais e educadores, que criaram a Associação Pedagógica Nascente, e a primeira sala de aula foi a garagem da casa de Lúcia Casoy, em 1988. Após os primeiros 6 meses de atividade, o casal Gorsky ofereceu uma casa que abrigou a iniciativa com

mais espaço. O grupo trabalhou intensamente para manter o projeto, realizando encontros de estudo, buscando recursos e promovendo bazares, palestras, exposições e outros eventos, e a associação recebeu de Maria Hegerkamp uma herança, com a qual foi adquirido o terreno onde hoje é a sede da escola.

Em 1999, o terreno da Associação Pedagógica Nascente foi doado para a Associação Crianças do Vale de Luz, para que a Escola Nascente se tornasse pública. Esta passa a chamar-se então Escola Municipal Cecília Meireles, e começa no ano 2.000 como uma creche, atendendo em período integral e passa a oferecer o Ensino Fundamental a partir de 2003, já conveniada com a Prefeitura Municipal de Nova Friburgo. Nesse período a associação teve um projeto de construção aprovado pela Fundação Software AG, da Alemanha, que doou o valor para construção do prédio que hoje abriga todo o ensino infantil, a secretaria, sala de atendimento, cozinha e o pátio interno da escola.

Recentemente foi criada a Associação Pedagógica Cecília Meireles, composta por membros da comunidade escolar e colaboradores, com a finalidade de apoiar e assegurar a prática da Pedagogia Waldorf dentro da Escola Waldorf Municipal Cecília Meireles. Através de convênio com a Prefeitura Municipal de Nova Friburgo, que se responsabiliza pela manutenção da equipe de funcionários, alimentação e materiais básicos inerentes a toda e qualquer escola pública municipal. No entanto, há materiais inerentes à Pedagogia Waldorf que a prefeitura não fornece, assim como professores para matérias como música, marcenaria, trabalhos manuais, eurytmia etc. Buscar recursos para atender a estas demandas pedagógicas é um dos objetivos da associação.

Veja em nosso site as fotos em slideshow



As relações com a Secretaria de Educação

O convênio que a Escola Cecília Meireles tem com a prefeitura, através da Associação Pedagógica do Vale de Luz, precisa ser renovado periodicamente, e esse é sempre um momento de tensão. A cada nova gestão municipal, a escola precisa novamente se apresentar aos novos gestores, explicar o que é a Pedagogia Waldorf, contar todo o seu histórico, e esperar que o convênio seja renovado outra vez.

Regimento municipal para a educação – pdf

Uma demanda muito importante que a equipe da escola tem é que a Pedagogia Waldorf se faça mais conhecida no âmbito acadêmico e nas secretarias de educação, pois a grande maioria dos formados em Pedagogia, assim como dos professores com licenciatura não a conhece, e nem mesmo aqueles que trabalham na gestão da educação pública.

O público da escola

A escola está localizada em um bairro nobre da cidade e recebe alunos de famílias que moram nesta região, filhos de profissionais liberais, advogados, médicos, dentistas, funcionários públicos e também filhos de pessoas que trabalham no bairro, como jardineiros, empregadas domésticas e zeladores. A maior parte das classes está no seu número limite de alunos, que é de 25, exceto o 8º ano, que tem 12 alunos. Segundo Talita Melone, a escola atrai novos moradores para o bairro e recebe também alunos de outros distritos de Nova Friburgo. Há inclusive, famílias oriundas de outras cidades que se mudam para nova Friburgo em busca não só da qualidade de vida, mas também da Pedagogia Waldorf na escola pública. “Então, pra gente isso já é um indício de um reconhecimento amplo de um trabalho que a gente realiza há cerca de dezoito anos como escola pública”.

Parte das famílias optam por matricular seus filhos nessa escola por ser pública e em período integral, o que é um diferencial em relação a outras escolas da região, outras pelo fato de ser uma escola Waldorf. Há um grupo de pais que ajudam mais diretamente nas demandas da escola, participam da Associação e do Conselho de Pais, e até de mutirões para manutenção do imóvel, e um outro grupo maior que colabora por ocasião das festas escolares.

Talita contou-nos também que houve apoio decisivo dos pais em união aos professores para que a escola conseguisse implantar o segundo segmento do ensino fundamental, do 6º até o 8º ano, e também tiveram apoio de professores de outras escolas públicas – que também são pais da escola – professores universitários da cidade e empresários, em reconhecimento ao trabalho da escola.

A participação dos pais

A Escola Cecília Meireles tem muitos alunos que são filhos de pais que até poderiam mantê-los em uma escola privada, o que torna a clientela da escola diferente das demais escolas públicas do município. Esses pais costumam ser mais participativos e até mais conscientes dos seus direitos e do que uma escola pública deveria prover para os alunos. Várias professoras e funcionários também têm seus filhos na escola.

Talita – *A escola tem muita participação dos pais. Os pais vão muito à secretaria municipal de educação, fazem piquete, vão pra porta, fazem abaixo-assinado, enquanto não chega professor, enquanto não chega merendeira. Questionam a qualidade dos alimentos que vem, querem o melhor para os seus filhos. São pais muito atuantes. Não querem uma escola de nível médio. Querem uma boa escola para os seus filhos.*

Se todas as escolas tivessem pais participantes assim com certeza a educação no Brasil seria de muito melhor qualidade.

Para proporcionar aos pais um maior conhecimento sobre a Pedagogia Waldorf, a Associação Pedagógica Cecília Meireles promove seminários bimestrais com duração de um dia e meio cada encontro. É o projeto Paidagógico. Este ano esse projeto está sendo financiado pelo Instituto Mahle. A participação dos pais é importante na captação de recursos para a escola através da organização de eventos como festas e jantares, e há uma boa quantidade de pais trabalhando, tanto no pré-evento, durante e no pós-evento, o que ajuda muito os professores.

Há na escola um grupo de trabalhos manuais que se reúne todas as quintas-feiras das oito ao meio dia. Já teve patchwork, boneca Waldorf. Atualmente estão trabalhando com feltragem seca com a Natali, que é uma mãe da escola. Uma outra mãe ajuda com o crochê. A Rosali, diretora adjunta, já fez boneco bebê estrela com o grupo e iniciou o crochê. A Mirtes também fez parte deste trabalho com o grupo. Os trabalhos dependem da época. A cada ano o grupo vai se modelando, aproveitando as competências de cada uma.

Tem também o grupo dos “Pais transformando a Escola”. Esse foi o grupo de pais que fez o emboço ecológico em um dos prédios da escola. Tudo foi organizado por eles. É um grupo que faz pequenos reparos na escola quando pode ser feito. Capinaram uma área, fizeram reparos na sala de aula. Antes de começarem as aulas, vários grupos de pais pintam, arrumam, fazem a faxina e entregam a sala pronta para o professor. A parte estrutural, o patrimônio da escola não é da prefeitura, é da Associação, mas quando solicitada, a prefeitura envia materiais para a manutenção.

Dá para perceber de forma nítida que o conceito de escola pública comunitária está se realizando com sucesso na Escola Municipal Cecília Meireles. Aqui boa parte dos pais assume realmente a escola como sua.

VÍDEO dos pais trabalhando em mutirão - [link](#)



A contratação de professores

A Escola Cecília Meireles, como a do Vale de Luz, também enfrenta dificuldades quando precisa de um novo professor, pois não há no município um concurso específico para contratar professor Waldorf. Assim, acontece da escola receber professores que não conhecem a pedagogia. Há casos em que este professor se redescobre ao conhecer a escola, procura aprender com os colegas, começa a estudar e acaba se integrando muito bem, mas também há casos em que isso não acontece e prejudica o trabalho. Em novembro de 2018 foi feito um ofício solicitando à Secretaria de Educação

que seja feito um concurso público específico para as escolas que oferecem pedagogias diferenciadas, como a Pedagogia Waldorf. Veja em anexo:

Ofício Secretaria de Educação – pdf

Hoje, todos os seus professores do ensino regular são concursados, mas muitos ainda carecem de formação na Pedagogia Waldorf. Este é um dos grandes desafios para a escola.

Talita – *Temos professores que chegaram aqui sabendo que estavam vindo para uma escola Waldorf e que precisariam aprender essa nova linguagem. Temos professores que se aproximam bastante da prática pedagógica, até porque é uma necessidade diária, mas não se aproximam das premissas da pedagogia Waldorf e da antroposofia em si. E temos professores que resistem, demoram bastante tempo, e até saem da escola porque não se enquadram. Isso sempre existiu.*

Para atender o segundo segmento do ensino fundamental, houve uma parceria com o Poder Público. O atual Secretário de Educação entendeu sobre a importância do professor de classe que acompanhou a turma até o 5º ano pudesse continuar até o 8º ano. Esse tipo de professor não existe na rede pública a partir do 6º ano, apenas os professores de matéria. Foi acertado que os professores de classe, que tivessem formação, uma licenciatura e quisessem seguir com a sua classe, dariam as aulas de épocas em parceria com os professores de matéria. Não faria sentido, sendo uma escola Waldorf, que as aulas a partir do 6º ano fossem ministradas apenas por professores de matéria sem a relação de tutoria que o professor de classe tem com seus alunos e a interdisciplinaridade inerente a uma aula na escola Waldorf.

Talita – *A gente mantém a figura do professor de classe, que acompanha a turma todos os dias e o professor de matéria enviado pela prefeitura dá aula em conjunto com esse professor de classe quando ele está aqui. É um planejamento em conjunto. Por exemplo, agora eu estou numa época de História. A gente tem um professor de História na escola. Eu conduzo o planejamento nos dias em que ele não está. Eu dou as aulas. No dia em que ele está, eu conduzo a parte Waldorf anímica da aula. A parte rítmica sou eu que faço, porque eu sou a professora Waldorf, a história anímica sou eu que conto, o desenho, enfim, a parte do fazer da aula é planejado em conjunto com esse professor e ele, então, se insere dentro do planejamento da época. Eu brinco que é dar aula a quatro mãos. Não tem o piano a quatro mãos? A gente está aprendendo a dar aula a quatro mãos aqui. E tem experiências muito interessantes.*

Para cumprir da melhor maneira o currículo Waldorf, a escola procura aproveitar as competências dos professores disponíveis. Assim, o professor de história, que também tem prática em marcenaria, dá aula de marcenaria em parceria com outro professor de marcenaria formado na Pedagogia Waldorf, e a professora de ciências, que tem mestrado em botânica, dá aulas de jardinagem. Também há aulas de teatro e de circo. As principais carências são um professor de eurytmia, que a escola nunca teve, e um professor de música especialista. Embora os professores de classe ensinem flauta e cantem com os alunos, faz falta a leitura de partituras, e eles não têm condições de montar um coral e/ou uma orquestra.

Outra carência importante é um professor de língua estrangeira para as turmas de 1º a 5º ano, por não ser uma disciplina prevista dentro do ensino regular, para estas turmas.

Considerações sobre a formação do professor

A formação de professores, pelo que verificamos em praticamente todas as iniciativas Waldorf na rede pública, é um problema a ser resolvido. Como em Nova Friburgo a prefeitura ainda não realizou um edital de concurso específico para professor com formação em Pedagogia Waldorf, em boa parte dos casos, a formação fica por conta da própria escola.

Talita – *Hoje, o que agrava a nossa situação, é que a gente não tem uma estrutura que proporcione o seminário, a formação em pedagogia Waldorf de forma gratuita para esses professores. Nós somos professores da rede pública, temos rendimentos aquém do que seria o ideal para você pagar um seminário, e hoje, não temos nenhum projeto que nos viabilize, que nos propicie dar bolsas para esses professores.*

Hoje a Escola Cecília Meireles, assim como a Vale de Luz, recebem uma subvenção da prefeitura para manter dois professores formados na Pedagogia Waldorf atuando como instrutores de ensino junto aos professores sem a formação. Eles acompanham as aulas destes professores e vão aconselhando e ajudando no planejamento das aulas, mas o tempo que eles têm com esse professor não permite que se aprofunde o conhecimento dos fundamentos da pedagogia. Ajuda a melhorar a prática, mas não substitui uma formação estruturada e completa. A formação destes professores precisaria ser oferecida fora do horário de aula. O que tem acontecido é que a escola pleiteia bolsas para formação junto à FEWB, concorrendo com todas as demais escolas. Há também iniciativas dos pais da escola que bancam o envio de professores para o curso metodológico oferecido durante as férias pelo Instituto de Desenvolvimento Waldorf em São Paulo (IDW).

Talita – *Este ano foram três professoras. Agora em junho irão dois ou três professores ao Congresso dos 100 anos da Pedagogia em Piracicaba. Há professores que vão para o curso de Ciências, deste módulo mais curto em junho, em final de semana. O que começamos agora com a associação, é que de todos os eventos da escola que acontecerem pela associação, vinte por cento será destinado para a formação. Mas são mais de vinte professores sem formação, então é um paninho curto pra cobrir tanta gente.*

A prefeitura até oferece a formação continuada aos professores para o ensino regular, mas não dá suporte para a formação Waldorf, porque ela entende que isso é responsabilidade da associação. Mas o professor que faz essa formação Waldorf não recebe hora extra pelo tempo despendido, precisa pagar pelo curso e o curso não rende pontuação para sua classificação e evolução na carreira. Essa questão está sendo debatida pela Associação junto à Câmara de vereadores, e foi feito um abaixo-assinado para que no próximo concurso público seja contemplado o cargo de professor Waldorf.

A gestão como escola pública

Mirtes e Jackeline nos explicam como a escola associativa, como a Cecília Meireles, teve que se adaptar às normas de funcionamentos das escolas públicas, especialmente sobre o Conselho Escolar, sua estrutura, responsabilidades de funcionamento, e sobre a Associação de Pais e Funcionários, pessoa jurídica necessária para poder receber verbas públicas diretamente do governo federal, através do PDDE – Programa de Dinheiro Direto na Escola. Esta associação não se

confunde com a Associação Pedagógica Cecília Meireles, e é a UEX – Unidade Executora financeira dos recursos recebidos pelos programas incluídos no PDDE, dos quais a escola participa.

Explicaram também que o Conselho Escolar, formado por representantes eleitos da direção, dos professores, dos funcionários de apoio, dos alunos, dos pais e da comunidade, decide sobre as questões pedagógicas, administrativas e financeiras da escola como escola pública, e é o legítimo interlocutor dos seus interesses e demandas junto à Secretaria de Educação e demais instâncias públicas.

Angelita nos explica o funcionamento da Unidade Executora, que executa as verbas públicas através da Associação de Pais de Funcionários, da qual ela faz parte. Explica que cada programa precisa ter sua própria conta bancária para receber os recursos.

Notamos que há várias funções para serem ocupadas por relativamente poucas pessoas, pois se acumulam as instâncias próprias de uma escola Waldorf, como o Conselho de Pais, a Conferência Pedagógica, Grupo Diretor e a direção e conselhos da própria APCM, com as instâncias exigidas para a gestão pública, como o Conselho Escolar e a Associação de Pais e Funcionários e respectivas instâncias. Não é uma tarefa fácil, mas parece que a comunidade escolar está conseguindo administrar bem essas várias funções.

VÍDEO com Jackeline explicando as instâncias necessárias para a gestão da escola



<https://www.youtube.com/watch?v=HKZR8KFPpP8&>

A transição dos alunos

Diferente da Escola Vale de Luz, que só atende até o 5º ano, a escola Cecília Meireles já está atendendo até o 8º ano. Assim, há menos problemas relacionados à transição dos alunos para escolas com o ensino tradicional. No entanto, Talita relata que eles já estiveram também nesta situação, e que o assunto tinha que ser bem equacionado. No entanto, o que foi percebido nessa época, é que os alunos que tiveram mais dificuldades nessa transição foram os mesmos que já tinham demonstrado dificuldades durante seu período na escola.

Talita – Cada professor precisa ter ciência do que está sendo dado na escola regular e fazer uma equiparação com aquilo que é exigido pelo currículo Waldorf. Nós aqui conseguimos manter aquilo que é do currículo Waldorf. Até o momento, nada substancial precisou ser adiantado, substancialmente, como é o exemplo da história local, conteúdo específico de quarto ano, para crianças de dez anos. Quando a gente ia só até o quinto ano, sólidos geométricos, estudo de área e perímetro, ou porcentagem, que são conteúdos do sexto ano escolar Waldorf, até de sétimo, e tinha que introduzir no quinto ano, porque tinham essas avaliações externas, SAERJ, Prova Brasil. Então, a gente tinha que preparar as crianças de alguma forma, a partir da vivência desses conteúdos. Já que tem que aprender perímetro, então, como que a gente vai trazer isso de uma forma que não fira o desenvolvimento da criança naquela idade? Vamos fazer a vivência do perímetro, vamos fazer a vivência do metro quadrado, vamos esculpir em argila os sólidos geométricos. Para que, pelo menos na hora de preencher uma prova, que é de múltipla escolha, eles saibam identificar o que é um cilindro, ou um cubo, não porque a gente apontou na lousa, ou no livro, mas eles moldaram o próprio sólido, apesar deste ser um conteúdo do oitavo ano na escola Waldorf, onde a gente tem uma época de geometria, onde se aprofunda o estudo dos sólidos platônicos [...] Mas nesse sentido, até agora eu não vi no quinto e agora no oitavo, uma defasagem que justificasse trazer livro didático para a sala de aula, ou aplicar provas para ficar medindo o tempo todo para ver como é que eles estão se saindo. Eu ainda não observei isso como uma necessidade.

As avaliações

Os parâmetros adotados para avaliação são:

- Os conteúdos mínimos que as crianças precisam ao sair de nossa Escola;
- Os conteúdos de cada série sugeridos pela Secretaria de Educação
- A observação individual de cada criança como um indivíduo dentro destas perspectivas.
- As provas federais e municipais (provinha Brasil, Saerginho);
- A cada dia o professor avalia a progressão individual das crianças na realização de seus cadernos que são seu material de estudo;
- A participação ativa dos trabalhos em grupo;
- A metodologia de memorização dos conteúdos apresentados;
- A elaboração prática dos mesmos;
- A observação do aspecto socioafetivo e do interesse ativo dos alunos nas diversas atividades, além do conteúdo cognitivo.

A partir do 6º ano os pais recebem os boletins em casa.

A escola participa de todas as avaliações externas realizadas na rede de ensino, tendo um bom nível de rendimento. Segundo notícias da Secretaria Municipal de Ensino, as notas do Saerjinho, provas recém-implantadas na rede de ensino, apresentaram um ótimo nível de aprovação.

A carência de materiais adequados à Pedagogia Waldorf

Jackeline comenta que uma grande dificuldade da escola é conseguir materiais adequados para realizar a Pedagogia Waldorf da forma adequada, como aquarelas, papel de pintura, pincéis, flautas, giz de cera de abelha, lã de carneiro, agulhas, brinquedos de madeira etc. A prefeitura não pode fornecer materiais diferenciados para uma ou duas escolas. Todas as escolas da rede devem receber o mesmo material. Para conseguir esses materiais com os pais, também é difícil, pois muito não têm condições de comprar, e às vezes nem compreendem a necessidade. Há o cuidado de que todos os alunos usem o mesmo material, independentemente da classe social de sua família. O mesmo problema acontece com a merenda escolar fornecida pela prefeitura, que nem sempre é variada como deveria ser para as crianças.

Natasha Kieds – *Tem os anseios dos pais também que vem pela pedagogia Waldorf, vem de lugares diferentes do país para estar dentro da escola pública Waldorf. Esses pais querem que tenha o giz pra todo mundo, e a gente precisa comprar o giz e querem que tenha o arroz integral especial. É muito complicado lidar com essas duas questões. No Conselho de Pais a gente tem tido esse trabalho. Eu também acho um absurdo as crianças comerem biscoito cream cracker com suco de caju, mas eu não posso querer só para o meu filho, eu tenho que querer para o município inteiro. E se não pode ter para o município inteiro, a gente precisa buscar uma outra maneira de conseguir, sem querer exigir de todos os pais, até daqueles que não têm possibilidade.*

O grupo considera que boa parte dos pais está se conscientizando dessa visão mais coletiva de que o que ele quer para seu filho, precisa também querer para todos. Esse embate de demandas está ajudando a criar uma consciência comunitária mais forte. Se querem algo para a Escola Cecília Meireles, precisam ir ao Conselho Municipal de Educação e pedir para toda a rede. Essa vivência mostra o quanto uma escola Waldorf também é, na verdade, uma escola para os pais. Segundo Talita, “a gente percebe que é uma escola para que os adultos possam ser melhores para as crianças.”

Hoje, para tentar resolver a demanda por materiais adequados e formação para professores, a APCM lançou uma campanha de financiamento coletivo recorrente, através da qual as pessoas que se sensibilizarem com a causa podem fazer pequenas doações mensais à escola. Está disponível no link: <https://benfeitoria.com/apcm>

Que futuro visualizam para a escola?

Gabriela – *Eu ainda vislumbro muita coisa para essa escola e uma delas é a possibilidade da gente ter todos os nossos professores com a formação Waldorf, todos os nossos professores entregues à escola. Desgasta muito a gente ter uma escola pública em que nós somos obrigados a ficar com quem não quer estar aqui, porque não tem outra pessoa para vir. Isso é uma coisa que o Poder Público faz que desgasta demais a nossa pedagogia, porque eles mandam pra cá quem tem e não quem quer. E a nossa escola, a escola Waldorf é para quem ama o que faz, pra quem se dedica, não é para quem está de passagem.*

Rosali – *Eu estou aqui desde o primeiro prédio. E agora a gente está num impasse, que a gente cresceu para atender, mas a nossa mão de obra de recursos humanos Waldorf não cresceu junto. Então a gente está com uma carência de profissionais Waldorf e também de profissionais que amparem a outra parte Waldorf, que são os professores de música, de trabalhos manuais, de marcenaria, de eurytmia, essas outras atividades que a própria pedagogia entende que são necessárias para o melhor desenvolvimento da criança.*

Natascha – *Eu vislumbro que as pessoas possam chegar até aqui e ver o quanto nossa escola é boa, a qualidade que ela tem, mesmo sendo uma escola pública. Espero que as pessoas venham para cá por querer estar aqui, porque é bom estar aqui. Espero também que possamos expandir o que a gente tem, as práticas artísticas, e trazer coisas como o Extra Lesson, para podermos aproveitar o nosso potencial, porque é um potencial muito grande que temos aqui na escola.*

Fabiane – *Tudo isso que elas falaram e principalmente mais professores Waldorf na nossa escola, e que tenhamos profissionais na nossa escola que, mesmo não sendo professores Waldorf formados, queiram o melhor para os seus alunos. E que a gente consiga, com a Secretaria de Educação, plantar uma sementinha do que fazemos aqui nas outras escolas, para que todas as outras crianças tenham um pouquinho do que fazemos tem aqui.*

Mirtes – *Eu vislumbro o dia em que o Poder Público, a nossa Secretaria da Educação e as pessoas que lá estão, não olhem pra gente como se a gente fosse algo completamente estranho. Nós comemoramos no ano passado 30 anos de iniciativa antroposófica em Nova Friburgo. A gente não precisa virar a queridinha da cidade, nem a queridinha da Secretaria da Educação, mas de respeito, pois o que muitas vezes falta é um pouquinho de respeito ao diferente. É esse vislumbre que eu tenho, pois eu acho que a partir do momento que isso chegar, chegam os profissionais, vão querer contratar profissionais Waldorf, vão respeitar o nosso caminho, que é outro caminho, não é diferente, só é outro.*

Jackeline – *Eu tenho amigos que se formaram recentemente, que quando eu falei que vinha para Nova Friburgo por causa de uma pedagogia Waldorf, um falou: Waldorf? O quê? E acabou de sair da faculdade de Pedagogia. Quero que, pelo menos, entendam como essa escola funciona e que ela traz humanidade para a educação, pois isso está faltando. As crianças estão sendo educadas para serem peões e máquinas para repor e manter o sistema rodando, e a Pedagogia Waldorf mostra que primeiro é o ser humano, e que como ser humano ele tem o direito de conseguir escolher o caminho que quiser. Acho que a gente é uma vanguarda e a Escola Cecília Meireles precisa ser muito acolhida. A gente também precisa fazer esse trabalho na secretaria municipal de educação.*

Fabiane – *Eu tenho 20 anos de prefeitura, e trabalhei por dez anos aqui pertinho, e nem sabia que aqui era uma pedagogia diferente. Então, eles não sabem. Se vc fala a outros professores que quer ir para o Cecília Meireles, eles falam: “Vc tem certeza? Lá trabalha muito! Lá é diferente! Você vai ter que saber se você vai se adaptar.” Mas eles não sabem te dizer por que é que é diferente. Eu demorei dez anos para cair de paraquedas aqui. E pra vir com todos os maus conceitos que eu tinha daqui. “Não ensina. São bichos grilos. Você não vai se adaptar.” Então você já vem armado. E eu demorei dez anos para dar uma educação com essência para as minhas crianças. Dez anos que eu fui impossibilitada de passar isso aqui para as minhas crianças que hoje já são professores, advogados, fazendo medicina. Quanto tempo demorei para eu saber sozinha fazendo cursos, fazendo palestras daqui, trazendo vivências. A própria secretaria está perdendo, não só com a gente, mas também com outras escolas, tesouros. Isso aqui é um legado. E eles estão deixando de*

levar isso pra vida, pra vida dos filhos, dos vizinhos. Que pena que a própria secretaria de educação não tem conhecimento dos seus profissionais.

Depoimentos em VÍDEO

Talita Melone

O que eu mais considero como patrimônio, como conquista dentro da minha trajetória na escola, é realmente poder acompanhar a biografia destas crianças, poder estar junto com elas todos os dias, religiosamente, ritmicamente, poder vê-los crescer, acompanhar sua história de vida, pode ver as pequenas e as grandes conquistas, e poder fazer parte de uma estrutura que promove o desenvolvimento integral do ser humano.

Assista o depoimento completo



<https://www.youtube.com/watch?v=U2Qe5VZ0hd4&>

Karine Guimarães

A dificuldade de um professor que vem de um concurso público para cá é você se despir de tudo que você sabe e se abrir para você conhecer tudo que a Pedagogia Waldorf tem para te apresentar. Você precisa deixar um pouco toda a experiência que você tem, para se preencher de uma experiência nova. Isso para mim foi libertador. [...] É realizador está aqui. Eu amo essa escola!

Assista o depoimento completo



<https://www.youtube.com/watch?v=5GRfugPSvhY>

Rosali Rodrigues, diretora adjunta, nos apresenta alguns espaços da escola



<https://www.youtube.com/watch?v=VDGjCMgooOw>

Escola Municipal Araucária – Camanducaia MG

<https://www.institutoruthsalles.com.br/capitulo-iv-escola-municipal-araucaria/>

Estivemos em Camanducaia visitando a Escola Araucária duas vezes nas exposições pedagógicas anuais, em 2017 e 2018. Nestas ocasiões conversamos com vários professores sobre a escola e gravamos apresentações das exposições pedagógicas, que são muito lindas e estão disponíveis no nosso site, neste [link](#).

Não foram gravadas entrevistas especificamente para esta pesquisa, pois não houve disponibilidade da equipe da escola na época de sua realização. As informações publicadas abaixo são fruto de nossas observações, vídeos institucionais, pesquisas, conversas com Rebecca Wagner Ciscato, que é membro da Associação Pedagógica Bom Jardim, e um relato histórico escrito por Evelyne Ruth Loewens. Estamos disponibilizando também dois vídeos produzidos pela escola, onde há um depoimento de seu fundador, Sr. Humbertus Adolf Loewens (in memoriam), de alguns professores, ex-alunos, pais e com algumas imagens das atividades com os alunos.

Destaques

A Escola Municipal Araucária tem algumas características bem especiais, que a diferem das outras escolas Waldorf conveniadas com prefeituras que visitamos.

1 – A Associação Pedagógica Bom Jardim, mantenedora da escola, tem conseguido arrecadar recursos para construir e conservar uma linda escola, que nada fica a dever para as escolas Waldorf mais bem estruturadas de que dispomos, consegue prover a escola com os materiais que a prefeitura não fornece e tem conseguido complementar os salários dos seus professores, que são todos formados na Pedagogia Waldorf.

2 – Por ser uma escola municipal rural e a única num raio de 23 quilômetros, com ensino do jardim de infância até o 9º ano do fundamental, é muito importante para a prefeitura manter o convênio, pois caso contrário, não haveria outra escola pública para atender àquela população.

3 – Como 9 de seus 14 professores são da própria comunidade, e todos já tem formação em Pedagogia Waldorf, há muito pouca rotação de professores.

4 – Atuando na região há mais de 40 anos influenciou diretamente a cultura na região, pois praticamente todos dali com menos de 50 anos foram seus alunos. Assim, hoje quase não sofre com o estranhamento sobre a pedagogia, que ocorre em outras escolas conveniadas, quando os pais matriculam seus filhos por morarem perto da escola, mas sem conhecer nada sobre a pedagogia Waldorf. Pelo contrário, há várias famílias que se mudaram para a região por causa da escola.

5 – A Escola Araucária, por ser a única na região, é um ótimo exemplo de como uma escola bem estruturada e com uma pedagogia humanizada, emancipadora e focada no desenvolvimento integral do ser humano, tem o poder de transformar uma comunidade nos aspectos culturais, sociais e econômicos.

Alguns dados sobre o município

Município de Camanducaia MG		
Indicador – dados do IBGE https://cidades.ibge.gov.br	Valor	Ano
População estimada	21.738	2018
População com renda nominal per capita de até ½ salário mínimo	35,05%	2010
IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental	5,9	2017
IDEB – Anos finais do ensino fundamental	4,5	2017
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal	0,689	2010
Mortalidade infantil – óbitos por 1.000 nascidos vivos	10,71	2017
Domicílios com esgotamento sanitário adequado	66,30%	2010

Endereço – Bairro Bom Jardim – Camanducaia MG

escolaaraucaria@gmail.com

Facebook

Instagram

A Escola Municipal Araucária atende atualmente 160 alunos do jardim de infância ao 9º ano do ensino fundamental. A equipe atual do corpo docente é formada por 14 professores, todos com formação em pedagogia Waldorf. Destes, nove são da comunidade, três migraram de outras cidades e um é membro da família fundadora da Escola.

Sua história começou com o casal Humbertus Adolf Loewens e Evelyne Ruth Loewens, que adquiriu uma propriedade rural em 1970, na região conhecida como bairro Bom Jardim, que fica a cerca de 23 quilômetros da sede do município de Camanducaia, por estrada de terra, no sul de Minas Gerais. Iniciou lá a construção de uma casa, e, quando foi fazer o primeiro pagamento aos empregados da obra, o Sr. Humbertus descobriu que ninguém sabia assinar o nome. Todos eram analfabetos, pois não havia nenhuma escola na região. Houve uma, a meio caminho da cidade, que era instalada em um barraco de pau-a-pique e havia fechado por falta de professor. Decidiu então propor ao município que poderia construir uma pequena escola, se o governo arcasse com o pagamento de uma professora.

O Sr. Humbertus empreendeu então uma peregrinação pelos meandros da administração pública mineira, para conseguir realizar o seu intento. Começou em 1971, conversando com a diretora do colégio de Camanducaia, que passou a questão para a Inspeção de ensino em Cambuí, que passou a questão para a Delegacia de ensino em Itajubá, que passou a questão para a Secretaria Estadual de Educação em Belo Horizonte. Após inúmeras idas e vindas, em 07/08/1975, após já terem construído a escola, conseguiu uma autorização para a escola funcionar mas não conseguiu a contratação da professora pelo estado. Essa incrível história de perseverança é contada por ele com detalhes no vídeo abaixo.

Sr. Humbertus então propôs aos amigos, todos de São Paulo, criar uma associação e levantar recursos para poderem pagar uma professora, e foi criada a Associação Educacional Bom Jardim. Na época foi conseguida uma doação do terreno onde a escola está até hoje, com um hectare, e que depois com outras doações e aquisições aumentou para onze hectares. A escola começou com cerca

de 40 alunos, porque muitos adultos na região quiseram estudar também. Ser uma escola Waldorf era um sonho distante, mas estava nos planos desde o início, tanto que nos estatutos da associação já constava que, caso a associação fosse extinta, seu patrimônio passaria para a Escola Waldorf Rudolf Steiner, de São Paulo.

Documentário sobre a Escola Araucária



https://www.youtube.com/watch?time_continue=4&v=Ciyq1hao9f4

Após alguns anos a escola passou a ser conveniada com a prefeitura de Camanducaia, e desde então os professores passaram a ser remunerados pela prefeitura, com contratos temporários que são renovados anualmente. Esse formato também vimos em outras escolas conveniadas. Segue abaixo o edital publicado neste ano, onde está especificada a contratação de professores formados na Pedagogia Waldorf.

Edital-001-2019 [pdf](#)

No entanto, durante os primeiros anos foi difícil manter uma professora para lecionar num local tão distante. No início dos anos 80, um grupo de pessoas ligadas à Pedagogia Waldorf começou a se reunir para apoiar a escola, a professora e as crianças, inclusive aos fins de semana, mas a grande mudança começou em 1988, conforme relata Evelyne Loewens:

Evelyne – *Era difícil cativar uma professora que assumisse efetivamente o trabalho na escola por um período letivo integral. Finalmente, em, 1988, Ursula Ropke, professora formada com curso superior em Física e pós-graduação em Astronomia resolveu assumir a Escola e mudou-se com sua família para a região. Desde então, a escola tem funcionado ininterruptamente, aumentando gradativamente seu número de alunos e professores. Com a chegada, em 1990, de Christiano Loewens, ex-professor de classe da Escola Waldorf Rudolf Steiner de São Paulo, a escola recebeu um impulso direcionado à pedagogia Waldorf, que tem sido implantada desde então. Em 1992, se juntou à escola Christa Ropke recém-formada pelo Seminário de Pedagogia Waldorf de Stuttgart. Agora, todos os professores participam regularmente de cursos de reciclagem e de seminários Waldorf. Sem grande alarde, portanto, foi acontecendo uma coisa naquela época inédita no Brasil: a Escola Araucária tornou-se a primeira escola pública com currículo Waldorf oficialmente aprovado pela Secretaria de Ensino.*

A Associação Educacional Bom Jardim tem utilidade pública municipal e estadual, e faz um aporte mensal de cerca de R\$ 40.000,00 ao orçamento da Escola, para a complementação de salários, a formação continuada dos professores e também a compra de material didático. Este investimento é fundamental para a continuidade do trabalho pedagógico Waldorf, pois os salários que a prefeitura paga aos professores são muito baixos, e, como em outros municípios, a prefeitura fornece apenas os mesmos materiais que fornece às demais escolas e que não atendem a todas as demandas desta pedagogia. A associação realiza campanhas para arrecadação de fundos e para a adoção de alunos. Você pode conhecer duas dessas campanhas nos links abaixo:

Adote um aluno da Escola Araucária – pdf

Campanha “O prato é meu” – link

Veja na versão em nosso site um slideshow de fotos



Na Escola Araucária os professores têm todas as condições para realizar a Pedagogia Waldorf de forma plena. Além da excelente estrutura das salas de aula, há um espaçoso refeitório com cozinha, sala para trabalhos manuais, marcenaria, padaria, biblioteca, secretaria e uma horta, além de três moradias para professores. Tudo foi construído com recursos angariados pela associação. Comparando com as grandes escolas

comunitárias privadas, falta apenas um professor de Eurytmia. Todos os demais aspectos e atividades inerentes à pedagogia são realizados, e suas festas, bazares e apresentações culturais são muito concorridas, transformando a escola no polo cultural do bairro.

De uma região onde a grande maioria era de analfabetos, e que quando as crianças iam à escola só cursavam até a quarta série, hoje, além do analfabetismo ser zero, saem jovens que já seguiram carreiras como Medicina, Direito, Enfermagem, Pedagogia, Artes Cênicas, Música, Arquitetura, Zootecnia, Agronomia, Administração, Turismo e Hotelaria entre outras profissões.

A vida comunitária no bairro gira em torno da escola. Evelyne considera que *“um dos aspectos mais importantes, contudo, é que graças a tudo isto os jovens cessaram de migrar para as cidades, onde o triste destino de tantos era acabar nas favelas”*. Já estão surgindo novas iniciativas por parte dos moradores, muitos deles ex-alunos da escola, que já não se contentam mais em continuar com a minguada agropecuária de subsistência praticada pelos pais.

Segundo Rebecca Ciscato, o surgimento da escola foi fundamental para o desenvolvimento socioeconômico na região. Com ela surgiram em seu entorno pousadas, comércios, atividades culturais e esportivas que até hoje não existem em outros bairros rurais do município. Pode se reconhecer seu o impacto de diversas formas: na escolaridade da comunidade, na sua empregabilidade, nas condições de moradia e na sua atuação comunitária e política.

Veja neste vídeo algumas atividades dos alunos



<https://www.youtube.com/watch?v=4NOQ6VT4EN8>

Escola Murundu - Palmeiras BA

<https://www.institutoruthsalles.com.br/escola-murundu-palmeiras-ba/>

A Escola Murundu é um projeto da Associação Comunitária Murundu, uma associação civil sem fins lucrativos, criada em 2017, localizada em Palmeiras, no sertão semiárido da Bahia, a cerca de 445 km de Salvador. Entrevistamos a gestora da associação, Ana Cláudia Costa Destefani, e três professoras.



https://www.youtube.com/watch?time_continue=3&v=V-llej4t-C4

Destaques

1 – Gestão – Na opinião de Ana Cláudia, a gestão é o maior desafio e fator mais importante para uma Associação, que precisa captar recursos financeiros para sua sobrevivência, ter sucesso. Só com o idealismo ela não se sustenta. Essa preocupação fica muito evidente quando visitamos o site da Murundu. Todas as informações estão muito bem organizadas, e a preocupação com a transparência fica nítida. O encontro de Gestores 2018 oferecido pela FEWB, em especial a palestra com Leila Novak, foi o impulso para toda essa organização. Documentos como estatuto social, atas de reuniões, balanços, boletins informativos, visão estratégica, plano de metas e relatório anual de atividades estão todos disponíveis no site. Isso dá mais credibilidade para a associação, tanto perante o poder público como perante possíveis patrocinadores. Alguns destes documentos você pode acessar abaixo:

[Visão Estratégica.pdf](#)

[Murundu-informativo 2019.pdf](#)

[Murundu-informativo 2.pdf](#)

[Murundu-informativo1.pdf](#)

[Círculo dos sonhos.pdf](#)

2 – Formação de professores – As três educadoras da Escola Murundu estão fazendo sua formação na Pedagogia Waldorf em Aracaju, que fica a 750 quilômetros de distância do município de

Palmeiras. Isso representa um custo alto para a associação. O que faz falta à maioria das iniciativas com Pedagogia Waldorf na rede pública é ter a formação mais acessível.

Ana Cláudia – *Se a gente conseguisse ter a formação acessível, seria um caminho para uma escola municipal Waldorf. A formação online eu acho que seria maravilhoso. Os cursos da Disciplina Positiva são assim. Tem uns módulos online e outros que são práticos, presenciais. Daí você tem uma plataforma e acessa. Sendo online, pode-se pegar boas formadoras, podendo gravar até na casa delas.*

3 – Adaptação cultural – Outra questão importante para as iniciativas pioneiras, em regiões onde ainda não há escolas Waldorf mais antigas, é a adaptação dos conteúdos, como histórias, versos, cantigas, rodas, brincadeiras e trabalhos manuais à cultura da região.

Ana Cláudia – *Às vezes, as professoras vêm do curso com uma roda, mas que não tem nada a ver com as crianças dali. O desafio é digerir essa teoria para aquele sertão, com aquela história, para aquelas professoras.*

4 – Integração na comunidade – Para que a comunidade local aceite bem a iniciativa, é fundamental torná-la protagonista do projeto. Para isso a Murundu está bancando a formação de educadoras da própria comunidade, e já sentiu que fez muita diferença. Palestras e oficinas sobre a pedagogia, e a Escola de Pais, também têm sido importantes.

Ana Cláudia – *Decidimos trazer as pessoas da própria cidade para trabalhar aqui, e foi impressionante como mudou o olhar da comunidade perante a escola. Aí começaram a chegar mais alunos e também foi fechado o convênio com a prefeitura.*

Alguns dados básicos do município de Palmeiras BA

Município de Palmeiras BA		
Indicador – dados do IBGE https://cidades.ibge.gov.br	Valor	Ano
População estimada	8.961	2018
População com renda nominal per capita de até ½ salário mínimo	50,70%	2010
IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental	5,2	2017
IDEB – Anos finais do ensino fundamental	3,5	2017
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal	0,643	2010
Mortalidade infantil – óbitos por 1.000 nascidos vivos	17,96	2017
Domicílios com esgotamento sanitário adequado	28,10%	2010

Endereço – Rua Alto do Renério 74, Palmeiras BA – Cep: 46.930-000

Email: associacaomurundu@gmail.com

<https://www.associacaomurundu.com.br>

Nosso primeiro contato com a Associação Murundu foi através de três professoras que estavam participando de um módulo de formação para professores Waldorf, realizado em Aracaju em abril de 2019, pelo Instituto Social Micael. Nessa ocasião, realizamos uma entrevista com as professoras

Valentina Maria Navarro, Edineia Macedo da Silva e Fabrícia Souza dos Santos, que você pode assistir neste vídeo.



<https://www.youtube.com/watch?v=IEbgTTnrlMk>

Valentina também nos contou que participou da criação da Associação Murundu, junto com mais 8 pessoas, num projeto construído através da técnica Dragon Dreaming⁽¹⁾ e que foi um processo bastante efetivo.

Posteriormente, buscamos informações no site da associação, que é muito bom, conversamos por telefone e internet com Ana Cláudia Costa Destefani, presidente do Conselho de Administração da Murundu, e a entrevistamos pessoalmente em São Paulo em 7/06/2019. Com estas fontes de informação compusemos este relatório.

A Associação Murundu tem como foco contribuir para diminuir a situação de vulnerabilidade social do município de Palmeiras. Conforme publicado em seu site, tem como missão “deixar o mundo mais belo, pela arte, cultura de paz e sustentabilidade, fortalecendo os valores humanos e a diversidade de saberes à luz da Antroposofia.”

Embora criada há pouco tempo, a Murundu já possui um histórico muito interessante. É gestora de um Projeto Social que abrange: 1) a Escola Murundu, inspirada na Pedagogia Waldorf, tem uma sede própria construída com técnicas sustentáveis, e tanto a aquisição do terreno como a construção foram custeados por doações dos fundadores. 2) o projeto Minha Gente, através do qual possibilita a formação de mulheres do município em Pedagogia Waldorf; 3) o projeto Arca tem como objetivo oferecer cursos, oficinas, vivências, intercâmbios e eventos das diversas expressões artísticas e de ofícios populares e tradicionais. Sua sede será construída em terreno cedido pela prefeitura, com doações vindas da Suíça.

Tem um Jardim de Infância para crianças entre 2 e 5 anos, onde procura “oferecer experiências que conduzam ao desenvolvimento integral do ser humano, à valorização da infância, à integração social e à participação das famílias, com respeito ao tempo de desenvolvimento de cada um, em atividades integradas à vida”. Com um compromisso de atender pelo menos 50% de bolsistas, a escola hoje tem 26 alunos, dos quais apenas 4 são pagantes, e os demais são mantidos por padrinhos e por financiamento coletivo.

A Associação Murundu tem como foco atender dois bairros em situação de vulnerabilidade social da cidade: Casinhas e o Mutirão. No Mutirão foi realizada uma pesquisa social que está sendo tabulada e a mesma será realizada no bairro Casinhas. Esta pesquisa tem por objetivo mostrar as reais necessidades dessas localidades, para que a Murundu possa planejar suas ações pautadas nessas demandas.

Veja na versão em nosso site slideshow de fotos



Segundo Ana Cláudia, um grande desafio da associação é integrar a população local ao projeto. Trata-se de uma região onde, embora o ecoturismo esteja em expansão, a principal atividade ainda é o garimpo (diamantes, carbonatos, cristal-de-rocha e calcário). A grande preocupação da população local é sua sobrevivência básica e não tem a cultura de se mobilizar por uma causa social.

Para ajudar na integração da comunidade com a escola, assim como na aceitação da Pedagogia Waldorf, a Murundu optou priorizar ter como professoras mulheres em situação de vulnerabilidade social, da própria comunidade, e lhes proporcionar formação nesta pedagogia. Essa escolha se deu porque professoras vindas de outras cidades costumam ter dificuldades em se adaptar à comunidade local e de serem bem aceitas por ela. Através também de uma escola de pais, coral de pais, das atividades da escola e suas festas e eventos, tem conseguido ampliar sua integração com a comunidade.

Sabemos que a tarefa de educar se inicia nos lares e se estende até a comunidade escolar. Por isso, cada vez mais e a cada dia, os laços entre famílias e escola, precisam ser estreitos e a Escola de Pais tem este objetivo, além de nos ajudar a sermos boas famílias para o mundo. (site da Murundu)

Houve muita dificuldade para a prefeitura autorizar o funcionamento da escola, porque nunca houve uma escola de iniciativa privada no município antes. Quase tiveram que pedir a autorização de funcionamento por meio da regional situada fora do município para poderem funcionar, mas, a Murundu optou por ajudar o município a se instrumentalizar para dar a Autorização de Funcionamento. A partir desta decisão, a prefeitura convidou a Associação Murundu para firmar um convênio, que também foi o primeiro a ser realizado no município. São atendidas no período contra turno escolar crianças que demandam muita atenção por estarem sujeitas a sérias vulnerabilidades sociais. Conheça aqui o **Convênio**.

O convênio permite que os alunos da escola entrem no cômputo de alunos do município para fins de auferir os recursos federais do FUNDEB⁽²⁾ e, em contrapartida, a prefeitura fornece ônibus para a condução de alunos e a partir de 2020, fornecerá alimentação para as crianças e arcará com o pagamento de uma das professoras. A Murundu tem autonomia administrativa e pedagógica.

O contra turno hoje é a grande preocupação da Murundu, uma vez que é composto por crianças com vários problemas de desenvolvimento ou que sofreram ou sofrem abusos, e a creche municipal não tem tido sucesso em lidar com esses casos. Elas ficam duas horas por dia na Murundu, os pais são ausentes e as crianças apresentam muitos desafios. A Associação passará a oferecer uma fonoaudióloga que trabalha com o método Padovan, para ajudar nessas necessidades.

Desde o início do Jardim de Infância foi realizado o contato com a FEWB, que indicou a tutora Cristina Del Rey para acompanhar a escola. Além da tutoria trimestral, a escola é sede dos Encontros de Interessados em Pedagogia Waldorf na Chapada Diamantina, que oferece para os educadores da rede particular e pública vivências em Pedagogia Waldorf. São encontros bem práticos: construção de bonecas, analisar desenho de criança, fazer bola, contar histórias.

O que é um murundu?

É um tipo de cupinzeiro muito grande construído com terra endurecida. É típico dos cerrados do Brasil central e a associação tem um no seu quintal! Veja!



1) *Dragon Dreaming é uma metodologia criada pelo australiano John Croft, que leva em conta os sonhos das pessoas para mantê-las engajadas em projetos criativos que gerem crescimento pessoal, senso de comunidade e sirvam à Terra. (<http://dragondreamingbr.org/o-que-e/>)*

2) *FUNDEB – O valor anual mínimo nacional por aluno/ano dos anos iniciais do ensino fundamental urbano foi estimado para 2019 em R\$ 3.238,52. (dados da Confederação Nacional de Municípios)*

Escola Waldorf Anael - Várzea da Roça – BA

<https://www.institutoruthsalles.com.br/capitulo-vi-escola-anael/>

Tivemos a oportunidade de entrevistar quatro professoras da escola que estavam participando do módulo de formação em Pedagogia Waldorf em Aracaju, SE, em 19/04/2019. Conversamos por telefone com Gevaldo Almeida da Silva, administrador da escola e trocamos e-mails com Doris Knipping, que desde 2007 presta um apoio voluntário decisivo à escola, tendo sido, inclusive, doadora do terreno onde a escola está instalada hoje.

Destaques

1 – Dentre todos os municípios onde temos escolas Waldorf na rede pública, Várzea da Roça é o que tem menor IDH (0,539). Como a prefeitura não sustenta todas as despesas da escola e a comunidade tem poucos recursos, a necessidade de apoios externos é muito grande, o que deixa a associação sempre tendo que correr atrás de doadores para aquilo que a prefeitura não banca. Eles já conseguiram muita coisa, como apoiar a formação de 17 professores desde sua fundação, construir boas salas de aula, uma cisterna de 50.000 litros, um poço artesiano etc, mas é uma situação sempre delicada, com muita dependência nesse aspecto do idealismo, dedicação e tenacidade de Doris Knipping para angariar recursos.

2 – Há também dificuldade para formar e manter sua equipe de professores, devido aos baixos salários que a associação tem condições de pagar. Iniciativas Waldorf em regiões pobres, como Várzea da Roça, precisam de muito apoio para poderem se manter de forma mais sustentável, e devem ser olhadas com carinho pela comunidade Waldorf, pois elas têm um trabalho de muito valor e que precisa ser preservado.

3 – O desconhecimento sobre a Pedagogia Waldorf é um problema sempre citado por aqueles que atuam nas escolas Waldorf públicas, pois sempre há um estranhamento em relação à pedagogia entre os demais professores e gestores públicos do município, o que acaba criando dificuldades para o projeto, principalmente em uma cidade pequena.

Alguns dados básicos sobre o município

Município de Várzea da Roça BA		
Indicador – dados do IBGE https://cidades.ibge.gov.br	Valor	Ano
População estimada	14.087	2018
População com renda nominal per capita de até ½ salário mínimo	55,20%	2010
IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental	3,6	2017
IDEB – Anos finais do ensino fundamental	2,9	2017
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal	0,539	2010
Mortalidade infantil – óbitos por 1.000 nascidos vivos	11,98	2017
Domicílios com esgotamento sanitário adequado	18,20%	2010

Endereço – Rua Aramari s/n, Várzea da Roça BA – CEP 44635-000
doris@projuventutebahia.org
<http://www.projuventutebahia.org>
Facebook

Hoje a escola tem 100 alunos matriculados, sendo 60 no ensino fundamental e 40 no jardim de infância. No jardim de infância há duas classes com 2 professoras e 2 ajudantes, 5 professoras no ensino fundamental do 1º até o 5º ano, 1 professor de música, 1 coordenadora – que foi a primeira professora da escola e já tem bastante experiência, 1 administrador, 1 secretária, 1 cozinheira, 1 auxiliar de limpeza, dois professores alemães voluntários (Doris Knipping e Ekkehard Sommer) com muita experiência e até 4 voluntárias da Alemanha, que ficam durante um ano.

O histórico sobre a Escola Waldorf Anael que apresentamos abaixo está publicado no site da escola, que contém muita informação sobre essa iniciativa.

Inspirado no diário de Ute Craemer “Favelakinder” (publicação da Editora Freies Geistesleben), o médico antroposófico aposentado, Wolfgang Knipping, visitou a favela Monte Azul em São Paulo no Brasil em 2003 e concluiu: *A novidade na proposta de Ute Craemer reside no fato de ela investir em um desenvolvimento sustentável. Mudar a situação nos países pobres não significa fazer reivindicações utópicas ao governo, mas, sim, favorecer a transformação do indivíduo, de modo que ele se conscientize de suas habilidades criativas e aprenda, cada vez mais, aplicá-las.* (in: jornal “Reutlinger Generalanzeiger”).

Em 2007, Doris e Wolfgang Knipping decidiram, determinados por esta concepção, unir esforços junto à iniciativa Waldorf em Várzea da Roça, no sertão seco da Bahia, marcado pelo êxodo rural. Assim foi fundada a Associação Pedagógica Waldorf Várzea da Roça, em companhia de 15 professores locais, que assumiram a gestão de todo o projeto nos anos seguintes. Inicialmente esta sociedade contou com o acompanhamento de uma associação alemã, que angariou doações para as construções no estabelecimento, que ocorreram gradativamente. Em 2010, o gerenciamento das doações foi gentilmente assumido pelo órgão de fomento alemão “Freunde der Erziehungskunst Rudolf Steiners”.

As questões educacionais e a administração escolar são de responsabilidade do colegiado que se encontra em uma reunião semanal e de uma conferência interna, composta pelo diretor oficial, um ou dois professores da escola, um gerente administrativo, um representante da associação e por um consultor experiente, quando há oportunidade. A conferência interna reúne-se quando necessário e as reuniões da associação ocorrem uma ou duas vezes por ano. Os associados são todos os funcionários, pais da escola e alguns simpatizantes da proposta. Eles também contribuem para o sucesso do trabalho através da sua assistência e apoio.

Há bastante informação no site da escola, vídeos, muitas imagens e circulares periódicas publicadas desde 2011, que contam sobre as novidades na escola. Veja neste link:

<http://www.projuventutebahia.org/pt/atualidades-newsletters/>

Veja na versão em nosso site as fotos em slideshow



Sustentabilidade da escola

As relações com a prefeitura sempre exigem esforços extras para chegar a um consenso. Embora tenham um convênio com a prefeitura com direito à contratação de 5 professores para a escola, atualmente a prefeitura está fornecendo apenas 3 e um administrador. A prefeitura também fornece alimentação, que é complementada pela associação, parte do material escolar, que é complementado pelo fundo de material pedagógico, e o transporte.

[Convênio pdf](#)

A associação é responsável pelo restante do suporte financeiro de todo o empreendimento. O gerente administrativo trabalha com os membros do conselho interno. Parte das despesas é coberta por doações, principalmente de apoiadores no exterior, mas é um processo bem desgastante, pois as doações de valores maiores são muito poucas. Apoio para construção de salas de aula e outras necessidades estruturais já aconteceram, mas sempre faltam recursos para a manutenção da escola. Quando possível os pais de alunos contribuem com uma quantia mensal, que é estipulada individualmente, mas o valor mensal arrecadado é baixo. As professoras que são contratadas pela associação recebem salário mínimo e apenas uma delas ainda não tem formação Waldorf.

Notamos que a sustentabilidade da escola depende muito da atuação de Doris Knipping como captadora de apoiadores, principalmente no exterior.

Depoimentos das professoras

Entrevista com Rosiele Marques – professora do 2º ano

Rosiele é formada em Letras e fez o curso de formação para professores Waldorf. Trabalha na escola desde 2013, e desde 2014 em sala de aula. Começou como auxiliar no Jardim de Infância e hoje é professora de classe do 2º ano. Está com essa turma desde o jardim de infância. Ela acha que as crianças da escola Waldorf se comportam de forma diferente das de outras escolas, e que elas gostam da escola. *“Eles gostam tanto que eles dizem: ‘Não quero sair daqui.’ Porque só vai até o quinto ano”.*

Entrevista com Rosiene Marques – professora do 3º ano

Rosiene Marques é formada em História e fez o curso de formação para professores Waldorf. Perguntada sobre como foi para adaptar-se à Pedagogia Waldorf, respondeu:

Rosiene – *Como eu já morava na área rural e tinha todo esse contato com a natureza, com as coisas simples e que têm um significado, então para mim não foi um choque... Eu gostei e me interessei pela escola. Com 15 anos, eu já fazia aula de inglês e espanhol nessa escola. Quando eu saí do Ensino Médio, eu fiz trabalho voluntário lá. Depois fui convidada a trabalhar no Jardim de Infância, onde passei dois anos. Daí eles me indicaram esse curso de Aracaju. A Associação paga 80% e eu pago 20%. Depois, comecei com o primeiro ano, segundo ano e agora, o terceiro. Estou com a mesma turma desde o jardim. São nove alunos. As classes lá são pequenas. As pessoas da cidade ainda não entenderam muito bem a escola Waldorf.*

Perguntamos por que a prefeitura não amplia seu apoio à escola.

Rosiene – *Acho que depende da boa vontade deles mesmo. A escola já foi lá, as crianças já fizeram apresentação, os alunos já foram à Câmara de vereadores, os pais já conversaram, então já teve essa movimentação por parte da escola. O secretário já foi beneficiado com essa formação. Então, falta mais o quê? Quando tem eventos na escola, eles são convidados a irem lá. A escola mostra o que lá se faz. Nossa escola é na cidade, mas têm alguns alunos que frequentam a escola que vêm da zona rural. E tem pessoas que moram mais longe e que também querem estudar lá. Então a prefeitura seria importante para isso também.*

Entrevista com Neyliane – professora auxiliar no jardim de infância

Neyliane – *Eu sou mãe de um casal. Eles não frequentaram outra escola, só a Anael. A minha filha já não está mais lá, porque agora ela já está no sétimo ano. Meu filho é aluno de Josiele. Ele está no terceiro ano. Eu comecei como mãe, fazendo trabalho voluntário. Daí surgiu a oportunidade e fui trabalhar na cantina. Depois fui para a limpeza. E agora estou como professora auxiliar do Jardim. Já tem dois anos que eu estou no Jardim. Estou aqui fazendo o curso Waldorf e lá onde eu moro estou fazendo o curso de Pedagogia.*

Perguntamos se sua filha, quando saiu da Anael, sentiu muita diferença, e se os professores da outra escola comentaram alguma coisa.

Neyliane – *Não. Ela não teve dificuldade. Eles comentam que ela é uma aluna tranquila, dedicada, assim como outros que saíram da Anael, que são mais calmos, mais dedicados. Os pais da Anael pediram que se juntassem esses alunos numa mesma turma, porém no ano passado essa turma foi dividida, mas agora voltaram a ficar juntos. São 32 alunos e uns dez ou onze estudaram na Anael.*

Entrevista com Jailma Oliveira da Cruz – professora no jardim de infância

Jailma – *Eu entrei na escola Anael em 2015 para trabalhar com os alunos que tinham dificuldade na leitura e na escrita e às vezes eu substituo algumas professoras. No final do ano passado precisou de alguém no Jardim e eu fui para ser auxiliar no Jardim. Esta é a primeira formação que eu estou fazendo em Aracaju, no Instituto Micael. Depois da formação de outros grupos, eles me colocaram para eu ter conhecimento sobre a Pedagogia Waldorf. Desde o começo eu gostei e quero ir até o fim.*

Escola Casa da Mata - Mata de São João BA – Distrito de Imbassá

<https://www.institutoruthsalles.com.br/capitulo-vii-escola-casa-da-mata/>

A Escola Casa da Mata é uma escola associativa, fundada há cerca de dez anos, que enfrentava dificuldades para se manter, e para que pudesse continuar funcionando, está sendo municipalizada. Conversamos por telefone com Dalva Soares, gestora da escola, e com Cristina Del Rey que é tutora da escola desde 2016, e que antes disso já atuou por vários anos como coordenadora pedagógica.

Destaques

1 – A municipalização de uma escola Waldorf, que corria um sério risco de encerrar suas atividades depois de vários anos de atuação é uma boa notícia, sem dúvida. Mostra o reconhecimento pelo poder público do valor do trabalho que já foi realizado, confiança na equipe da escola e respeito à comunidade e às famílias que apoiam essa filosofia de educação para seus filhos.

2 – A força e a determinação de uma comunidade criada a partir de uma escola Waldorf, pelos professores e pais que já vivenciaram o valor dessa pedagogia, é capaz de encontrar caminhos para manter uma escola viva na sua comunidade.

Alguns dados básicos sobre o município

Município de Mata de São João BA		
Indicador – dados do IBGE https://cidades.ibge.gov.br	Valor	Ano
População estimada	46.014	2018
População com renda nominal per capita de até ½ salário mínimo	44,70%	2010
IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental	5,7	2017
IDEB – Anos finais do ensino fundamental	4,6	2017
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal	0,668	2010
Mortalidade infantil – óbitos por 1.000 nascidos vivos	18,23	2017
Domicílios com esgotamento sanitário adequado	42,80%	2010

Endereço – Rua da Igreja s/n, Imbassá – Mata de São João BA

secretariacasadamata@gmail.com

Facebook

A Escola Casa da Mata foi criada há cerca de dez anos, como uma escola associativa, sempre buscando captar recursos para manter a escola e chegou a ter classes até o 5º ano em 2016. Nessa época, já havia um convênio parcial com a prefeitura, que então bancava os salários de uma parte da equipe, mas não era suficiente para manter a escola. Em 2017, a escola estava com poucos alunos, apenas com classes de educação infantil, pois a associação passava por um momento frágil com a saída de alguns dos fundadores e em processo de encerrar suas atividades.

Como havia um grupo com vontade e muita preocupação em manter o trabalho educacional na comunidade, decidiram propor à prefeitura a municipalização da escola. Foi então preparado pelo corpo pedagógico e pelos pais um projeto para ser apresentado à prefeitura (anexo).

Projeto 2018 [pdf](#)

Houve algumas reuniões e a prefeitura estabeleceu como condição para a municipalização que conseguissem cadastrar no mínimo 80 crianças cujas famílias tivessem interesse em matriculá-las na educação infantil. Só haviam 17 crianças naquele momento.

Entrevista com Dalva Soares e Cristina Del Rey

Dalva – *Daí, a gente começou a fazer uma campanha indo às comunidades. Fiz uma lista para cadastrar as crianças por idade, data de nascimento, filiação, endereço, vendo quem tinha interesse em estudar nessa escola. Explicava que a gente estava fazendo uma inscrição de matrícula, que precisávamos ter um número x de crianças para que a escola fosse municipalizada. Depois de dois meses, de outubro a dezembro, estávamos com mais de noventa na lista e conseguimos cumprir os requisitos para a municipalização.*

Com o intuito de justificar a qualidade da Pedagogia Waldorf, o grupo conseguiu demonstrar que os alunos que já haviam cursado a escola até o 5º ano estavam indo muito bem no ensino fundamental em outras escolas do município. Houve um apoio decisivo do prefeito Marcelo Oliveira e da secretária de educação, Maricélia Rodrigues. Já foi disponibilizado um terreno para que seja construída a nova escola, pois hoje ela está alojada em um imóvel alugado.

Cristina – *Nós estamos dando continuidade à escola, só que ela foi abraçada 100% pela prefeitura, e mantendo nossa autonomia para realizar a Pedagogia Waldorf.*

Dalva – *Fizemos uma reunião com a secretária e com o prefeito e nós ganhamos um espaço, um terreno aqui do outro lado da nossa escola, onde a prefeitura construirá a nossa sede. Nos deram autonomia para fazermos o planejamento das salas, a estrutura da escola. Depois passaremos o projeto para a prefeitura para ser avaliado por eles. Essa obra deve começar nesse próximo semestre, pois o prefeito quer que em 2022 já possamos começar na escola nova.*

No ano passado a prefeitura publicou um edital para contratação de professores, específico para a escola, tendo como pré-requisito formação e experiência na Pedagogia Waldorf, o que garantiu a manutenção da qualidade do trabalho. (anexo – no diário oficial – página 15).

Edital 2018 [pdf](#)

Assim como verificamos em outras iniciativas, o grupo enfrenta dificuldades trazidas pelo choque cultural por que passam ao integrar a rede pública, pois é uma realidade bem diferente da escola associativa independente.

Cristina – *Por enquanto estamos funcionando oficialmente como um anexo da creche municipal Aquilino Dias de Carvalho, pois ainda não há o registro da escola, mas contando com o apoio do prefeito que espera torná-la “uma escola de referência para a educação no município”, segundo suas palavras. Há um grupo de pais muito atuante e o objetivo é que a escola volte a ter o ensino fundamental em breve.*

Vídeo feito em agradecimento ao prefeito pela municipalização da escola



https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=RDB9sVCZbvo

Da mesma forma que ocorre em outras iniciativas que conhecemos, há dificuldades para conseguir da prefeitura o material mais adequado à prática da Pedagogia Waldorf, pois não é possível receberem materiais melhores, ou diferentes das demais escolas públicas do município. Para isso a escola conta com a ajuda dos pais.

Dalva – *Hoje o que utilizamos de material pedagógico não tem no almoxarifado da prefeitura, então todo o complemento de material pedagógico é feito com ajuda dos pais, com brechó e outras atividades. Toda verba arrecadada é transformada em benefício da escola para comprar o material pedagógico: o giz, os feltros, tudo o que for necessário. Estamos aprendendo a lidar com essa nova realidade e vencendo os desafios. Com esse tripé aqui na escola, com os pais, o pedagógico e a gestão estamos aprendendo cada vez um pouquinho mais.*

Veja na versão em nosso site fotos em slideshow



Veja a opinião de alguns pais sobre a escola e sua municipalização (transcrições de vídeo produzido pela escola)



Claudemar da Silva – *É uma pedagogia inovadora para mim. Eu sou filho daqui, nasci aqui na região, na Praia do Forte, e nunca tinha visto uma pedagogia tão diferente, que preze os meus conceitos, a natureza. É um acolhimento surreal aqui, e todo contato que ele (o filho) tem com as professoras e com a natureza, é isso que eu prezo.*



Alda Mattos – *Eu conheci a pedagogia e me apaixonei. Achei que a escola trata a criança com todo amor e carinho, e o que a gente tem que ter na escola mesmo, além da educação, o principal elemento é o amor. Eu achei ótimo (a municipalização), porque a população vai conhecer uma nova pedagogia, um novo jeito de lidar com as crianças, e vai trazer mais desenvolvimento para a nossa vila, como já está trazendo. Muita gente não conhecia, e está conhecendo, se apaixonando, vendo como é diferente tratar as crianças com amor, com humanidade.*



André Papi – *Com a municipalização da escola eu acho que todo mundo ganhou. É uma coisa muito boa e eu acho que a prefeitura de Mata de São João fez a escolha certa e, sem dúvida, o crescimento é de todos, da escola, dos alunos, das pessoas que estão envolvidas, por ser essa Pedagogia Waldorf diferenciada, e está todo mundo crescendo e se unindo para que a escola seja cada vez melhor.*



Numma Lobeto – *Eu acho interessante que a escola se municipalize, porque aí dará acesso a várias classes sociais diferentes, e eu entendo que a Pedagogia Waldorf está orientada para isso, para a união de todo mundo, sem preconceito de nada. Eu achei massa na verdade, porque em nenhum lugar eu vi assim a Pedagogia Waldorf municipalizada mesmo.*

EMEI Dr. José Calumby F° - Aracaju SE

<https://www.institutoruthsalles.com.br/capitulo-viii-emei-dr-jose-calumby-f-e-emef-jose-souza-de-jesus/>

Chegamos em Aracaju no dia 18/04/2019 para conhecer duas escolas públicas que estão começando a aplicar a Pedagogia Waldorf e fomos recebidos pelo casal Maria Aparecida do Nascimento Dias (a quem chamamos carinhosamente de Cida) e Paulo do Eirado Dias Filho, que são os responsáveis pelo Instituto Social Micael ISM. A criação destas duas escolas foi resultado de um trabalho de longo prazo realizado por eles. O ISM nos proporcionou a hospedagem em Aracaju.



Por sugestão de Cida, chegamos em Aracaju durante a realização de um módulo do curso de formação para professores Waldorf, realizado pelo ISM, onde iríamos nos encontrar com professoras de escolas Waldorf públicas de outras cidades, e estados. Foi uma ótima oportunidade para nós, pois desconhecíamos algumas dessas iniciativas. Conhecemos professoras da Escola Murundu (Palmeiras BA), Escola Anael (Várzea da Roça BA) e Flor de Araçá (Conde PB), e uma mãe de aluno da Escola Casa da Mata (Mata de São João BA).

Foto: Da esquerda para a direita, Rosineia Fonseca, Rubens Salles, Maria Aparecida do Nascimento Dias e Paulo do Eirado Dias F°

Destaques

1 – A EMEI Dr. José Calumby Filho foi a primeira escola pública de origem a adotar oficialmente a Pedagogia Waldorf no Brasil, e o fato de ter sido criada durante a gestão pública de um governo e ter tido seu projeto mantido pela administração sucessora, demonstra que o projeto foi muito bem construído.

2 – Este caso comprova como é importante termos mais núcleos para formação de professores Waldorf, pois foi a partir do interesse de um grupo de professoras da cidade de Aracaju que o projeto foi proposto e se realizou. Tudo começou com um pedido de apoio à prefeitura para custear a formação Waldorf, e depois progrediu para a implantação de uma escola piloto. O projeto começou com uma EMEI, e agora os alunos egressos deste jardim de infância já têm uma EMEF onde poderão continuar o ensino fundamental inspirado na Pedagogia Waldorf.

3 – O Instituto Social Micael tem uma importante atuação na região e já formou mais 100 professores Waldorf. Conhecemos e entrevistamos várias professoras que já se formaram e outras que ainda estão cursando, todas muito felizes por terem conhecido e poderem praticar essa pedagogia. Em Aracaju está se constituindo um movimento Waldorf muito promissor.

4 – Um fator fundamental é haver pessoas como a Maria Aparecida e o Paulo, que conhecem a Pedagogia Waldorf a fundo, e têm todos os argumentos para ajudar a convencer os gestores públicos

a aceitarem o desafio de apoiar um projeto com uma pedagogia que ainda é pouco conhecida e é muito diferente da convencional. Levar o gestor público para conhecer escolas Waldorf já estabelecidas, também ajudou a criar maior interesse pelo projeto.

5 – Depois de inauguradas as duas escolas, muitos outros educadores passaram a conhecer um pouco sobre a pedagogia e se interessaram em aprender mais. Vários começaram o curso de formação com o apoio da prefeitura, criando-se assim um círculo virtuoso que vai levando essa educação humanizadora para cada vez mais professores, crianças e famílias.

Alguns dados básicos sobre o município de Aracaju SE

Município de Aracaju SE		
Indicador – dados do IBGE https://cidades.ibge.gov.br	Valor	Ano
População estimada	648.939	2018
População com renda nominal per capita de até ½ salário mínimo	35,80%	2010
IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental	4,6	2017
IDEB – Anos finais do ensino fundamental	3,7	2017
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal	0,77	2010
Mortalidade infantil – óbitos por 1.000 nascidos vivos	17,2	2017
Domicílios com esgotamento sanitário adequado	87,20%	2010

Pessoas entrevistadas

Instituto Social Micael

Maria Aparecida do Nascimento Dias

Paulo do Eirado Dias Filho

Universidade Federal de Sergipe

Professor Dr. José Américo de Menezes

Secretaria Municipal de Educação

Maria Cecília Tavares Leite – Secretária de Educação de Aracaju SE

Núbia Lira – Coordenadora do Ensino Infantil

Ana Débora Lima França – Coordenadora do Ensino Fundamental

EMEI Dr. José Calumby Filho

Antoniélia Ribeiro Santos Fontes – ex-diretora

Simone Lima – diretora

Márcia Soares Ramos Alves – coordenadora

Maria José Vieira de Almeida – professora

Mayra Cristina Oliveira de Araújo – professora
Cássia de Fátima – professora

EMEF José Souza de Jesus

Rivânia Rocha – coordenadora
Beatriz Lima Andrade – professora
Cleide Selma da Hora Santos – professora
Rita Nilda Santos de Santana – professora
Xislene Santos do Nascimento – professora

O Instituto Social Micael

Fruto do encantamento de Maria Aparecida pela Pedagogia Waldorf, do apoio incondicional do Paulo e do esforço de vários colaboradores e admiradores, igualmente apaixonados pela pedagogia, o impulso que levou à criação do Instituto Social Micael teve início em 1991, quando Cida começou a ministrar um curso baseado da Pedagogia Waldorf, que chamou-se Micael Centro de Artes e Desenvolvimento. Trabalhou também com menores infratores, junto à Fundação Renascer. Foi um longo caminho até 2003, quando foi formalizado o Instituto Social Micael ISM. Seus objetivos incluem a publicação de livros, a proteção ambiental, promoção da Agricultura Biodinâmica e realizar o sonho de atuar para melhorar a qualidade de vida do Ser Humano através da Educação. Contou com importante apoio de Gerard Bannwart, e realizou trabalhos com proeminentes representantes do movimento antroposófico, como Rudolf Lanz, Ute Craemer, Waldemar Setzer e Sônia Setzer, entre outros.

Localizado em Aracaju, SE, o ISM já formou mais de 100 professores Waldorf, em duas turmas, cada uma com 1.600 horas (4 anos). O curso é reconhecido como pós-graduação lato sensu, em parceria com a Faculdade São Luís de França (SE). Por estes cursos já passaram alunos das mais diferentes regiões do país, com maior destaque os estados da Bahia, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Pará e Piauí. O Instituto busca apoiar a implantação e o funcionamento de iniciativas Waldorf nestas regiões, somando sua experiência à resiliência e à determinação destes novos empreendedores sociais.

O ISM já promoveu outros cursos baseados na Antroposofia, como: Pedagogia Curativa (1.900 horas, em parceria com UFS – Universidade Federal de Sergipe); Agricultura Biodinâmica (470 horas, em parceria com a Universidade de Uberaba – UNIUBE/MG e Instituto ELO- SP); Germinar+ (150 horas – duas turmas em parceria com o Instituto ECOSOCIAL-SP).

Atualmente o ISM sedia o Ramo Micael, a Classe de Estudo Superiores, a Escola Micael de Aracaju (Educação Infantil e fundamental de 1º a 5º ano), e a editora Edições Micael, focada na obra de Rudolf Steiner.

A construção do movimento Waldorf em Aracaju

O movimento para fortalecer a Pedagogia Waldorf em Sergipe começou a partir do curso de Pedagogia Curativa realizado em parceria com a Universidade Federal, que teve início em 2003 e

durou 5 anos. Nessa oportunidade, participaram do curso dois professores indicados pelo departamento de pedagogia da universidade, um dos quais, o professor José Américo de Menezes, é parceiro e membro ativo do ISM até hoje, mantendo um elo acadêmico muito importante, com o apoio, inclusive, do reitor da universidade. Um grupo de alunos seus faz estágio na EMEI Dr. José Calumby Filho, onde a Pedagogia Waldorf está sendo implantada, e participam de uma turma do curso de formação de professores Waldorf do ISM especial para professores da rede pública.

Desde o início da realização dos cursos de formação pelo ISM, professores da rede pública municipal começaram a participar. No segundo semestre de 2013 esse grupo pediu ajuda de Cida e Paulo para conseguir junto à prefeitura um apoio financeiro para fazerem o curso. Ela conta assim essa história:

Cida – *Fui lá várias vezes apresentar para a secretária Márcia Valéria Lira Santana o que era o curso, o que era a Pedagogia Waldorf. Eu levava material de alunos, objetos, cadernos, e numa dessas vezes, acho que na quinta vez, tudo com audiência marcada, ela me fez uma proposta e disse assim: ‘Já estou entendendo o que você quer me dizer. Estou entendendo que um professor sozinho não é suficiente. Vou lhe propor que junte todos esses professores numa escola só e se vocês trabalharem direito, vão trabalhar nessa escola só e exclusivamente com a pedagogia Waldorf.’ Eu estava ouvindo uma coisa que eu queria muito e nem acreditava que era verdade. Eu não tinha vínculo nenhum com a prefeitura e estava sozinha. Eu disse: Eu posso convidar os professores, marcar outra audiência com a senhora e a senhora explicar qual é essa ideia? Ela disse: ‘Pode’. Eu saí feliz, saltitante. Daí fui com os professores no dia marcado. E falei: Eu quero fazer uma pergunta: Se a senhora sabe o que está propondo? Ela disse: ‘Eu sei. Já li, já pesquisei muito, em todas as vezes em que você veio aqui. Trabalhem direito, porque eu sei que tudo passa e os governos passam. Se vocês não tiverem uma proteção, pode chegar uma outra gestão e acabar. Se vocês trabalharem direito, eu encaminho para a Câmara dos vereadores, uma proposta de lei, definindo que naquela escola só pode atuar a pedagogia Waldorf.’ Falei: Então a gente tem que correr contra o tempo para trabalhar, e foi o que fizemos.*

Cida foi a São Paulo com a secretária de educação para visitar a exposição pedagógica no Colégio Micael, e ela ficou encantada com o currículo e com o trabalho dos alunos e professores, e participou de atividades na escola. Sua visão técnica permitiu entender como o desenvolvimento humano é promovido pelo currículo Waldorf. Foi escolhida para implantar o projeto numa escola que estava em construção no bairro 17 de Março, na periferia da cidade. Enquanto esperavam a escola ficar pronta as professoras continuavam estudando e fazendo o “enxoval” para a escola, construindo enfeites, brinquedos, bonecas etc. Iam semanalmente visitar a escola, até que em 10 de Abril de 2017 a EMEI Dr. José Calumby Filho teve sua aula inaugural.

Nessa época houve um evento muito marcante, que foi a pintura do muro da escola, de 210 metros, que foi todo decorado com desenhos com motivos apropriados para as crianças pequenas. Essa pintura, a partir de uma estratégia desenvolvida pelo Instituto Social Micael, foi feita com participação da comunidade local, inclusive de pichadores residentes no bairro. É uma história sensacional, que você pode conhecer em texto ou vídeo anexos.

Quando um muro uniu as pessoas – Texto pdf

Veja na versão em nosso site as fotos em slideshow



A história do muro em VÍDEO



<https://www.youtube.com/watch?v=6649iGbKJf4>

A importância da parceria com o poder público

Cida considera que se não tivesse apoio da gestão municipal nada disso teria acontecido. Então, deve-se ter muita gratidão, muito reconhecimento, porque um gestor num cargo executivo na educação tem uma grande demanda de trabalho, pois é responsável por um trabalho em grande escala. Não é fácil estudar e refletir sobre novas propostas e pedagogias nestas circunstâncias. Então a gente deve reconhecer sempre quando essas oportunidades acontecem e ter muita gratidão por essa confiança.

A escola foi inaugurada, a proposta de lei não se efetivou, e após as eleições de 2016 a oposição assumiu a prefeitura, mas o projeto foi preservado. Em março de 2018, já na atual gestão municipal, foi inaugurada a EMEF José Souza de Jesus, que é vizinha à EMEI Dr. José Calumby Filho, e é

para onde vão as crianças alunas desta escola quando atingem a idade para passarem para o primeiro ano do ensino fundamental. Ambas as escolas têm várias professoras cursando a formação Waldorf, contam com assessoria pedagógica do ISM, e aos pouco essas escolas estão se transformando.

Paulo – *Estes são atos de ousadia. De um lado uma gestão teve a coragem de implantar uma pedagogia diferente de uma forma inédita no Brasil, a partir de um movimento que partiu de dentro da própria rede, de um grupo de professores interessados. E na gestão atual também existe uma coragem no sentido de manter um projeto que nasce na gestão antagonista e isso a gente também entende como sendo um processo muito republicano, muito civilizado, dando continuidade e um ato de responsabilidade com a comunidade. E à medida que isso vem acontecendo, porque já são mais de dois anos, já vemos que a comunidade do bairro 17 de Março está transformando as escolas no centro social do bairro. Tudo é lá dentro. Tudo acontece em torno da escola, e isso é uma maravilha! Já houve reuniões à noite com mais de 100 famílias. Cida complementa: “Em frente à escola tem uma clínica da família. O médico da família, no dia dos pais, deu uma palestra na escola sobre a saúde masculina. A gente não comemora dia dos pais, comemoramos dia da família.”*

A atual secretária de educação, Maria Cecília Tavares Leite, cuja entrevista você pode assistir em vídeo anexo, também foi a São Paulo com Cida conhecer escolas Waldorf, como a Escola de Resiliência Horizonte Azul e a Escola Rudolf Steiner. Assim, como fica demonstrado, implantar uma escola Waldorf numa rede pública demanda muita determinação e trabalho, e com muito respeito e compreensão pela atuação do gestor público.

Outra conquista muito importante desse trabalho de longo prazo pudemos ver na resolução normativa 5/2015, do Conselho Estadual de Educação de Sergipe, que estabelece como devem ser estruturados os Projetos Político Pedagógicos das escolas. Dentre as diversas diretrizes, o documento dá exemplos das concepções pedagógicas que podem embasar os PPPs, incluindo entre estas a Pedagogia Waldorf, assim como incluindo Rudolf Steiner como autor que representa essa pedagogia.

[Resolução Normativa 05/2015 – pdf](#)

Visitas à Secretaria de Educação

Em 22/04/2019 visitamos a EMEI Dr. José Calumby Filho, em 23 e 24/04/2019 visitamos a EMEF José Souza de Jesus e a Secretaria de Educação. Entrevistamos várias professoras, representantes do Instituto Social Micael, a Coordenadora de Educação Infantil, a Coordenadora de Ensino Fundamental e a Secretária Municipal de Educação. Algumas conversas foram gravadas em áudio e outras em vídeo. Fomos muito bem recebidos por todos, com um carinho e um interesse muito grande pelo nosso trabalho.

Conversa com Núbia Josania Paes de Lira, a Coordenadora do Ensino Infantil, sobre a EMEI Dr. José Calumby Filho

Rubens – Núbia, considerando o trabalho feito até agora na Calumby, qual é a sua expectativa daqui para frente? O que vocês planejam em função desse trabalho que está sendo feito, dos resultados que estão aparecendo, e como isso entra no planejamento de vocês numa perspectiva de futuro?



Da esquerda para a direita, professora Valéria, Maria Aparecida N. Dias, Núbia Lira, Rosineia Fonseca e Rubens Salles.

Núbia – Eu tenho dois anos e quatro meses aqui só. Eu não estava há mais tempo porque era uma outra gestão. Fui convidada em 2017 para vir para cá para a rede e é muito temporal em termos de gestão também, amanhã eu nem sei se nós estaremos aqui. Mas, o que hoje a gente enxerga: Nós sonhamos a partir do que nós temos, do que enxergamos. Vou falar especificamente da Calumby. Sim, há um sentimento cultivado nas pessoas que estão naquele espaço, naquele lugar, um sentimento intencionalmente

muito bom e uma prática sendo pensada para cumprir esse sentimento de fazer algo em prol da criança. Enxergamos isso muito forte, a criança sendo alçada à sua importância. Ainda temos resquícios tradicionais de que a criança é um ser que ainda não está, ela vai ser, “Ah... ela está se preparando para ser um adulto...” Na verdade ela já é inteira. A perspectiva que vemos na experiência da Calumby, do que conhecemos das meninas, nós não participamos da formação específica Waldorf, mas vemos o resultado do trabalho que tem sido feito com aquela equipe e com as crianças como algo muito valorizado por elas e, portanto, pelas crianças. Nós fomos para algumas atividades e compartilhamos outras. Nesse cultivo do imaginário da criança, vi como eles trabalharam com a pintura. Que coisa mais linda! E fomos também na despedida, naquele momento delas irem para a outra escola (Cerimônia do Arco das Flores). E como foi construída aquela ideia, junto com as professoras, onde as próprias crianças produziram os elementos da sua despedida. Como isso foi emocionante para as famílias! As famílias chorando, de estarem vivendo aquele momento. Confesso que eu pensava: “O que será que essa mãe está pensando, por que ela está tão emocionada?” Naquela passagem da criança para um outro lugar que ela terá sim, no futuro, coisas boas. Isso elas diziam sempre. Eu pensava assim: “Eu acho que as mães estão pensando: Tomara que seja, espero mesmo que seja.” Era como se elas estivessem criando esperanças nesses filhos que precisam ter um mundo melhor. Isso é muito nítido.

E o que eu acho também que é muito bacana nesse grupo de professoras, é que a partir dessa experiência interna há uma projeção muito forte dessa ideia de defender a criança, de construir esse mundo para a criança, nos encontros que elas têm com os professores das outras escolas. Quando elas chegam, elas dão alguns depoimentos dos seus trabalhos e de como as crianças lidam com o trabalho que elas fazem lá, e então fica todo mundo admirado: “Ah, então é bom o trabalho lá!” Isso gera nas outras pessoas uma curiosidade. As pessoas percebem que elas se sentem realizadas por fazerem aquele trabalho com aquelas crianças. Essa é a ideia que fica nítida quando

elas falam com muito orgulho do trabalho que conseguem fazer naquela escola, muito empolgante. Isso de fato empolga as outras pessoas, e quando a gente pensa em futuro, as experiências quando são compartilhadas, também vão contagiando as outras pessoas. Se professores estão tendo orgulho dos seus próprios trabalhos, então talvez é porque estão vendo que as crianças estão ficando felizes com seus trabalhos. Eu acho que é isso que realiza um professor, o seu trabalho conseguir chegar naquela pessoa. É bem nítido de como falam com orgulho.

Rubens – Tem também a questão dos pais ficarem felizes não é?

Núbia – Sim, e acreditarem. Vimos o modo como foi tudo organizado lá, que as famílias ficaram lá com tranquilidade. E algumas experiências em outras escolas em que já fomos, às vezes são muito mais agitadas. Percebemos que havia uma tranquilidade naquele ambiente com aquelas pessoas, com pais, com outros filhos. Há uma relação ali com a comunidade.

Cida – Há muito respeito dos pais pelo trabalho da escola.

Núbia – Existe uma coisa que é extremamente positiva que vem chamando a nossa atenção. É uma pergunta que fazemos e que a gente percebeu que é feita também pela Pedagogia Waldorf: ‘O que podemos fazer por essa criança e que é o melhor para ela?’ E não o que ela tem que alcançar, aqui e agora, o quanto antes, e tem que sair sabendo disso, daquilo... coisas objetivas. E às vezes não estão preocupados em como que essa criança está se formando. Isso a gente vem defendendo, mas acho que temos muitos passos pela frente para chegarmos a esse patamar.

Enquanto rede, a gente não vê ainda esse processo (como expandir o trabalho feito na Calumby para as outras escolas), mas o importante é que está sendo feito com qualidade, com todo o trabalho de formação, pois entendemos que sem formação continuada não temos um trabalho de qualidade, pois os professores não se realizam. Mas lá tem um diferencial. O que vocês fazem de formação continuada é o que conecta mesmo os professores ao que é central no seu trabalho, que é a criança. E as outras pessoas percebem o orgulho de ser professor que eles tem, e de se emocionar com aquilo e dizer: A gente está no caminho!

Rubens – O importante dessa experiência é que ela tenha bastante força para se manter, se desenvolver, se consolidar, mas realmente vocês estão de parabéns, pois o clima na escola, o ambiente entre as professoras e as crianças é muito bom.

Núbia – É muito mais responsabilidade e esforço de Cida e Paulo do que nossa, porque temos 46 escolas, e a gente não dá conta. Seguimos dialogando sempre, dentro da perspectiva que a escola nos informa e procuramos atender suas demandas.

Cida – Cada um tem o seu papel, e há um respeito muito grande pelo trabalho, com muito apoio, e o trabalho pode acontecer e o professor é respeitado.

Rubens – Como é que é para vocês terem uma escola diferente na rede? Dá mais trabalho em termos de gestão?

Núbia – Não, muito pelo contrário. Temos uma equipe que está ali por motivação bem específica e não há de fato nenhum incômodo nesse sentido. Há todo um conjunto ali de forças, e na medida do possível a gente procura acompanhar. Toda partilha de experiência, de bons trabalhos, precisa ser feita, porque toca outras pessoas de que esse sentimento é bom ter. Esse sentimento de que a gente

está conseguindo fazer do nosso trabalho o melhor para outra pessoa, para as crianças, nesse caso, é muito bom, e de passinho em passinho a gente vai andando.

Conversa com Ana Débora Lima França, Coordenadora do Ensino Fundamental, sobre a EMEF José Souza de Jesus



A decisão da escola aderir à pedagogia Waldorf nasceu de um desejo coletivo, que começou na Calumby, para que os alunos que saíssem de lá pudessem continuar a ter professores formados na Pedagogia Waldorf, no ensino fundamental, e que teve também uma decisão política para que acontecesse. Hoje há um esforço coletivo para que a iniciativa se fortaleça. Cida nos conta que, no quinto ano, um menino pediu pra repetir de ano, pra não ter que sair da escola.

Foto: Da esquerda para a direita, Ana Débora, Maria Aparecida e Rubens Salles

Ana Débora – *Isso é a coisa mais linda! Às vezes eu chego na escola e pergunto: Não está tendo aula não? É por causa do silêncio! Não é o que a gente está acostumada a ver nas escolas em geral. Estão todos nas suas salas fazendo alguma atividade. A gente percebe uma diferença, nas crianças, nos pais, até no porteiro da escola, muito atencioso com quem pedia alguma informação. Não sei dizer exatamente por que essa diferença, mas que a gente percebe isso lá, percebe.*

Cida – *Isso aumenta a responsabilidade de toda equipe envolvida com a escola, temos que caprichar muito.*

Ana Débora – *No início não teve professores da rede concursados para entrar lá, então foram os que tinham passado no processo seletivo. Mas até nisso nós tivemos sorte, porque quase todos que foram para lá mergulharam no projeto, e quem não se identificou pediu pra sair, e a gente resolveu isso tranquilamente. Quando tivemos processo de remoção, aí outros professores quiseram ser removidos para lá já sabendo sobre como é o projeto, e que teriam que participar da formação Waldorf no Instituto Social Micael.*

Hoje há outros professores que querem fazer a formação, mas continuando na escola de origem deles, sem terem que se remover de suas unidades. De certa maneira eu acho bom, porque é a semente que está sendo levada, e fortalece esse coletivo de professores que sente essa necessidade de aplicar essa prática na sua escola. A gente pode até não ter a escola toda, mas só por ter um professor trabalhando com os princípios da Pedagogia Waldorf eu já acho muito bom (ela cita os nomes de alguns professores que estão nesse grupo, em diferentes escolas). Então a gente tem essa experiência de pessoas que estão exercitando essas práticas (ritmos, flauta, desenhos, aquarelas etc), e que, se tiverem espaço, começam a transformar o ambiente. Elas não transformam só a sala delas, transformam até a relação com as famílias. Então é importante termos esses ‘beija-flores’ levando esse pólen!

Entrevista com Maria Cecília Tavares Leite – Secretária de Educação

Maria Cecília – A Pedagogia Waldorf veio para a rede, não por uma proposta da gestão, mas de um coletivo de professores que fez sua formação na Pedagogia Waldorf, e propôs implementá-la naquela escola. Então, a escola já surge direcionada para essa pedagogia. Para conhecer a pedagogia e implementá-la a gestão não está tendo dificuldades, porque não existem preocupações pedagógicas para nós interferirmos na escola. A gente participa, apoia, discute, dialoga, é sempre um momento muito rico de discussão e troca de experiência. Tem sido uma experiência muito, muito, muito interessante, e a principal observação dessa experiência é nos alunos e nos professores. Quando a gente visita a escola Calumby, inspirada na Pedagogia Waldorf, e visita outra escola, você sente a diferença naquelas relações ali estabelecidas. São relações de confiança, de troca, de compartilhamento, de pertencimento. Os alunos sentem a escola como sua, a comunidade e a família sentem a escola como sua. Isso é muito bom num momento de falta de identidade, quando ninguém se vê em nenhum espaço.[...] Com relação à experiência que nós vimos em São Paulo, na Escola de Resiliência Horizonte Azul, eu fiquei encantada. Eu ainda não me vejo naquela experiência, porque ela já está com um caminhar muito mais consolidado. Ela tem um caminhar diferente e é uma experiência única, mas a gente espera que esses princípios basilares do desenvolvimento humano sejam implementados e consolidados em Aracaju, sim.

Assista a entrevista completa em vídeo



<https://www.youtube.com/watch?v=iD-h9PZYMh4>

José Américo de Menezes

Professor Dr. da Universidade Federal de Sergipe

Américo – O ISM me convidou, na condição de professor da UFS, para somar e planejarmos juntos o projeto político pedagógico da escola (Calumby), uma vez que, através de UFS eu poderia agregar projetos, via projetos de extensão, projetos de pesquisa. [...] A Pedagogia Waldorf contempla aspectos da condição humana dos quais eu sempre senti falta nas discussões do ponto de

vista das correntes pedagógicas que existem comumente. Isso para mim, como professor, tem sido algo muito importante, porque tem dado uma nova inspiração no meu processo de atuação docente.

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=WIBh9nsjQrE>

EMEI Dr. José Calumby Filho

Veja em nosso site as fotos em slideshow



Endereço – Rua 15 no 210 – Bairro: 17 de Março - CEP: 49.044-000
286 alunos da educação infantil e creche

Antoniélia Ribeiro Santos Fontes

A professora Antoniélia, uma das pioneiras da rede pública de Aracaju a fazer a formação na Pedagogia Waldorf, foi a primeira diretora da EMEI Dr. José Calumby Filho, e nos conta como se tornou uma professora Waldorf, e sobre o processo de implantação da pedagogia na EMEI Dr. José Calumby Filho.

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=owD4HJD06Mo>

Antoniélia Ribeiro Santos Fontes

A professora Antoníelia fala neste vídeo sobre a integração de professores que não conhecem a pedagogia Waldorf, numa escola pública, e outros desafios.

Antoniélia – *A Pedagogia Waldorf na rede pública é essencial, porque reestrutura o humano. Isso vale tanto para a formação da criança, e, vou lhe dizer, vale muito mais para a formação profissional. O professor precisa desse remédio, desse bálsamo, que é para acreditar no que ele está fazendo. Se ele não acreditar, não vai adiante.*

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=jc8SEpxbSZg>

Márcia Soares Ramos Alves – Coordenadora pedagógica

Existe (na Pedagogia Waldorf) uma observação muito científica dessa criança e desse ambiente que é criado para envolver essa criança, e deixá-la com autonomia para se desenvolver, que é muito boa pra ela. Foi o que me trouxe até aqui, e eu vejo que isso se reflete também na comunidade, nos pais da criança, na família.

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=9kgMos9KA3Y>

Simone Lima – diretora

O processo começa na gente. Eu comecei a mudar. Quando conheci a Pedagogia Waldorf comecei a ter um novo olhar, meu olhar se abriu um pouco mais na educação, mas antes dele se abrir para a educação, ele se abriu para mim. Eu melhorei como ser humano, melhorei como educadora, e estou nesse processo. Esse processo é longo, é um processo de estudo e de observação interna e externa. [...] Eu sinto que o nosso acolhimento é um diferencial. Com a mesma atenção e amor que a gente atende as crianças, atendemos os pais e responsáveis, e eles sentem o acolhimento, ficam felizes e gratos por terem esse respeito. Nossa comunidade é muito carente, e eles precisam desse respeito.

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=aLZJQaRIY2Q>

Maria José Vieira de Almeida – professora

Quando eu cheguei nessa escola e me disseram que ela trabalhava com a Pedagogia Waldorf, eu respirei fundo e pensei: “Graças a Deus que alguém pensou nas crianças!” Elas precisam primeiro

passar primeiro pelo processo de se sentir criança, se auto reconhecer como criança [...] Antes das crianças conhecerem letras, quadro e giz, e imposição de matérias atribuídas, sejam crianças antes disso, que criem, pensem, recriem o mundo delas, e vivam o mundo delas primeiro, porque aí fica tudo mais fácil quando elas passam para as letras e os números.

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=Oar-j0J5E4U>

Mayra Cristina Oliveira de Araújo – professora

No dia a dia da sala de aula, o que eu percebo que a Pedagogia Waldorf me trouxe, em primeiro lugar, foi eu respeitar e olhar para a criança, porque antes eu fazia um trabalho mais voltado para o que a criança tinha que aprender, o que ela tinha que fazer, e eu não olhava para o que a criança estava precisando. E o ato de acompanhar a criança, dos 3 aos 5 anos, me dá uma tranquilidade, uma firmeza, do que a criança precisa em cada fase. É uma coisa que eu acho fantástica, e, independente da pedagogia Waldorf, se fosse para eu dar um conselho para outros professores de educação infantil seria: “Acompanhe sua classe”.

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=8uuJk9qKik>

Cássia de Fátima – professora da sala de recursos para crianças especiais

A Pedagogia Waldorf para mim foi uma reconexão com a natureza e com o que eu tinha de mais genuíno. Com meus avós eu sempre gostei de histórias, das brincadeiras com a natureza, com as coisas mais simples que tem na natureza, e minha chegada na Pedagogia Waldorf foi como se eu tivesse religado algumas coisas que tinham desligado. O que mudou foi encontrar o caminho da simplicidade e mais humano, porque respeita os limites de cada um. [...] Eu vejo essa escola como uma possibilidade de oportunizar as pessoas, porque são tantos seres que tem uma potencialidade enorme, e talvez, em outro local onde não respeitassem seus ritmos, seu jeito de ser, talvez isso fosse negado. Eu vejo aqui um lugar que pode colaborar para que essas pessoas possam ser quem elas são, e mostrem sua potencialidade.

Assista a entrevista completa



https://www.youtube.com/watch?v=NKpALi_sNpg

EMEF José Souza de Jesus – Aracaju SE

Veja em nosso site fotos em slideshow



Endereço – Bairro: 17 de Março

Ensino fundamental do 1º ao 5º ano

443 alunos

Plano de Ação Escolar – [pdf](#)

Projeto Pedagógico – [pdf](#)

Xislene Santos do Nascimento – professora do 1º ano

Cada vez que você vai conhecendo a Pedagogia Waldorf mais profundamente você vai se encantando, e traz uma paz para a gente. Cada vez que eu participo do curso eu saio renovada espiritualmente, mais animada, com mais autoestima, acreditando que vou conseguir, com mais esperança. Eu acho incrível, gosto muito.

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=8c-brQBhd1I>

Cleide Selma da Hora Santos – professora do 2º ano

A comemoração dos aniversários é a coisa mais linda do mundo, porque muitos não têm essa oportunidade em casa. No ano passado, eu tive um aluno que era bem arrediozinho, ficava sempre no cantinho dele. Aí, no dia do aniversário dele eu coloquei na lousa só: – Parabéns! Mas não coloquei o nome da criança. Foi o aniversário mais emocionante. Ficaram todos comportados e perguntando: – Quem é? Quem é? Aí o próprio aniversariante dizia: – Eu acho que é de Gláucia. – Eu acho que é de fulano. Nem ele sabia! Aí quando eu disse o verso do aniversário e peguei na mãozinha dele com a coroa, foi uma emoção, porque a maioria das crianças chorou. Uns inventaram que estavam chorando com saudades do pai que morreu, ou dum priminho que morreu, mas estava todo mundo na mesma emoção. E no outro dia, quando fiz a rodinha, olha ele no meu colo! E ele nunca tinha vindo para a roda! **Assista a entrevista completa**



<https://www.youtube.com/watch?v=GS0uduv0vc4>

Rivânia Rocha – coordenadora

Eu já sinto uma boa diferença na relação dos alunos. O índice de violência, de atrito, aqui é baixíssimo. É uma escola tranquila de trabalhar, e todos que passam por aqui, como o pessoal da vigilância, dos serviços gerais, eles sentem isso, dizem que a escola é tranquila, que eles têm trabalhado em outras escolas e sentem que aqui é diferente. E eu vejo isso também, porque venho de outras escolas, tenho quinze anos de profissão, e acho que a tendência é melhorar e expandir. Eu acredito que seria bem interessante que a rede implantasse em mais escolas a Pedagogia Waldorf. **Assista a entrevista completa**



https://www.youtube.com/watch?v=Cj9EPChLE_o

Rita Nilda Santos de Santana – professora

Eu me identifiquei com a Pedagogia Waldorf porque ela é do jeito que eu achava que a educação deveria ser, não só nas escolas públicas, mas também nas particulares. A criança poder ser livre para aprender no tempo dela, e no espaço dela, é o que me faz estar na educação ainda. Eu fiz o primeiro módulo da Pedagogia Waldorf, e aí eu me encantei mais ainda. Como a gente pode descobrir pequenos detalhes que a gente não observa quando usamos aquela escola tradicional, e que na Waldorf a gente enxerga! Como podemos ensinar de forma diferente! Era o que eu queria para mim! Eu descobri esse mundo Waldorf e quero estar nele. **Assista a entrevista completa**



<https://www.youtube.com/watch?v=qknHj9cwJqE>

Beatriz Lima Andrade – professora

Quando eu cheguei no Calumby, como foi diferente! As boas vindas: “Bem vinda! Professora passarinho, para o seu ninho!” Eu pensei: Gente, como é lúdico! A coordenadora já me recebeu assim, diferente das outras escolas onde eu entrei. Ela já me recebeu no lúdico, a gente não só passa o lúdico para uma criança, ela passou pra mim e eu já estou nesse caminho. Nós fizemos uma reunião pedagógica de planejamento, e aí a gente fez a roda como fazemos com as crianças, a dança, a roda do inverno, e ela me mostrou como era, com a chuva, o vento e toda a encenação. Desde a gente os adultos, para chegar nas crianças. Então, isso é bem interessante, é muito interessante. Se todo mundo estiver a par, estiver junto e caminhar junto, é sonho, né? É sonho, é bem diferente do que a gente vê por aí. **Assista a entrevista completa**



<https://www.youtube.com/watch?v=5UdDYz9hfXE>

Um Museu Escola!

Além de todo o trabalho pedagógico e de formação de professores Waldorf, o Instituto Social Micael também empreendeu uma ação em parceria com a Universidade Federal de Sergipe e a Prefeitura de Aracaju, para criar o projeto Museu Escola, desenvolvido nas duas escolas do bairro 17 de Março.



A EMEI Dr José Calumby Filho e a EMEF José Souza de Jesus, receberam três peças de colônias de bactérias fossilizadas, denominadas trombólitos, existentes no planeta há mais de 80 milhões de ano e que auxiliaram na produção de oxigênio. As peças foram doadas pela Prefeitura de Rosário do Catete. Em Sergipe há uma região muito rica em fósseis, e o objetivo do projeto é permitir que as crianças possam vivenciar esse conhecimento e entenderem um pouco mais da evolução do planeta e da história de Sergipe.

Cida – *Com isso, podemos trazer muitas possibilidades de conteúdos de geografia, ciências; fazer a criança desenvolver um pensamento mais amplo no dia a dia escolar e, quem sabe, despertar o interesse e inspirar futuros cientistas e arqueólogos.*

Dicas preciosas fruto de muita experiência

Entrevista com Maria Aparecida do Nascimento Dias e Paulo do Eirado Dias

Para aqueles que gostariam de lutar pela implantação da Pedagogia Waldorf na rede pública, é muito importante conhecer algumas dicas da Cida e do Paulo. Eles têm muito o que nos ensinar.

Entrevista em vídeo



<https://www.youtube.com/watch?v=g5ZDFVOLJ-0>

Rubens - Estamos conversando com Paulo do Eirado e Maria Aparecida, responsáveis por essa iniciativa já muito exitosa de implantação da Pedagogia Waldorf no Estado de Sergipe, e por várias outras, através dos cursos de formação que são realizados pelo Instituto Social Micael e outras iniciativas que já foram feitas. O que vocês gostariam de dizer para quem estiver pretendendo criar novas iniciativas Waldorf na rede pública? O que seria mais importante deles terem como recado de vocês?

Paulo - Eu penso que os indicadores que nós temos da educação no Brasil são extremamente frágeis e até vergonhosos. É necessário tomar medidas para mudar essa educação que existe hoje no país e essas medidas podem estar muito bem sintonizadas com aquilo que é da alma do brasileiro. Nós não precisamos trazer modelos totalmente importados e que não se adaptam bem com a forma de agir, a forma de ser e de sentir do brasileiro. A Pedagogia Waldorf traz essa maleabilidade, traz a valorização da cultura local, traz aquilo que é essencial do ser humano no seu desenvolvimento. Isso é um conjunto que é muito acessível para a rede pública de um modo geral. E ela não depende de fazermos experiências, pois é uma pedagogia que está completando cem anos de existência, que é bastante consolidada e que funciona em países com os mais diferentes perfis socioeconômicos e culturais, e está disponível para que se coloque em funcionamento no Brasil. Vamos dar um tempo para que o projeto se consolide na rede pública, nas escolas públicas e depois avaliar no tempo certo. Com certeza é um indicativo de solução para a escola brasileira, a pública principalmente.

Cida - Eu gostaria de aproveitar esse momento, que é um momento de cem anos da pedagogia, cem anos da trimembração social e com uma boa pedagogia você forma pessoas para mudar o social. Não é que a educação é ruim só para o indivíduo, é ruim para todos, e a trimembração social vem como uma possibilidade de mudar o que está aí. A pedagogia pode formar pessoas melhores e a

gente fazer um processo de mudança. A gente precisa de tempo e de confiança, porque o Brasil é um país maravilhoso, uma imensidão onde se fala a mesma língua, com um povo alegre, trabalhador, criativo e as nossas crianças esperam por isso, esperam por um futuro bom. Eu acho que a Pedagogia Waldorf na escola pública pode ser a redenção de muitas crianças e de muito professor. O professor sofre na sala de aula, pois no fundo ele está infeliz. Ele reconhece humanamente que ele não tem esse vínculo, esse elo com o seu aluno. Ele busca. E a Pedagogia Waldorf traz um caminho do conhecimento, um caminho simples, muito humano, porque a educação se dá através de todos, todos os que fazem a escola, toda a aldeia, todo o povo em volta, todo mundo é quem educa o menino, mas ela é essencialmente um encontro humano. Olhar para a trimembração social, olhar para a pedagogia, pode trazer uma alavanca para um futuro melhor para essas crianças e com certeza, o futuro de todos. A gente tem essa desigualdade social, e, na verdade, na educação todos devem ter os mesmos direitos. Direito de aprender como que é ser um ser humano, como que é pensar no futuro, pensar no outro, aprender a mediar conflitos. Eu acho que a Pedagogia Waldorf traduz bastante essa necessidade do mundo contemporâneo agora.

Paulo - Nós vemos e convivemos aqui com professores que são maravilhosos dentro das escolas públicas, dedicadíssimos, e que às vezes trazem uma angústia de ver que existem mais recursos em educação, existem mais possibilidades e que são possibilidades efetivamente testadas. Não é uma coisa de uma pessoa que vai experimentar. Tudo bem que tem o seu lado intuitivo de se fazer bons trabalhos, a gente vê isso acontecer também, mas quando a gente fala da educação pública, a gente está falando numa larga escala de alunos, uma larga escala de professores, uma larga escala de escolas, de gestores e que todos precisam comungar de um mesmo direcionamento, no sentido de fazer com que as escolas tenham mais alma, mais essência naquilo que faz a convivência da comunidade escolar e dos próprios alunos. Então eu acho que a educação brasileira, (a formação dos professores) às vezes entra num processo muito tecnicista. A gente sai das faculdades com muitos conceitos, muitos fundamentos, mas com muito pouca experiência e sabedoria em como lidar no dia a dia numa sala de aula, de olhar no olho do aluno, como se relacionar diferentemente respeitando as características de cada aluno, de forma bastante respeitosa com todos e, ao mesmo tempo, também com as diferentes idades que as crianças têm e que demandam diferentes níveis de atenção, de reconhecimento e desafios. A Pedagogia Waldorf traz essa instrumentalização para o professor, que leva realmente a outra capacidade de realizar uma boa aula, de se dar essa essência humana no dia a dia dentro da classe. Nisso, eu acho que ela contribui muito para que a gente possa fazer uma transformação de alma, uma transformação de coração dentro da escola, porque a gente percebe a angústia tão presente nos professores, naqueles que sonham em ser bons professores, em ver o progresso de seus alunos, em ver eles fazerem a superação daqueles círculos viciosos, às vezes, em que eles estão aprisionados dentro das suas comunidades, das suas realidades. E a escola tem que ter esse papel. O papel de trazer a harmonia, a independência, de trazer superação, de fazer com que esses alunos possam efetivamente se desenvolver e seguir a sua vida, a sua própria biografia.

Rubens - E essa experiência que vocês tiveram, no caso do relacionamento com o poder público? Quais são os passos básicos que todas as iniciativas devem ter, no cuidado no relacionamento com o poder público para terem parcerias efetivas e que permitam a realização da Pedagogia Waldorf nas escolas públicas?

Cida - Eu acho que em primeiro lugar deve ter muito respeito ao gestor. Ser gestor é um desafio muito grande. Pode acreditar, ele também tem seus sonhos, suas aspirações em realizar uma trajetória de servir às necessidades da sua área. Deve-se apresentar a ele um caminho de conhecimento, que não é só uma proposta, mas com dados que possam dar condições desse gestor, que é a autoridade mas que é leigo nessa pedagogia, decidir se ele quer ou não essa proposta. E a pessoa que oferece a Pedagogia Waldorf deve saber que ele aceita se ele quiser. Dê condições

dessa pessoa visualizar de fato, cientificamente, o projeto, para saber se ele quer ou não. Ele é livre. Então, respeito, liberdade, trabalho, o fazedor da Pedagogia Waldorf tem que ser um trabalhador muito capaz de seguir um caminho científico, ajustado com as leis brasileiras, com o conteúdo escolar, e, antes de tudo isso, ser um bom profissional da Pedagogia Waldorf, amar realmente o que faz, ter um ideal por aquele menino que está ali, que pode ser seu filho, pode ser o filho do seu colega e que o professor tenha vontade de matricular seu filho na escola pública, pois o professor ensina lá, mas o filho estuda na escola particular. E ele, com certeza, ficaria muito feliz se o menino dele estivesse ali, se a família dele estivesse ali. Não estou dizendo que são todos, deve ter suas diferenças, mas o que eu quero dizer é ressaltar esse amor pela escola, esse conforto, aqui é uma casa de aprender, aqui é uma casa de viver. Aí todo mundo vai. A escola se torna um lugar muito agradável. E tem uma coisa que a gente não falou, que é a família da criança. A família, que a gente conceitualmente... (vou fazer uma crítica a quem é classe média). Quem é de classe média fica achando que família de classe média baixa ou que está em situação de vulnerabilidade não tem amor, ou não tem os bons tratos. As famílias tratam muito bem, as famílias sonham com coisas boas para os seus filhos. E você vê as crianças chegarem muito maltratadas, muito mais pela pobreza, mas que tem uma mãe ali que é igual uma onça para defender aquela criança e que se esforça no dia a dia em dar um simples banho, roupa limpinha, que é um esforço muito grande. O nome disso é amor! Elas cuidam bem. Então a gente começa a medir o amor da família pelo tanto que tem de salário, pela casa, mas não é por aí. Eles têm muita garra. Se morre alguém, com certeza vai aparecer alguém que vai assumir aquela criança, que não é nem parente de sangue, coisa que a classe média não faz. E a classe média é que está bancando muita coisa. É o filho da gente que compra droga, que compra o que é mais caro, que a pobreza está servindo de mula. Tem muitas coisas que a classe média, que está acomodada, já conquistou, e ela tem que pensar: Onde eu posso melhorar? Onde eu posso atuar? Refletir, não só sobre a educação, mas também a trimembração social.

Paulo - Com relação à gestão pública, a gente precisa compreender bem de que maneira ela funciona, porque para o gestor público, só lhe é permitido fazer aquilo que a lei permite. Então, é muito mais restrito o espaço de atuação do gestor público do que de um gestor da iniciativa privada, que pode fazer tudo que a lei não proíba. São visões muito diferentes. Esse gestor público vive num desafio imenso que é a questão da burocracia, da lentidão dos processos, da prestação de contas de todos os seus atos, e que faz com que já traga uma bagagem em termos de ocupação com a própria burocracia, com os próprios atos administrativos, que mal sobra tempo para poder fazer outras atividades que seriam mais de inovação, de pesquisa, de buscar outras possibilidades, como é o caso, por exemplo, de uma Pedagogia Waldorf. Porque para o gestor isso também traz muito trabalho, e a gente precisa saber respeitar esses gestores, a gente precisa entender que a educação pública é uma educação numa escala imensa. Ninguém pense que o desafio é pequeno, porque ninguém tem a solução hoje para trazer resposta para a educação muito rapidamente. Nada vai acontecer no ano do centenário da Pedagogia Waldorf que efetivamente mude a educação. A educação só será mudada pelo trabalho do dia a dia, da microfísica do poder dos professores atuando no dia a dia em várias salas de aula, para milhares e milhões, para que haja de fato uma mudança em toda a carreira escolar. Então, a Pedagogia Waldorf pode ser muito bem implantada dentro das redes públicas e a gente tem resultados maravilhosos e eu espero que se consolide mais, até para demonstrar, sob todas as avaliações e todos os testes necessários, de que ali de fato tem uma proposta educacional muito séria, muito robusta e muito própria para a educação pública.

Cida - Só mais uma coisa: Ainda falando do gestor. Ter respeito e acolhimento. É um desafio, pois se a gente luta com a ideia de implantação de uma pedagogia em uma escola, imagina quando ele tem cento e tantas escolas. Ele deve viver com os cabelos em pé! É importante que o professor só esse atuar, se ele gosta. E isso é uma coisa que a gente sempre cultivou nos nossos encontros. Primeiro veio uma demanda espontânea. O professor veio procurar o Instituto Micael porque quis.

Quem está convidando a gente para alguma coisa é porque quer. E isso dentro de uma rede pública nunca deveria ser motivo para destrato, ou possível ameaça, represália na questão do emprego, de forma alguma. Eu nunca senti nessas andanças da gente que a prefeitura ou alguém, ou um diretor fez de maneira impositiva. É muito importante que realmente venha a ensinar em escolas Waldorf aquele que tem vocação para ser professor, porque ele já bom, já tem o coração aberto e ele tem uma insatisfação e uma tristeza muito grande porque ele procura. E existem professores maravilhosos que começam a se adaptar, fazer uma criatividade bem brasileira para atender a essa demanda desses materiais, que são simples, mas nem sempre a escola tem: materiais para recurso pedagógico, brinquedos mais naturais, pedras. Aos poucos começa a surgir esse olhar mais amoroso.

Paulo - *Sobre a questão da legalidade. Tudo o que for de natureza legal, já é por si, inegociável. Então, aquilo que a escola é obrigada a seguir, dentro dos seus parâmetros, dentro das suas obrigações, dentro das suas normas, isso aí é inegociável. Agora, quando a Pedagogia Waldorf chega num ambiente da escola pública, ela chega dando alma, trazendo outra abordagem do professor, porque tudo que uma escola entrega, qualquer escola, na verdade, é intangível. São bens que são passados para as crianças na forma de educação, na forma de tratamento, na forma de conhecimento, na forma de memória, de oratória e outras coisas, que são todas imateriais. Então, se a gente trabalhar a alma do professor, trabalha essa capacidade de empatia dele, trabalha essa comunicação dele com os alunos, essa comunicação de coração, comunicação verdadeira, já é um salto imenso em qualquer parâmetro que você possa imaginar dentro da educação. Então, são esses valores, são essas entregas que a gente tem certeza de que pode ajudar e nada disso aí a lei impede.*

Cida - *E trazer a família para dentro da escola. A família é uma grande parceira. A escola é uma metamorfose da família, então a criança vê assim: ela está saindo de um ambiente menor e vai pro mundo, e a escola é a primeira comunidade fora da família com a qual ela começa a conviver. E se ela pode vir com a cultura da casa, e fazer essa respiração entre a família e a casa e a família e a escola, a criança começa a se sentir bem no mundo. “Eu to chegando. Esse mundo é meu. Esse mundo é bom. A vida é bela”. E vamos crescer. E vamos transformar!*

Rubens - *E vocês estão nesse processo há uns 20 anos, quase?*

Paulo - *O Instituto Micael, somado à época em que se chamava Instituto Inga poca, tem vinte anos de registro. É uma situação muito especial, porque você manter uma entidade não governamental, sem fins lucrativos e a iniciativa permanecer por tanto tempo já é uma vitória bastante significativa. Infelizmente, no Brasil a gente vê que os investimentos em sua grande maioria terminam não conseguindo sobreviver. E a gente aqui tem atravessado todo esse percurso e graças a Deus, com reconhecimento, com um trabalho sério e fazendo realmente aquilo que está dentro do nosso alcance, num país com tanta insegurança jurídica, com tantas alterações legais, às vezes com tantas campanhas contra ONG, e essas coisas que vão acontecendo no país a todo instante. Então, geralmente tem muita instabilidade, mas a motivação é maior que o desafio.*

Cida - *E a gente vem do Instituto Florestal Inga poca e acho que vale ressaltar uma coisa: que a inga poca é uma árvore pioneira na mata atlântica. Ela cresce e protege as grandes árvores que vão crescer mais lentamente. Então ela vai rápido e aí o Inga poca cresceu e parou e nasceu o Micael. Algumas pessoas continuaram. Eu acho que o Inga poca fez como a árvore na mata atlântica. Ele começou a proteger essa árvore chamada Instituto Micael. É bom ressaltar também que a gente tem o ramo Micael, que é uma extensão da Sociedade Antroposófica no Brasil, para*

estudar Rudolf Steiner, e aulas da classe, que abrange pessoas de Pernambuco, Sergipe e Bahia, da escola superior de ciência do espírito.

Rubens - *Muito obrigado! E vamos seguir por esse nosso caminho que vale a pena!*

Cida - *Vamos! Os meninos estão esperando!*

Paulo - *Rumo ao segundo centenário!*

Quando um muro uniu as pessoas

A história da pintura do muro da escola EMEI Dr. José Calumby Filho – Aracaju SE contada por Maria Aparecida



Cida - Calumbi em tupi guarani é o nome de uma planta e é também a junção de leite materno. E se a gente está numa escola de Educação Infantil, então, está tudo certo.

Quando a escola ficou pronta para começar a se estruturar, quando o prédio ficou pronto, começamos a ter uma preocupação com o muro, porque quando deu a primeira alisada no cimento, já apareceu uma coisa lá

escrita. Eu disse: “Ai, meu Deus do Céu, quando pintar aquilo ali de branco, bonitinho, vai ser um convite a vir essas inscrições que a gente não gosta”. Pensamos assim: Quem será que fez isso? Então, pedimos a uma pessoa do grupo para descobrir quem era aquele que pichou, porque queríamos convidá-lo para vir pintar com a gente.

Descobrimos e levantou-se a ponta da toalha de um mundo de jovens que vivem muito sofridos socialmente e que tem um grande potencial artístico e volitivo de pintar o mundo do jeito deles. Acabou que a gente chegou num projeto na vara de justiça da família. Esses meninos tinham algumas questões e estavam sendo orientados, aconselhados pela juíza. Então, chamamos a juíza também e se formou um grupo. A Secretaria de Educação tinha um projeto de grafitismo, que era um projeto educativo para saber quem são esses meninos, como é que eles estão na escola.

Enfim, esse grupo foi aumentando. Tinha o desejo dos professores que estavam em formação e que iam assumir a escola, tinha a Secretaria de Educação com esse projeto que buscava esses meninos envolvidos com essa forma de pintura não autorizada, a juíza e o Instituto Micael. A gente começou a pensar no que fazer para estar todo mundo junto. E a escola, de fato, começou ali, no muro. E o muro foi que ensinou a gente. O muro uniu as pessoas. O muro não separou.

Foi construído um projeto patrocinado pelo Senac, representado pelo professor Elias. E aí, se juntou todo mundo: o professor Elias Santos, que é um excelente artista de obras grandes, que trouxe alunos dele da Universidade Tiradentes, o professor Américo, da Universidade Federal de Sergipe, que também trouxe seus alunos, os professores que iam assumir a escola, e que trouxeram suas famílias, quem foi do Instituto Micael também levou suas famílias, a juíza, e todos do projeto grafitismo da Secretaria de Educação. Nisso, juntou um número de mais ou menos trinta e cinco pessoas para o primeiro dia.

Só que antes do primeiro dia de prática lá, nos reunimos durante três dias no Instituto Micael pra gente se conhecer. E esses meninos foram convidados e vieram, com a orientação da juíza, e foi muito bom.

No primeiro dia, queríamos contar a eles o que é que a gente queria no muro. A gente queria trazer uma imagem que a criança pequena quando chegasse, dissesse: “Aqui é a minha escola! Oh, que coisa linda! Tem aquilo, tem aquilo outro!”, e a criança se encantasse. Que já fôssemos preparando o ambiente, uma atmosfera no lugar, de imagens para essa criança. Aí, contamos para eles como era a imagem que a gente, como professora, via de uma criança pequena. O primeiro dia foi só briga, porque é muito delicado você entrar assim na arte do outro, na capacidade dele. E ninguém estava entrando, jamais para mandar, jamais para pedir alguma coisa. A gente estava dizendo qual era o nosso desejo. E para eles, nós os estávamos chamando para virem fazer à luz do dia, junto com todo mundo, usando as mãos da gente como ferramenta para ajudá-los a pintar, porque no total eram duzentos e dez metros lineares de muro. Então, se você fizer o cálculo aí, que eu não sei a altura, por aí você vê. E que a gente não usasse a cor preta. Dissemos que para uma criança pequena era muito doloroso ver imagens de tragédias humanas, porque de verdade, ela já vive um pouco disso, então, devemos trazer para ela um outro mundo mais imaginativo da primeira infância.

No segundo dia tudo se acalmou. Fixamos um papel craft bem comprido na parede do auditório e ensaiamos como se fosse o muro. Cada qual tinha o seu espaço. E qual era a imagem? Que a gente contemplasse situações da vida cotidiana, crianças cadeirantes, com necessidades especiais, todos os tipos de cor, todo tipo de cabelo, porque é todo mundo diferente e é todo mundo igual. Então, a gente foi num domingo. Fizemos uma faxina lá no barracão da obra e o transformamos, tiramos tudo o que era da obra, com a ajuda do senhor Gal, que era o mestre. Fizemos ali como se fosse um grande atelier para guardarmos todo o material artístico e também servir de local para a gente comer. Pintamos lá sem água. Quando a gente queria água, tinha que dar uma volta enorme. Imagine pintar uma parede como uma aquarela! Cada qual recebeu o seu quadro no muro, o seu espaço e o combinado no planejamento era que cada um usasse o elemento artístico, a cor, e que um desenho entrasse no desenho do outro, sem invadir, respeitando, mas que mostrasse que todo mundo estava unido.



Aconteceu em três domingos. No primeiro, juntou gente da comunidade também. Daí, veio um homem muito, muito, muito bêbado, e falou: “Eu quero trazer o caderno do meu filho aqui para mostrar como ele desenha bem.” A gente disse a ele: “Não traga o caderno do seu filho. Traga o filho, chame ele para pintar.” Aí, o menino veio e pintou com a gente. E não sei mais quantas outras crianças, porque dali a pouco aparecia um e dizia: “Eu posso botar um verso?” “Eu posso desenhar uma coisa?” E acabou que o professor Elias colocava o papel no chão e

marcava: “Você vai desenhar aqui!” E aí o menino ia e desenhava. E assim se repetiu e em três domingos de muita coragem e de muita alegria. O muro ficou lindo! Está lá pintado e não está sujo até hoje. Uma família nos presenteou com um jardim. Plantou flores num canto, ao pé do muro. E está lá.

E a gente viu que esses meninos, os grafiteiros, são geniais! Tinha um que pegava o celular, com uma foto no celular, ia lá no muro e desenhava a imagem bem grande, como a de uma criança que a gente passa e parece que a imagem nos acompanha com os olhos. A gente também ficou feliz de conviver com eles no espaço da legalidade, com um material bom e uma grande parceria. O muro

uniu todo mundo. E a aula começou ali. Ali a aula começou de fato, naquele lugar e para aquelas pessoas.

Rubens - E faz quanto tempo isso?

Cida - Três anos. O que está esmaecido é do Sol. Eu fiz um desenho e achei difícil fazer essa ampliação tão grande. Daí, chamei o grafiteiro, que foi lá e me ajudou. E todo mundo fez. No meu espaço Paulo, Júlia e eu que pintamos. E os grandes parceiros, depois que consolidava a parceria, a gente falava: “Agora, faça um desenho também. O que você gostaria que uma criança pequena visse quando ela fosse para a escola?” Então, a imagem da juíza está lá. É a imagem de uma criança com os braços abertos e um passarinho na cabeça. Está bem na esquina, inclusive foi uma criança que serviu de modelo.

Rubens - Uma linda história! É um caso de exemplaridade de como vocês entraram numa comunidade como essa com uma imagem completamente diferente.

Cida - Exatamente. Educativa. Primeiro, respeito aos grafiteiros, que são jovens que procuram uma oportunidade. Eles têm uma genialidade artística muito, muito, muito especial, que a gente com essa vida toda intelectual fica se batendo para criar uma imagem, um desenho. E eles chegam e já fazem. Ao mesmo tempo dá uma pena muito grande, pois eles vivem uma vida paralela. Eles deviam ter uma oportunidade para esses talentos. Depois até o Senac fez algumas coisas para apoiá-los depois do projeto. Foi muito bacana. Eu tenho muita gratidão a todas as pessoas. No primeiro dia foi uma média de trinta e cinco pessoas que foram lá no sol. No último dia, o “dono do bairro” foi lá dizer quem é que mandava ali. Respondemos a ele: “A gente só é professor aqui. Se o senhor tiver criança, venha, mande a criança, porque professor é o que a gente é. A gente não está aqui para atrapalhar nada de ninguém.” Essa é a vida real. Esse é o papel da escola numa comunidade. Não pode chegar de fora com leis e com medo. Foi isso que a gente aprendeu lá. E para mim, o começo da escola foi ali.



CREI Flor de Araçá – Conde PB

<https://www.institutoruthsalles.com.br/capitulo-ix-crei-flor-de-araca/>

Chegamos em Conde, na Paraíba, no dia 25/4/2019. Essa visita foi incluída no nosso projeto por sugestão da Maria Aparecida, do Instituto Social Micael, de Aracaju. Ficamos hospedados na casa de Ricardo Lucena, irmão da prefeita Márcia Lucena, e fomos muito bem acolhidos também pelas coordenadoras Laura e Genilva, que já havíamos conhecido alguns dias antes, em Aracaju.

Destaques

1- O projeto de implantação da Pedagogia Waldorf no município de Conde é bem novo, e demanda todo apoio possível. Ele foi criado por iniciativa da prefeita Márcia Lucena, mas, para que tenha vida longa, é fundamental que a comunidade de pais e educadores se aproprie do projeto. Para isso, a formação dos professores é um passo muito importante. Hoje, quatro coordenadoras pedagógicas do município estão fazendo a formação em Aracaju e procuram passar o que aprendem para as professoras. Mas o ideal seria que tivessem a formação no próprio município, o que demanda recursos que a prefeitura não dispõe no momento.

2 – As condições para o fortalecimento do projeto são muito boas, porque é nítido o interesse e o envolvimento de toda a equipe gestora. Prefeita, Secretária de Educação, Coordenadoras e Professoras estão todas empenhadas pelo sucesso do trabalho e as famílias já estão começando a perceber os resultados com seus filhos. Além disso, contam com o apoio técnico do Instituto Social Micael, de Aracaju, e têm a professora Maria Cabreira, com toda sua experiência, residindo no município. Para que o trabalho se fortaleça e prospere em Conde e região, seria muito importante haver um apoio financeiro para a formação dos educadores.

3 – Foi muito bonito de se notar que mesmo sem a formação ideal, as professoras com as quais conversamos estão realmente envolvidas e entusiasmadas com os resultados que percebem no seu trabalho com as crianças. O fato é que, quando as professoras começam a realizar seu trabalho a partir de algumas práticas básicas da Pedagogia Waldorf, como o ritmo diário, o brincar livre, as atividades de fazer pinturas, fazer o pão etc, e passam a tratar as crianças com mais compreensão, percebem que estas ficam mais calmas e seguras, e passam a olhar para a professora com mais admiração. Os pais também começam a perceber diferenças no comportamento das crianças em casa e comentam com as professoras, e elas então sentem que seu trabalho realmente está fazendo diferença e aumenta seu interesse em aprender mais sobre a pedagogia.

Município de CONDE PB		
Indicador – dados do IBGE https://cidades.ibge.gov.br	Valor	Ano
População estimada	24.323	2018
População com renda nominal per capita de até ½ salário mínimo	48,00%	2010
IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental	4,2	2017
IDEB – Anos finais do ensino fundamental	2,5	2017
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal	0,618	2010
Mortalidade infantil – óbitos por 1.000 nascidos vivos	24,61	2017
Domicílios com esgotamento sanitário adequado	16,70%	2010

Alguns dados básicos sobre o município

Pessoas entrevistadas

Márcia de Figueiredo Lucena Lira – Prefeita municipal

Aparecida de Fátima Uchôa Rangel – Secretária de Educação, Cultura e Esportes

Maria Cabreira – Consultora voluntária do projeto

Educadoras

Genilva Souza – Coordenadora do Ensino Infantil

Laura Martini Falkenberg – Coordenadora da CREI Flor de Araçá

Maria Joédna Lucena Pereira – Professora

Fabiana Oliveira da Silva – Professora

Vaneide Souza Silva Vieira – Professora

Mães e pai de alunos

Maira Michele da Silva – mãe de aluna

Edivânia Ribeiro dos Santos – mãe de alunos

Maria Sabrina da Silva Brito – mãe de aluna

Geifferson dos Santos Pereira – pai de alunos

A implantação da Pedagogia Waldorf no município de Conde PB teve início por iniciativa da prefeita Márcia Lucena, e começou no Centro de Referência em Educação Infantil – CREI Flor de Araçá começou em 2018. Quatro coordenadoras da secretaria de educação do município estão fazendo a formação em Aracaju, no Instituto Social Micael, e são responsáveis por orientar as professoras. É o início de um trabalho com muito boas perspectivas. A escola fica no centro da cidade e atende cerca de 100 alunos.

Veja em nosso site fotos em slideshow



Sobre Márcia Lucena

Márcia Lucena, eleita prefeita em 2016, é licenciada em Educação Artística pela Universidade Federal da Paraíba e mestre em Serviço Social. Teve uma longa carreira como educadora e gestora pública na área da Educação. Foi coordenadora do programa Pro Jovem e Pro Jovem Urbano em João Pessoa de 2005 a 2010, época em que João Pessoa teve os melhores índices nacionais dentre todas as capitais do país. Assumiu a Secretaria Executiva de Estado da Educação entre 2011 e 2012 e, em seguida, a titularidade da Secretaria de Estado da Educação, de 2012 a 2014. Também presidiu a FUNESC – Fundação Espaço Cultural, em João Pessoa.

Ela começou a sua carreira como professora aos 18 anos, quando dava aula para crianças, e criou um berçário. Essa experiência tem muito a ver com a implantação da Pedagogia Waldorf no município de Conde hoje, e é uma história muito interessante de se conhecer. Márcia nos recebeu em sua casa para um jantar, que ela mesma preparou, e nos contou essa história:

Depoimento de Márcia Lucena

Prefeita do município de Conde PB

Márcia – Com 18 anos eu comecei a trabalhar em um Jardim de Infância, e achava que as



crianças já vinham muito sofridas. Comecei a me preocupar com isso e a pensar em pegá-las antes do jardim de Infância e a sonhar com a ideia de ter um berçário. Eu amadureci essa ideia e consegui. Eu lia muito Piaget e nesse berçário queria fazer as coisas segundo Piaget, mas eu tinha também uma intuição forte e comecei a fazer as coisas no berçário e foi dando certo.

Foto: Da esquerda para a direita Laura M. Falkenberg e Márcia Lucena

Foram 30 bebês e fiquei com eles dos 4 meses aos 7 anos. Lá eu experimentei várias coisas. Os que mamavam tinham o horário das mães amamentarem. Tinha um quarto no berçário, todo forrado, onde eu colocava os bebês para brincarem bastante tempo com frutas e outros alimentos, e só depois eu dava a comida. Conforme eles cresciam eu ia buscando caminhos. Eu fazia muita coisa por intuição. Eu os levava para o quintal, dava bacias, barro, água, dava banho de mangueira. Fazia os alimentos junto com eles, e isso ajudava na aceitação dos alimentos. À medida que iam crescendo, eu permitia que eles subissem nos obstáculos, com a nossa supervisão. Com eles um pouco maiores, a gente saía para catar coisas no mato, brincar de se esconder e fazer árvore de Natal. A alfabetização foi muito sensorial, como por exemplo, escrever no chão com o dedo, um ajudar o outro a formar letras com o próprio corpo, uns falavam e os outros iam escrevendo. Quando ia sair na rua com eles, eu colocava uma corda com um nó para cada criança segurar. Eu

dizia que cada nó era de um deles, e pra não largarem o seu nó. Uns cuidando dos outros, as crianças com idades diferentes juntas. Cada um tinha o seu processo, e os cadernos eram construídos, cada um do seu jeito, no seu ritmo. Eu mesma que alfabetizei todos. E os aniversários também, a gente construía todo o material necessário para o aniversário. E eles cresceram assim, se alfabetizaram assim, se alimentavam assim, ajudando a cuidar eles mesmos dos alimentos. Eles cresceram amigos, com um vínculo muito forte. Eu escrevia tudo sobre eles e entregava esses relatórios aos pais.

Então, essa experiência com o berçário foi muito forte. Eu não cobrava pelo meu trabalho. Eu morava na casa onde funcionava o berçário. No final, eu trazia todas as despesas para dividir entre os pais, porque o que eu queria era que eles deixassem os meninos viverem aquela experiência comigo. Isso já era o suficiente. Foi muito marcante. Já estão com trinta anos e são amigos. E são pessoas muito queridas, muito lindas. Os pais até hoje são ligados a mim. Eu tenho o registro de que esse afeto foi muito bom para a vida deles e para a minha também. Foi em João Pessoa. Isso sempre me acompanhou, e depois disso eu tive muitas outras experiências como professora, mas em todos os espaços a minha experiência sempre passou por aí, sempre com esse olhar para si, para o afeto, para o cuidado. Trabalhei também com formação de professores no interior, e também ia para a casa deles, cozinhava junto, ensinava a usar os talos pra cozinhar. Então, sempre tive essa coisa bem forte de achar que a educação é um processo de vida, não é um processo só de ensino e aprendizagem.

Então, quando eu chego aqui para ser prefeita, eu acho que esse é o lugar principal, o melhor lugar para se implantar uma política educacional. As pessoas precisam muito de orientação nesse sentido, de base teórica, porque a intuição é bacana, mas não é tudo. Quando eu conheci a Pedagogia Waldorf, eu falei: “Eu fazia exatamente isso com os meninos!” E é uma coisa que pode ser institucionalizada, pois existe a teoria, com os porquês já estudados. Acho que nada é por acaso. Eu faço parte de um grupo de mulheres e nesse grupo chegou a Maria Cabreira, que trabalha com essa pedagogia. Começamos a conversar. Fiz uma cirurgia e a Maria começou a me ajudar, e me ensinou desenhos de forma. Eu vi que com Maria morando aqui, isso não era um esforço só meu, pois ela poderia me ajudar. Conversei com ela e ela aceitou e é isso que tem acontecido. A gente começou por um CREI. E para coordenar essa creche eu pensei em alguém que pudesse sustentar isso num tripé. Eu com o poder, Maria com o estudo e a capacidade adquirida e Laura nessa coordenação, com a vontade e a juventude. Tudo isso movido por esse desejo interno de que a educação seja essa coisa maior.

Obs: Maria Cabreira foi uma das fundadoras da Escola Waldorf Viver, em Bauru, tem uma grande experiência como Professora Waldorf e também com a Pedagogia Curativa.

Márcia – A gente fica muito superficial na educação. Muita gente que está na área da educação hoje, não está exatamente por uma escolha. Está porque é o caminho mais fácil. Principalmente na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. E fica na superficialidade do processo. E na superficialidade o que é que tem? A espuma, o sal entrando nos olhos, o rebuliço. O incômodo está na superficialidade. Se você está na superficialidade da educação, você só consegue enxergar a trabalhadeira, o cansaço, os desafios. Se você aprofunda um pouquinho, você sai da turbulência da superfície e consegue fazer contato com outro tempo da educação. E nesse tempo você consegue criar, produzir, descansar, observar o outro e o tempo começa a render. O grande desafio da educação hoje é fazer com que os profissionais saiam da superfície.

Assista abaixo o depoimento da prefeita Márcia Lucena sobre outras experiências suas como professora, onde ela comenta outros pontos em comum com a Pedagogia Waldorf.

<https://www.youtube.com/watch?v=3yXfchtL41s>

Entrevista com Aparecida de Fátima Uchôa Rangel

Secretária de Educação, Cultura e Esportes

Conversando com Cida Uchôa, ela nos disse que a introdução da Pedagogia Waldorf na rede municipal de educação em Conde teve início por iniciativa da própria prefeita Márcia Lucena, e que todos que se envolveram com o projeto estão muito entusiasmados.

Cida Uchôa – *A gente está mergulhado nesse aprendizado. Está todo mundo muito feliz com o que está vendo, porque estão vendo uma coisa muito natural, uma coisa muito do aprender junto com o outro, aprender com o que a criança está trazendo também. Isso é meu sentimento, como eu vi e vivenciei com eles. As meninas daqui foram convidadas a fazer o curso de formação lá no Instituto Micael, em Aracaju, o que foi muito bom. A gente queria ter dinheiro para trazer para todo mundo,*



mas nesse início de governo nós encontramos o município num estado muito ruim financeiramente e a gente tem muito a fazer aqui, muito. Em primeiro lugar temos que resgatar a dignidade das pessoas deste município, e a prefeita está numa luta, que eu digo que é heroica. Há três anos as pessoas no município nem sabiam que tinham direito a reclamar que o filho não tinha alimento na escola e que a criança tinha direito de brincar, e as creches eram só depósitos de crianças.

Da esquerda para a direita, Aparecida de Fátima Uchôa Rangel, Rubens Salles e Genilva

Souza.

Como a prefeita é professora, ela tem uma visão profunda sobre a educação. Eu passei 42 anos lutando pela educação também. Tanto é que meus dois filhos estudaram em escolas públicas em que trabalhei e dois estão formados e minha filha adotiva, que tem 17 anos, está no primeiro ano de Direito, na escola pública. Então, eu acredito na escola pública, e queremos fazer desse município uma grande escola de educação. Nós professores, precisamos acreditar. A educação e a vida são cíclicas, e tudo passa. É preciso que nessa passagem a gente vá deixando algumas sementes, sementes boas, nos tornando mais humanos e deixando que essa humanização vá contaminando as outras pessoas pra a gente ter um futuro melhor.

Entrevista com a professora Maria Cabreira

consultora voluntária do projeto em Conde

Conversamos também com Maria Cabreira, a quem fomos visitar junto com Laura, coordenadora da CREI Flor de Araújo. Na sua opinião, a ação mais importante para fortalecer o desenvolvimento de um projeto Waldorf para o ensino infantil em Conde, seria conseguir realizar a formação de professores no próprio município. Além de superar as dificuldades de deslocamento, considera fundamental formar pessoas envolvidas culturalmente com a região, pois a Pedagogia Waldorf deveria enriquecer-se com a cultura local.

Maria – *É preciso resgatar versos e cantar coisas daqui. Tudo bem fazer uma mescla com o que já temos, mas é importante que se resgate o que é daqui. O artesanato aqui é riquíssimo! As fibras que eles usam aqui são maravilhosas. O primeiro trabalho que eu fiz dentro de um evento, foi com as areias daqui, a gente pintou com as areias da falésia. Não precisa ir longe para você buscar elementos para enriquecer a pedagogia. Vejo a necessidade de trazer a formação para cá, de ter um acompanhamento mais próximo, tirar dúvidas que as professoras têm no trabalho manual e na lida com as crianças.*

Outra ação que considera importante é criar oportunidade para que aqueles engajados no projeto de introdução da Pedagogia Waldorf no município de Conde, tenham a oportunidade de conhecer o trabalho em escolas que já adotam há mais tempo essa pedagogia e poderem trocar experiências. Sua opinião corrobora a nossa de que é preciso criar uma rede de apoio a essas iniciativas, porque ninguém consegue realizar projetos assim sozinho.

Maria – *Quando a prefeita Márcia me chamou para viabilizar essa creche, eu pensei: “Quem eu vou procurar que já está nesse caminho? A Cida de Aracaju”. A gente se comunicou, ela e Paulo vieram para cá para dar essa palestra inicial e fez toda diferença, pois eles vêm com uma bagagem de anos nesse caminho com a escola pública. Vão aparecer percalços, mas quando tem alguém que fala: “Faz assim, assim”, a chance de dar certo é bem maior.*



Estamos num processo de trazer a formação para cá envolvendo a Universidade Federal da Paraíba. Fizemos um trabalho com a Universidade, e ouvimos muita coisa boa por parte dos alunos. Tem público com interesse nesse jeito de tratar a criança. A intenção é trazer a formação para dentro da Universidade e num segundo momento, montar uma creche piloto dentro da

Universidade. Ainda se está pesquisando como isso pode ser viabilizado, se é curso de extensão, qual é o caminho, qual a abertura que a gente tem de trazer isso para cá. Se não sair pela Universidade, a gente vai viabilizar particular e vamos fazendo as parcerias. Se a gente quer um diferencial, a formação tem que vir para cá.

Assista a entrevista completa

<https://www.youtube.com/watch?v=ktH2q9w8BxE>

Maria Cabreira participou da CONANE – Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação, em 2018, e nos relatou que houve grupos de conversa com professores de escolas públicas, e que ninguém nem conhecia a Pedagogia Waldorf. No entanto, se falou muito na necessidade de se conseguir envolver as famílias com as escolas, que é uma prática bem desenvolvida nas escolas Waldorf.

Maria – *Está vindo de fora essa necessidade de trazer os pais para dentro da escola, para conhecer melhor essa criança, o ambiente onde ela vive. Pela Pedagogia Waldorf, a gente tem a facilidade de criar ambientes de oficinas, de mutirões, de trabalhos manuais, que vai despertando e esse envolvimento da família vai acontecendo.* **Assista ao depoimento completo**



<https://www.youtube.com/watch?v=255maTBiUWg>

Entrevistas com a equipe pedagógica

Entrevista com Genilva Souza – Coordenadora do Ensino Infantil

O meu sonho, em particular, é que em breve todas as escolas do município estejam inseridas nesse processo, porque hoje eu não consigo mais ver uma outra pedagogia que seja tão humanizada, que trabalhe tanto o ser humano, a criança. Eu sempre digo assim, que pra mim, conhecer a Pedagogia Waldorf foi um divisor de águas, porque eu já tenho mais de vinte anos de sala de aula, de trabalho com a educação, mas para mim foi antes da Pedagogia Waldorf e depois.[...] Acho que quanto mais tivermos escolas públicas que tenham essa visão, que tenham esse interesse, a gente vai ter um futuro muito melhor, muito melhor do que temos visualizado ou vislumbrado hoje.

Assista a entrevista completa



https://www.youtube.com/watch?v=P_Jvz3DTsTc

Entrevista com Laura Martini Falkenberg – Coordenadora da CREI Flor de Araçá

Na minha vida como mãe, eu comecei a ter um pouco mais de contato com esse mundo da criança. Para mim, estar nessa formação, eu me sinto muito realizada, porque é muito do que eu já acreditava. Eu já acreditava muito naquilo que a Pedagogia Waldorf propõe. Eu sabia que meu filho ter contato com a natureza era muito importante. Eu sabia que fazer as coisas por ele mesmo, com as mãos dele e não ter tudo pronto, era muito importante. Ter essa experiência sendo embasada pelo curso que a gente faz, quando a gente vê na prática, a gente diz: Nossa! É isso mesmo! E a gente se fascina. Toda vez que eu vou para lá, é um encontro comigo mesma e ao mesmo tempo, um encontro com essas crianças que eu fui chamada para guiar, ajudar. Eu sempre bato na tecla aqui no município é que eu queria muito que as professoras tivessem essa vivência do curso, porque tem a questão do mergulho em si mesmo, que é muito importante para estar junto das crianças.

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=Hf8dyf89Da8>

Assista abaixo o depoimento de Laura Martini Falkenberg sobre o período de adaptação das crianças no início do ano.



https://www.youtube.com/watch?v=qGB8Qd0aV_k

Entrevista com Vaneide Souza Silva Vieira – Professora

Quando eu cheguei e comecei a ver, fiquei encantada, porque aí vieram as lembranças da minha infância, que foi bem parecido com essa metodologia. Hoje em dia as crianças não têm mais isso, e está sendo um resgate na vida de cada um, o livre brincar, o aprender brincando. A minha infância foi assim, foi bem assim liberal. Eu brinquei na escola, eu fiz tudo isso que fazem aqui. Hoje em dia está tudo mecânico. [...] A criança tem que ser criança.

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=icF5cq2Oq2c>

Entrevista com Fabiana Oliveira da Silva – Professora

Para mim está sendo maravilhoso, cada dia conhecendo mais (sobre a pedagogia). Eu, como tenho uma filha nessa faixa etária também, de 5 anos, o que eu estou aprendendo aqui, estou passando pra ela em casa e está sendo ótimo. A cada dia que passa, a gente está com aquela vontade de conhecer mais e passar mais. Maravilhosa!

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=Rz00Y9JvkiQ>

Entrevista com Maria Joédna Lucena Pereira – Professora

Começamos a implantar no município a escola Waldorf e foi meio assustador porque eu estava no tradicional. Fomos vendo algumas palestras, vídeos e fomos entendendo a pedagogia. Hoje já estamos mais engrenados e está dando certo. É uma coisa natural, é o que a gente faz em casa mesmo, com os filhos, deixamos eles bem à vontade e vamos aprendendo aos poucos. (Aqui eu) acho eles mais calmos. Eles gostam mais de brincar na terra. A gente deixa eles mais à vontade do que nas outras creches. [...] Do ano passado pra cá, melhorou bastante.

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=EQYPrMRi5M8>

Entrevistas com mães e pais de alunos

Entrevista com Geifferson dos Santos Pereira – pai de alunos

A atividade está sendo bem trabalhada com eles aqui. Tem até atividade com as plantas, e ele chega em casa e quer aguar as plantas. “Papai quero aguar aquela planta ali, que eu aprendi com a Tia na escola!” Eu digo: “Vá lá que eu quero ver!” E a gente pega um baldinho e ele água as plantas. [...] No café da manhã ele falou: “Eu fiz um pão desse!” É bem interessante o que eles aprendem aqui.

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=iCZtXqsVUJQ>

Entrevista com Edivânia Ribeiro dos Santos – mãe de alunos

Quando eles vêm pra cá parece que estão em casa. Eu já vejo que estão sendo bem cuidados, bem tratados, amparados. Eles estão mais desenvolvidos em querer ajudar a gente em casa, estão mais ativos na comida (e antes só gostavam de comer mingau). “Mãe, eu quero isso, quero aquilo”. Eles não gostavam de verdura e agora estão gostando. Era uma coisa que eu não estava sabendo desenvolver em casa com eles, e aqui eles estão aprendendo tudo isso. [...] O que eles aprendem aqui eles querem fazer em casa, tudo, tudo, tudo. Eu pergunto: “Você fez isso na escola?” “Eu vejo a Tia fazendo!” E quer fazer também, e aquilo ali fica desenvolvendo a criança. Eles estão tendo iniciativa na vida e se crescerem assim, está ótimo!

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=Hg8ppR6CLak>

Entrevista com Maria Sabrina da Silva Brito – mãe de aluna

Os alunos de escolas privadas tem mais acesso, e usufruem melhor da educação porque os pais pagam de forma direta. A gente está aqui, mas não é de graça, a gente paga de forma indireta, mas estamos pagando. Então, nada mais justo do que implantar o projeto que for melhor, e se dedicar melhor à educação brasileira, em especial na escola pública, porque geralmente está um caos. Então, de fato, quando tem a força de vontade, com mais a força da escola, e da equipe que está ali darem um apoio para as crianças subirem degrau por degrau, de forma gradativa, isso é algo esplêndido, muito bom [...] Eu espero que esse projeto possa crescer ainda mais e se ampliar, acho que pro mundo inteiro, porque só de ouvir falar dele já me deixa muito feliz.

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=jDBzwjBxENk>

Entrevista com Maira Michele da Silva – mãe de aluna

Eu tenho uma filha aqui na creche. Ela é especial (paralisia cerebral). Pra ela, essa pedagogia foi a melhor coisa. Eu vejo refletir em casa. [...] Quando a gente chegou de São Paulo pra cá, Lorena não andava. Quando ela entrou na creche, ela se desenvolveu. Todo mundo que viu Lorena entrando e vê ela hoje, fica abismado com o desenvolvimento dela, como ela está esperta, como ela conhece as coisas. As atividades que ela faz, ela chega em casa e quer mostrar. [...] Aqui a professora sempre tem contato comigo. Tudo que acontece com ela aqui dentro, eu sei. “Mãe, hoje a Lorena não comeu”. “Hoje a Lorena fez pão”. “Hoje eu estava arrumando a sala e ela pegou a vassoura e veio ajudar a gente a arrumar a sala.” Ela está aprendendo. Ela vendo os amiguinhos brincando, fazendo, pegando pecinha, pegando boneca. Ela nunca brincou de boneca. Ela via boneca, ela chorava. De um tempo pra cá ela pega a boneca, ela tem brincado com a boneca. [...] Eles têm que brincar. Eles têm que ser criança. Infância não se compra outra. Pra ela, é o tempo dela. Ela está vivendo o mundinho dela. Pra ela está sendo ótimo!

Assista a entrevista completa



https://www.youtube.com/watch?v=wuAuF0c_ytQ

Centro de Educação Infantil 316 Norte – Movimento TXAI

<https://www.institutoruthsalles.com.br/capitulo-x-centro-de-educacao-infantil-316-norte/>

Brasília DF

Chegamos em Brasília em 28/04/2019 para conhecer o Movimento Txai, sua atuação em Brasília e no Centro de Educação Infantil CEI 316 Norte onde a educação é inspirada na Pedagogia Waldorf. Fomos recebidos pela Tereza Marques, em seguida tivemos um encontro com outros integrantes do Txai, Luana Angélica e Eduardo Daniel, para conversar e ajustar o planejamento de nossa estadia lá. Ficamos hospedados na casa do casal Ana Paula e Bruno Vieira, pais da escola, que nos acolheram com muita simpatia.

Destaques

1 – O Movimento Txai é um excelente exemplo de determinação de um grupo de professoras que têm como propósito levar a Pedagogia Waldorf para a rede pública do Distrito Federal. A história do movimento mostra uma série de obstáculos encontrados pelo caminho, e que foram enfrentados e vêm sendo superados ano a ano desde 2012, sem que o grupo esmoreça nos seus objetivos. Criar uma escola Waldorf pública é sempre um caminho longo, que requer muita vontade e dedicação, o tipo de força que possuem as pessoas realmente comprometidas com o bem comum.

2 – Quando existe um movimento coletivo de professores da rede pública que querem atuar com a Pedagogia Waldorf, a chance de sucesso é grande. Neste caso de Brasília, as professoras do Movimento Txai, com apoio da comunidade escolar, estão transformando a escola onde atuam em uma escola inspirada na Pedagogia Waldorf, e existe a possibilidade de ser construída uma escola piloto já planejada para ser uma Escola Waldorf, na Regional Paranoá/Itapoã.

3 – A exemplo do que já vimos acontecer em Nova Friburgo e em Aracaju, o Movimento Txai também se fortaleceu atuando na formação continuada para professores da rede pública local, promovendo uma introdução à Pedagogia Waldorf e ensinando o uso de alguns dos seus elementos. Com isso essa pedagogia vem se tornando mais conhecida no DF, e cada professor que participa destes cursos e se identifica com ela, passa também a ajudar a divulgá-la e fortalece essa corrente dedicada a humanizar a educação no Brasil.

4 – Os cursos para formação integral de professores Waldorf precisam se tornar mais acessíveis para os professores da rede pública. Devem ser planejados em função da disponibilidade de participação destes professores, coincidindo com os períodos em que possam participar, e os seus custos devem ser subsidiados para eles.

Alguns dados básicos do Distrito Federal

Município de Brasília DF		
Indicador – dados do IBGE https://cidades.ibge.gov.br	Valor	Ano
População estimada	2.974.703	2018
População com renda nominal per capita de até ½ salário mínimo	30,90%	2010
IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental	6,0	2017
IDEB – Anos finais do ensino fundamental	4,3	2017
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal	0,824	2010
Mortalidade infantil – óbitos por 1.000 nascidos vivos	11,08	2017
Domicílios com esgotamento sanitário adequado	87,90%	2010

Endereço: SQN 316- AE

Contato: movimentotxai@gmail.com

Pessoas entrevistadas

Movimento Txai

Luana Angélica Modesto Pimentel

Eduardo Daniel de Souza

Tereza Marques Cardoso da Silva

Érica Lobato

Daniela Alencastro

Milena Oliveira

Mary Josie de Souza Feitosa

Secretaria de Educação

Isac Aguiar de Castro – Coordenador Regional de Ensino da Regional do Paranoá/Itapoã.

Paloma Tosatti – Orientadora Pedagógica da Regional de Ensino do Paranoá/Itapoã.

Luciana de Amorim Halushuk – apoiadora – atuou na gestão na Subsecretaria de Formação

Continuada dos Profissionais da Educação, e como assessora na Secretaria de Educação.

Humberto Farias – Diretor da Escola Classe 04 do Paranoá

Jardim de Infância CEI 316 Norte

Samantha Herrero – professora

Fabiana Matoso – estagiária

Daviana Barros – mãe e voluntária

Poliana Viana – mãe

Juliana Solorzano – mãe

Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação

Luzia Lavendowski – aluna da EAPE

O Movimento TXAI

O movimento Txai foi criado em 2012 por iniciativa de Luana Angélica Pimentel, Tereza Marques e Cátia Soares (in memorian), professoras concursadas da Secretaria de Educação do Distrito Federal, que fizeram a formação em Pedagogia Waldorf, contando também com um núcleo de apoio formado por outros professores, amigos e interessados.

Hoje, em decorrência de sete anos de trabalho do Txai, 5 professoras formadas na Pedagogia Waldorf, e mais 11 que fizeram um curso de introdução à Pedagogia Waldorf, atuam juntas no Centro de Educação Infantil 316 Norte, que atende 340 crianças no jardim de infância. Recentemente o novo Projeto Pedagógico da escola, inspirado na Pedagogia Waldorf, foi aprovado pela Assembleia Geral da Comunidade Escolar.

[Projeto Pedagógico 2019 – pdf](#)

Foi uma longa jornada até esse momento, com muitas dificuldades sendo enfrentadas no caminho. Em 2005 Luana Angélica Modesto Pimentel, a pioneira do grupo, realizou o seminário em Pedagogia Waldorf, e nos contou que foi convidada para trabalhar na escola Moara, mas seu impulso era mesmo atuar na escola pública.

Luana – *Fui convidada a trabalhar na Moara, pois a Moara cresceu rápido e sempre quando precisavam de professores eles me chamavam. E eu falava: “Gente, mas agora que eu aprendi uma coisa ótima, eu vou deixar os meninos da rede pública sem essa coisa que já está na elite e vou continuar distribuindo a melhor fatia do bolo para a elite? Esse abismo social que há no Brasil requer atenção.*

Então, a partir de 2012, o movimento foi crescendo com a adesão de outras professoras que fizeram o seminário Waldorf, e começaram a buscar maneiras para se viabilizar uma escola pública Waldorf em Brasília, como nos contaram Luana, seu marido Eduardo e Tereza Marques.

Luana – *Chamamos pessoas ligadas a esse assunto, antropósofos, psicólogos. Fazíamos reuniões toda semana. O grupo era de aproximadamente vinte pessoas, para acharmos um caminho de se implementar a Pedagogia Waldorf na rede pública. Eu, Tereza e Cátia começamos a fazer o projeto. Eduardo e Cláudia Dansa, então professora da UnB, ajudaram a escrever e focamos na Educação Infantil. Em três meses a gente já estava com o projeto na mão e levamos à Secretaria. A gente chega lá com o esqueleto e eles ajudam. Falaram: “Que lindo ver professor da rede pública querendo isso!” Daí, eles nos ajudaram a elaborar melhor o projeto, de uma forma que a Secretaria entendesse, pois ia passar em várias instâncias.*

[Projeto Piloto Jardim Waldorf – pdf](#)

O Distrito Federal publicou em 2012, e atualizou em 2018, um currículo próprio, denominado Currículo em Movimento. Há uma versão para o ensino infantil e outra para o ensino fundamental. Dentro do currículo da educação infantil, fala-se do livre brincar e contém várias questões que se adequam à Pedagogia Waldorf. Isso serviu de justificativa na apresentação do projeto piloto. Foi enviado para o Secretário de Educação na época um estudo comparado entre a Pedagogia Waldorf e o Currículo em Movimento.

Eduardo – *Em 2013 a gente conversou com Secretário de Educação, com a Diretoria de Educação Infantil. No desenho deste projeto, previa inicialmente a criação dessa escola e um projeto de pesquisa-ação conduzido pela UNB sobre o projeto piloto. Então a iniciativa já nasceria com esse vínculo com a universidade e os resultados seriam avaliados pela própria universidade. Chegamos com esse projeto de bandeja para o Poder Público, que ao mesmo tempo que tem carência de implementar, tem muita desconfiança quando você apresenta coisas novas. No caminhar do projeto, a gente identificava essas duas facetas. A gente apresentava para alguém, uma autoridade que ocupava um cargo, ela se encantava com a proposta, mas ao mesmo tempo falava: “Olha, é difícil, eu tenho esse entrave, eu não sei como que eu vou colocar todos os professores numa unidade só”. Aqui em Brasília, o Poder Público não diz onde que o professor vai trabalhar. Existe um concurso com pontuação, e você pode se deslocar de acordo com essa pontuação. Uma das dificuldades é: Como é que você vai alocar todo mundo numa mesma escola?*

Essa dificuldade de alocação de professores Waldorf em uma determinada escola pública é um problema que encontramos em todos os municípios visitados. Não encontramos ainda nenhum óbice legal para que se realize um concurso público específico para contratação de professores formados ou especializados nesta pedagogia, mas ainda não sabemos de algum município que o tenha realizado. Apenas no caso de contratação temporária já vimos editais que especificam a especialização e experiência em Pedagogia Waldorf.

Luana – *O projeto passou em mais de dez instâncias dentro da Secretaria. Todas elas gostando, aprovando e falando: Pedagogicamente, está tudo certo, vocês podem implementar tudo isso na rede pública, mas a gente não tem dinheiro. Aí, passa uma gestão, perde-se a eleição e saem essas pessoas. Em 2014 voltamos à estaca zero. Começamos a apresentar tudo de novo. Um novo governo, que também já perdeu a eleição de novo...*

Eduardo – *Como ficou muito difícil esse caminho, com muitas mudanças e interrupções, daí elas começaram nesta abordagem prática, de irem todas para a mesma escola e começarem da base, do funcionamento prático. Mesmo assim, enfrentam muitas resistências dentro da própria escola. Não é um caminho muito simples.*

Em Brasília, pela legislação vigente, o diretor de cada escola é eleito pela comunidade escolar, de três em três anos, e as famílias, os professores e os funcionários da escola têm autonomia para definir o Projeto Político e Pedagógico da escola. Assim, é possível a comunidade escolar transformar uma escola em escola inspirada na Pedagogia Waldorf, de forma democrática.

Antes de conseguirem se estabelecer no CEI 316 Norte, o grupo passou por outras escolas, onde as condições não favoreceram o projeto. Em 2016 começaram a lecionar na Escola Classe Natureza, mas no fim do ano as professoras envolvidas com o projeto não conseguiram permanecer porque não pertenciam ao quadro oficial de professores da escola. Em 2017 lecionaram na Escola Classe Varjão, mas era uma escola com 40 turmas, muito grande para que pudesse ser transformada em uma escola Waldorf e foram extintas as classes de jardim de infância. Uma das professoras do grupo, Amaiza F. de Sousa Medeiros, também lecionou na Escola Capão Seco. Então em 2018 o grupo se transferiu para o CEI 316 Norte, que é uma escola menor, só de jardim de infância, e fica no Plano Piloto de Brasília.

O grupo tem as cabaninhas e outros materiais naturais próprios para o jardim de infância Waldorf, muita coisa feita pelo Eduardo, e a cada mudança de escola levavam todo seu “enxoval”. Hoje, no CEI 316 Norte, todas as salas têm suas cabaninhas para as crianças. A escola atende crianças da periferia, onde faltam vagas e que vão de transporte escolar, e crianças de classe média, muitas estão ali por causa da Pedagogia Waldorf.

Tereza – *Não pode ser só quem tem dinheiro que possa ter acesso a essa pedagogia, os alunos da rede pública também têm o direito de ter acesso a essa coisa bonita que é a pedagogia. Por isso o nome Txai*. A princípio era para ser uma escola piloto construída, com direção, com todo mundo trabalhando nessa linha pedagógica, com o nome mesmo de Pedagogia Waldorf, porque aqui em Brasília já têm projetos pilotos que trabalham com uma linha filosófica com que as pessoas se identificam. Agora estamos na 316 Norte, e é a primeira escola em que estamos tendo a participação das famílias. Começou uma coisa pequena, esse é o segundo ano que a gente está nessa escola, e a quantidade de famílias que está procurando a escola por causa da Pedagogia Waldorf é maravilhoso.[...] Eu projeto da gente não ficar só no jardim, eu projeto da gente ir até o ensino médio. Acho que o jardim é só um começo, mas eu acredito, não sei se eu vou ver, mas vou trabalhar até o fim dos meus dias para que isso aconteça. E que não seja só no DF, e que não seja só uma escola. Embora o momento político seja contraditório, eu sinto essa força de tanta gente querendo, esses jovens e as crianças estão buscando isso. Essa pedagogia está aí há 100 anos, mas se olharmos bem, estamos só começando. O que o Steiner trouxe é muito grandioso para a gente viver isso na plenitude, mas o projeto da Pedagogia Waldorf na rede pública, eu acredito que vamos conseguir chegar até o ensino médio.*

* TXAI significa, na língua dos índios Kaxinawá, do Acre, “mais que amigo, mais que irmão, a metade de mim que habita em você, a metade de você que habita em mim”

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=XxD5IDtq8l0>

Durante esse período de peregrinação em busca de viabilizar a implantação de uma escola pública Waldorf em Brasília, surgiu a oportunidade do grupo começar a ministrar cursos de formação continuada para professores da rede pública sobre introdução à Pedagogia Waldorf, e também sobre elementos desta pedagogia, com abordagem teórica e prática.

Eduardo – *Em 2015 eu estava nessas reuniões para implementar nosso projeto piloto. Num determinado momento, tem uma audiência com o secretário da Educação e ele diz o seguinte: “Como é que eu vou implementar uma escola, se eu não tenho formação e os professores não se*

formam? Vocês têm que oferecer cursos.” Então, apesar das resistências, abriu-se uma brecha que trouxe para dentro da EAPE (Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação) uma cadeira voltada para a Pedagogia Waldorf.

Luana – Esse Secretário era novo. A gente fazia reunião com senador, deputado distrital, deputado federal. A gente ia fazendo reuniões até conseguir uma reunião com o Secretário de Educação. Daí pedimos e ele falou: “O projeto é lindo, mas eu não tenho dinheiro para construir a escola de vocês. Vão formando professores, que vocês só têm dezenove e isso é muito pouco para uma escola. Vocês vão precisar de, pelo menos, vinte e cinco professores formados.”



O movimento já promoveu vários cursos de Pedagogia Waldorf para professores da rede pública, pela EAPE, tanto cursos de introdução à Pedagogia Waldorf, como sobre elementos da pedagogia. Tivemos a oportunidade de participar de uma tarde de aula num destes cursos, em 30/04/2019.

Curso de elementos da Pedagogia Waldorf na Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação.

Tereza – O movimento teve uma professora da UNB – Universidade de Brasília, Cláudia Dansa, que facilitou a criação de um curso de extensão universitária sobre a Pedagogia Waldorf na UNB. Agora tem a Sandra que também dá essa disciplina lá e o Donald também. Ela apoia, mas não fez o seminário. Ela abre espaço na aula dela pra gente organizar e dar a aula lá, arte, teoria, pois a gente tem mais experiência para dar aula sobre Pedagogia Waldorf, pois fizemos o seminário. No último curso dela a gente fez uma reunião com ela, junto com a Karla Neves, para ajudar a elaborar como é que seria.

Durante este período em busca de viabilizarem uma escola pública Waldorf, o grupo teve o apoio de algumas pessoas atuantes na área pública. Uma delas foi Luciana de Amorim Halushuk, que trabalha há 24 anos na rede pública no DF, e atuou na Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação e como assessora na Secretaria de Educação. Luciana e Luana se conheceram como mães na Escola Waldorf Moara. Como já conhecia a Pedagogia Waldorf, tendo inclusive trabalhado com cantoterapia no atendimento de jovens em conflito com a lei, Luciana ajudou na criação do primeiro curso de Introdução à Pedagogia Waldorf na EAPE e ajudou o grupo nas suas relações com a Secretaria de Educação.



Luciana de Amorim Halushuk

Luciana – Uma dificuldade que eu vejo quando a gente vai falar institucionalmente da Pedagogia Waldorf dentro da rede pública é a questão da laicidade. Uma das grandes demandas que a gente tem hoje no Governo do Distrito Federal, em termos de gestão, é garantir que a Pedagogia Waldorf não tem ligação com uma determinada religião, com determinados seres espirituais, separar religião de religiosidade. No ano passado as meninas tiveram muitos problemas na escola nessa questão da religião, de ritual. Tiveram até perseguição, pois tinha muitos professores evangélicos

na escola e eles acreditavam que acender uma vela, contar a história, apagar a vela, tudo aquilo era ritual profano. Então começaram uma série de perseguições com elas lá e eu pude agir institucionalmente para amenizar a situação. A gente teve que chamar a diretora da escola, fazer uma intervenção. Mas isso só foi possível porque eu conhecia a pedagogia. Eu vou ajudando assim, de onde estou.

Como a Escola Waldorf Moara atua em Brasília desde o ano 2.000, já existe um pouco mais de conhecimento sobre essa pedagogia na região e sobre a Antroposofia, o que permite encontrar mais pessoas que conheçam e possam dar seu apoio ao objetivo principal do Txai, de conseguir constituir uma escola Waldorf pública. No entanto, a pedagogia ainda precisa ser muito mais conhecida para que seja mais facilmente aceita.

Luciana – *Hoje eu estou numa diretoria de qualidade de vida e bem-estar no trabalho. Então, eu levo a pedagogia para dentro do meu trabalho, já fiz várias atividades e as pessoas perguntam. O que é isso? De onde que vem? Eu estou dentro de um programa de preparação para a aposentadoria, onde eu levo a cantoterapia. Aí eles perguntam: Quem criou? Respondo: Rudolf Steiner. Vou resgatando e falo da Pedagogia Waldorf. A gente tem ido muito pelas beiradas, mas institucionalmente a gente ainda não tem um aporte de estrutura para poder trabalhar.*

Hoje, o Movimento Txai tem quatro frentes de atuação. Uma é o CEI 316 Norte, onde lecionam atualmente. Outra, são os cursos ministrados na EAPE (Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação), que são no horário de trabalho e os professores recebem pontuação e certificado. Há também o curso de extensão da UNB, e o projeto-piloto de uma escola inteira, a ser construída para a Pedagogia Waldorf. Segundo Luana, nas reuniões do Txai, participam em média umas 13, 14 pessoas.

Assista neste VÍDEO Luana Angélica apresentando o trabalho no Jardim da 316 Norte



<https://www.youtube.com/watch?v=3q2p98PaAOQ>

Daniela Alencastro – movimento Txai

Daniela faz parte do Txai há bastante tempo, é professora da rede há 7 anos e atualmente é Coordenadora pedagógica no CEI 316 Norte. Esse cargo é eletivo pelo próprio corpo docente anualmente. Neste vídeo ela conta sobre as relações com os pais da escola, sobre os desafios enfrentados e fala também sobre o uso da Pedagogia Social no organismo social que é a escola.

Assista a entrevista completa



https://www.youtube.com/watch?v=6CVYdlnV_qY

Quando lecionaram na Escola Classe Natureza, que fica na região administrativa de Paranoá, o trabalho realizado pelas professoras do movimento Txai encantou algumas pessoas, entre elas Isac Aguiar de Castro, Coordenador da Regional de Ensino do Paranoá. Isac foi o responsável pela construção e implantação de uma escola para atuar com o método da Escola da Ponte, desenvolvido por José Pacheco e que foi inaugurada em 2018. Ele agora tem a pretensão de implantar também uma escola inspirada na Pedagogia Waldorf, a partir do projeto piloto do movimento Txai.

Entrevista com Isac Aguiar de Castro

Coordenador Regional de Ensino

Isac – *Eu estive em vários eventos, várias programações e várias aulas lá na Escola do Capão Seco, e a gente via como as crianças eram felizes estudando daquela forma, vivendo naquele espaço cotidiano que a Pedagogia Waldorf traz para as crianças. Então, o que eu pude extrair desse contato que eu tive com as crianças: Elas eram muito mais à vontade no espaço escolar, elas se sentiam parte integrante. A forma como elas circulavam entre os espaços da escola eram muito interessante, parecia que elas estavam mais apropriadas do espaço físico do que as outras crianças do ensino regular comum. Chegamos a conhecer uma escola que desenvolve a Pedagogia Waldorf na iniciativa privada, foi muito interessante a experiência também, através da orientadora Paloma. Temos esse contato com a Pedagogia Waldorf desde 2015 e de lá para cá a gente tem trabalhado, mas não foi com tanta consistência como desejávamos. Temos uma proposta inovadora de criar uma escola que venha a atender essa expectativa, não só desse grupo de profissionais, mas nossa e de nossa comunidade, de apresentar para eles uma nova opção de educação. A nossa comunidade precisa disso. Então, eu acho que essa proposta da Pedagogia Waldorf tem muito a acrescentar à nossa realidade de hoje, principalmente na educação infantil e ensino fundamental I.*

Assista a entrevista completa



Com o intuito de preparar professores para atuarem em uma nova escola, que Isac planeja construir na região administrativa do Paranoá/Itapoã, o grupo do Movimento Txai pretende realizar um curso de formação na própria regional, a partir de 2020.

<https://www.youtube.com/watch?v=Z-IR4zHicFU>

Entrevista com Paloma Tosatti

Orientadora Educacional

Paloma é orientadora educacional da Regional de Ensino do Paranoá há 11 anos e também teve a oportunidade de conhecer e acompanhar o trabalho das professoras do movimento Txai. Era a orientadora quando o grupo atuou na Escola classe Natureza e nos relatou como conheceu a Pedagogia Waldorf.

Paloma – *A disposição das mesas era diferente, a forma de contar a história era diferente. Aquilo ali começou a despertar o interesse. “O que está acontecendo? Como é que funciona isso?” Elas começaram a explicar como era todo o processo, a rotina e nós começamos a perceber diferença nessas crianças. O olhar dessas crianças não era o mesmo das outras, a interação delas, o respeito*



entre elas, o respeito com o professor. Aquela coisa de antigamente que você idolatrava o seu professor a gente não vê hoje, e os alunos olhavam para as jardineiras como se fossem deusas na vida deles, tinham muito respeito. Eu, como orientadora, percebi uma aproximação muito grande daquelas famílias, porque os professores tratavam essas famílias de forma diferente. Não

era aquela reunião formal de reunião de pais, ler um relatório, falar onde seu filho está bem, onde não está, onde evoluiu, onde não evoluiu. Era diferente. O atendimento a essas famílias era diferente. Elas se sentiram mais acolhidas e elas ficaram mais próximas da escola, mesmo sendo uma região de zona rural com acesso não tão fácil, a gente percebia que essas famílias estavam mais abertas ao diálogo do que as das outras classes.

Assista a entrevista completa

<https://www.youtube.com/watch?v=22v-gRhwyF8>

Entrevista com Humberto Farias

Diretor da Escola Classe 04 Paranoá

Humberto é esposo de Paloma, e atuava como Coordenador na Escola Classe Natureza quando as professoras do movimento Txai lecionaram lá. Ele nos contou como foi que conheceu a Pedagogia Waldorf e a Antroposofia.

Humberto – *Em 2015 eu trabalhava na escola classe Natureza, que é na zona rural do Paranoá, e chegou lá a professora Cátia. Ela executava a Pedagogia Waldorf, mas não falava que era a Pedagogia Waldorf. Eu me lembro que me chamava muito a atenção as brincadeiras de roda, a ciranda, o resgate da nossa infância. Eu me lembro de que eu achava muito legal ver ela brincar com os meninos de Corre Cutia, que a gente não vê mais. Em 2016 chegam a Luana, a Maísa, a Daniela e efetivamente implementam a Pedagogia Waldorf nas séries iniciais. Eu estava na coordenação. Eu tinha um certo distanciamento no começo, porque a gente ficava um analisando ao outro. Será que vai dar certo? Teve muita resistência por parte da direção porque é muito diferente a maneira de trabalhar. E daí, aos poucos fomos conhecendo as meninas, fomos conversando e fomos tomando gosto pela Pedagogia Waldorf. A Maísa me falou sobre a Antroposofia, daí eu fui estudar Antroposofia. E eu me lembro de que eu falei para a Maísa uma vez: “Maísa, eu não sabia que existia uma ciência que resumia tudo o que eu acredito.” Daí eu li alguns textos, alguns livros da Antroposofia. Fui para a UNB, fiz o curso de extensão, aí eu fui fazer o Germinar, que foi muito interessante. A gente aprende a se gerir, e o Germinar é baseado na Antroposofia. Eu falo que foi Deus que me levou para lá. Foi em 2017. E eu apliquei aqui muita coisa que eu vi no Germinar. Tinha a Madalena que deu o curso na UNB relatando algumas experiências dela. Eu falei pra ela assim: “Isso não existe, isso não acontece, você está falando isso pra me convencer.” Ela falou assim: “Humberto, existe, funciona e tal dia nós vamos começar um curso. E é impressionante! Eu me encanto pela Antroposofia. É claro que eu tenho questionamentos. Tenho questionamentos também em relação à Pedagogia Waldorf, mas ela precisa chegar para a massa. Não pode ficar num canto, pois se fosse ruim a elite não estaria lá. Como é que você que defende a Pedagogia e não tem condição de colocar os seus filhos? Pra mim, isso é inconcebível. Deve-se fazer como as meninas do Txai fizeram, a conta-gotas, até que tome conta do todo. Isso eu acho importante.*

Veja em nosso site fotos em slideshow



Entrevistas com professoras e mães do CEI 316 Norte

Entrevista com Milena Oliveira – Movimento Txai

Milena – *Eu conheci a Pedagogia Waldorf no meu último ano de faculdade. O meu marido estudava comigo na faculdade e ele conhecia a Pedagogia Waldorf. Ele era pai de alunos da escola Moara e muitos anos estudando antroposofia. Ele sempre falava e todo mundo ficava curioso. Eu fazia muitas perguntas e ele me levou para conhecer a Moara, a mais antiga escola Waldorf aqui de Brasília. Eu fiquei muito encantada porque como estudante, eu já estava em vias de realizar estágios. A gente via a teoria na faculdade e quando chegava em sala de aula para acompanhar as professoras, era tudo diferente daquilo que a gente ouvia. Via muitas práticas tradicionais, muito arraigadas, sem o olhar para a criança. Então, quando eu vi aquela escola, eu disse: “Tem salvação!” Essa foi a área que eu escolhi. Foi um alento no meu coração. Fiz a formação e terminei no ano passado. Daí conheci as meninas do movimento Txai. A gente se reunia para estudar, procurar maneiras de como isso poderia acontecer. Escrevemos o projeto, fomos apresentar em várias instâncias, em vários órgãos, no Congresso, com os deputados, eu estava nesse movimento com elas. Elas começaram no Paranoá e em 2017 elas vieram para Escola Classe Varjão e eu me juntei a elas. Foi bem especial vivenciar essa força do grupo.*

Entrevista com Mary Josie de Souza Feitosa – Movimento Txai

Josie é formada em História, está cursando pedagogia e está fazendo a formação Waldorf desde janeiro de 2018. Já fez seis módulos dos 16 que o curso tem. Trabalha na região administrativa Ceilândia, na periferia do DF, numa escola de séries finais e atende a Comunidade do Sol Nascente, uma grande favela que há em Brasília. É uma região bem grande que não tem escola de séries finais e os alunos têm que se deslocar.

Josie – *É um percurso bonito, interessante, cativante, e eu sinto que melhorou muito a minha prática como educadora. Muitas coisas eu reaprendi. E, ficar de novo nesse lugar de aluno é importante para quem está dando aula. A gente entende de novo como é o processo de aprender. Pra mim, tem sido um momento rico de vida. Lógico que eu encontro alguns problemas na formação e na prática, que eu acho que a gente precisa superar juntos, mas achei que realmente deu uma enriquecida na minha formação como professora, como educadora. Me sinto uma profissional bem melhor do que eu era antes de conhecer. Está contribuindo de uma forma bem positiva.*

Uma coisa que eu achei positiva aqui em Brasília, tanto no movimento Txai quanto o do José Pacheco, é que são iniciativas dos professores, não foi uma iniciativa do Estado. A do José Pacheco foi inaugurada no ano passado. Eles já tinham um grupo de estudos de uma professora da UNB que trouxe ele para participar. Chama-se Fórum Autonomia. Tem essa questão da própria LDB que defende a autonomia pedagógica, administrativa e financeira das escolas.

Uma questão importante levantada pela Josie foi a dificuldade que os professores da rede pública do Distrito Federal têm para cursar o seminário de formação na Pedagogia Waldorf. Esse curso é ministrado em quatro encontros anuais de imersão, e apenas um destes encontros coincide com um período de férias destes professores. Ela nos informou que na turma atual, que tem mais de 40

alunos, apenas 5 ou 6 lecionam na rede pública. Há ainda um outro problema: esse curso não é reconhecido pela Secretaria de Educação.

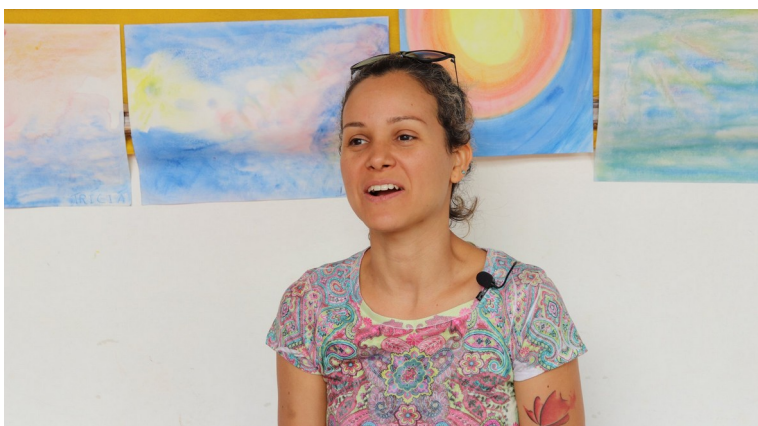
Josie – *Esse curso não é reconhecido pela Secretaria da Educação para uma dispensa. Dentro do nosso plano de carreira, a gente pode pedir uma licença para participar de congressos, seminários, cursos, e quando o curso é reconhecido pelo MEC, pela Secretaria de Educação, isso pode acontecer. Atualmente a coordenação do seminário se propôs a formalizar o curso para ver se a gente consegue esse recurso.*

Entrevista com Daviana Barros – mãe de aluna do CEI 316 Norte

Daviana é formada em Arte-educação, está na 5ª turma do seminário de formação Waldorf em Brasília, e está estudando pedagogia, fazendo curso de complementação, e pretende atuar também como professora, futuramente.

Daviana – *É maravilhoso a gente saber que a Pedagogia Waldorf pode estar na rede pública e ter esse espaço, um discurso aberto por parte do governo para esse acolhimento. Mas a gente sabe também que é um enfrentamento com um sistema que já existe, com uma ideia aceita pela maior parte das pessoas que trabalham na educação no estado. Então, é um desafio a cada dia [...] Hoje já existe um diálogo mais aberto, já existe uma harmonia maior, e a gente sente que ainda tem um caminho a percorrer, mas que a gente sabe que toda escola Waldorf tem.*

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=xn8Wf0w5fM0>

Entrevista com a professora Samantha Herrero



Samantha é professora da rede pública há seis anos, e conheceu a Pedagogia Waldorf na Escola Classe Varjão, em 2017, onde teve a oportunidade de trabalhar com algumas integrantes do Movimento Txai. Começou então a se informar com as colegas e leu vários livros para conhecer um pouco sobre a

Antroposofia e a Pedagogia Waldorf. Hoje atua junto com o grupo do CEI 316 Norte e está fazendo o curso na EAPE.

Samantha – *A partir daí, a educação passou a fazer mais sentido para mim, porque eu via o ser em sua totalidade, e como eu estava com um bebê pequeno, tudo que eu colocava em prática, eu olhava o meu bebê, e fazia sentido com aquelas vivências. Eu achei que esse é caminho agora que eu devo seguir. A Pedagogia Waldorf veio pra mim como um presente, como mãe e como profissional também, e a partir daquele ano eu decidi ir em busca disso que faz mais sentido pra mim.*

Assista a entrevista completa.

https://www.youtube.com/watch?v=R__w_yZiWKg

Entrevista com Poliana Viana – mãe de aluno

Poliana já conhecia a Pedagogia Waldorf, pois seu filho mais velho foi aluno na Escola Moara, e agora matriculou outro filho no CEI 316 Norte porque soube que havia professoras do Movimento Txai atuando lá.



Poliana – *Meu filho do meio precisa ter também essa experiência da pedagogia, de estar em uma escola Waldorf, de poder vivenciar isso, e, principalmente mais lindo ainda, em uma escola pública, onde tem acesso a essa diversidade de crianças e realidades.*

Assista a entrevista completa

<https://www.youtube.com/watch?v=NQ-QUtK2pmQ>

Entrevista com Juliana – mãe de aluna

Juliana – Nós entramos aqui na escola da 316 no fim do ano passado e tem sido uma experiência maravilhosa. A inspiração Waldorf traz um olhar mais humanista para a criança, o olhar que a criança tem que ter, a autodescoberta, da percepção do mundo, e trazer isso junto da diversidade da escola pública tem sido uma experiência maravilhosa. Minha filha veio da escola particular, e eu não conseguia perceber essa fusão de sociedade como possível, com suas diversidades e suas diferenças, complementado por um olhar tão extraordinário, tão humano, e que traz para a criança uma percepção do todo, dentro daquilo que ela dá conta. Então a contação de histórias, o envolvimento com a ciranda, a questão das cores, a percepção das texturas, tudo isso é muito rico e tem sido extraordinário para o desenvolvimento da minha filha. E perceber que é possível sim trazer isso para as mais diversas camadas sociais, e que esses pais também se identificam, mesmo não conhecendo a filosofia, mesmo não sabendo que tem um estudo por trás, é muito maravilhoso.

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=-I-6USfowwQ>

Entrevista com Fabiana Matoso – estagiária na CEI 316 Norte

Fabiana – *Eu acho que seria muito interessante que os estudantes conhecessem a Pedagogia Waldorf, porque no meio acadêmico a gente pouco fala na Pedagogia Waldorf. Escutamos falar que têm escolas Waldorf mas, de verdade, a gente não sabe como funciona uma escola Waldorf, não sabe sobre a teoria e as ideias que Rudolf Steiner tinha. Então eu acho muito interessante, como estudante de Pedagogia, antes de falar ou criticar, ou de repente se afastar, procurar conhecer um pouco, procurar se aproximar, fazer leituras, procurar conhecer algumas escolas que praticam pra ver o que faz sentido. Às vezes você pode incorporar na sua prática, mesmo que a escola que você trabalha não seja uma escola Waldorf, você pode incorporar na sua prática como educador.*

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=rfmKRJIWZII>

Érica Lobato – Movimento Txai

Érica já era mãe de aluno no CEI 316 Norte antes das professoras do Movimento Txai começarem a lecionar lá.

Érica – *Eu já conhecia Pedagogia Waldorf, já vinha de um jardim Waldorf associativo, e consegui dentro da escola, com diálogo com a gestão e a coordenação da escola, levar alguns elementos da Pedagogia Waldorf, como a contação de histórias, consegui fazer uma oficina sobre a Páscoa com as professoras da escola. Naquele momento a própria orientadora pedagógica da escola foi para a EAPE fazer o curso de formação Waldorf, que acabou não conseguindo concluir, mas eu senti que naquele momento eu estava apoiando plantar uma sementinha ali na escola. Na mesma época em que o meu filho entrou na escola (2017), eu conheci o movimento Txai, que estava em uma outra escola naquele momento. Elas me inspiravam muito. Eu sempre buscava apoio com elas, elas me traziam materiais para estudar, histórias pra levar pra dentro da escola. (o Movimento Txai chegou na escola em 2018) [...] Eu tive a felicidade de passar um ano ainda na escola, tendo o Movimento lá. O meu filho ficou com a professora Milene e foi um momento, para a minha atuação, bastante próspero, porque existia dentro da escola um segmento com quem dialogar pelo que eu imagino que seja um ambiente ideal para as crianças e também para as famílias.*

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=rSy1w8O-dTU>

Luzia Lavendowski – aluna da EAPE

Luzia é professora da rede pública do DF, pedagoga de séries iniciais, e conheceu a Pedagogia Waldorf em 2016 através de um curso na EAPE, ministrado pela equipe do Movimento Txai.

Luzia – *Eu já tinha ouvido falar na Pedagogia Waldorf, já tinha lido sobre Rudolf Steiner, mas não tinha nada de concreto, não fazia parte do meu repertório. Mas, a partir do ano que eu comecei o curso, foi assim um divisor de águas, foi quando eu descobri uma coisa que eu procurava a vida inteira e não via ressonância nos lugares. Então, quando eu tive o primeiro contato a ressonância foi muito forte dentro de mim, e aí eu descobri: É isso que eu quero pra mim. Eu fiz o curso de formação (na EAPE) em 2016, 2017, 2018, e esse ano de 2019 as meninas já me chamaram para fazer parte da equipe como colaboradora. E nesse meio tempo surgiu o curso de formação em Pedagogia Waldorf aqui em Brasília, que iniciei há um ano, faço parte da turma 5. Então, em 3 anos bateu tão forte que eu já estou fazendo a formação, e já estou conseguindo aplicar alguma coisa na escola onde eu trabalho, que não é uma escola Waldorf.*

Assista a entrevista completa



https://www.youtube.com/watch?v=Z0-EV_D13II

Atualização em novembro de 2019

Em 2019 o Movimento Txai ainda alcançou vitórias muito importantes. Um novo Projeto Pedagógico, baseado na Pedagogia Waldorf, foi aprovado em votação pela comunidade escolar, e as professoras Luana Angélica Modesto Pimentel e Daniela Alencastro foram eleitas respectivamente Diretora e Vice-Diretora da CEI 316 Norte para o biênio de 2020 e 2021.

Por iniciativa do Movimento Txai e com o apoio da deputada federal Érika Kokay, foi realizada uma Sessão Solene no Congresso Nacional em homenagem aos 100 anos da Pedagogia Waldorf. O evento foi realizado no dia 28 de novembro, a mesa foi formada pela deputada e por Luana Angélica Modesto Pimentel representando o Movimento Txai, Cristina Velasques representando a Federação das Escolas Waldorf, Antônio Carlos Canelada representando a Sociedade Antroposófica, Esdras de Faria representando a Associação Monte Azul, Fátima Cristina da Silva representando a Escola Waldorf Moara e Rubens Salles representando o Instituto Ruth Salles.



https://www.youtube.com/watch?v=Ui_tF-18Y7c

EMEB Manoel Aníbal Marcondes – “Quintal do Aníbal”

<https://www.institutoruthsalles.com.br/capitulo-xi-emeb-manoel-anibal-marcondes-quintal-do-anibal/>

Jundiaí SP

No dia 17/06/2019 estivemos em Jundiaí visitando a EMEB Manoel Aníbal Marcondes, mais conhecida como Quintal do Aníbal, quando conversamos com a diretora Rita Rozeno e com o coordenador Adriano Mastroso. Em outra visita no dia 7/08/2019 entrevistamos educadoras, mães e pais de alunos. A creche possui 140 alunos, sendo cerca de 10% crianças com necessidades educacionais especiais.

Destaques

1 – Todas as iniciativas de se levar a Pedagogia Waldorf para a escola pública foram fruto do trabalho de uma pessoa ou um grupo coeso de pessoas profundamente dedicados à causa da educação, e que já vivenciaram as transformações que esta pedagogia é capaz realizar na vida das crianças e suas famílias. Este caso de Jundiaí não foge a essa regra. A transformação dessa creche em uma escola inspirada pela Pedagogia Waldorf começou há cerca de dez anos, quando Rita Rozeno assumiu sua direção e empreendeu essa mudança. Apresentamos abaixo este histórico nas suas palavras.

2 – Os pais das crianças do Quintal do Aníbal que conhecemos gostariam muito que seus filhos continuassem no ensino infantil em uma escola municipal, que também fosse inspirada na Pedagogia Waldorf. Consideramos que o município de Jundiaí tem nessa creche uma experiência consolidada, e que poderia ser estendida para outras creches e jardins de infância da rede, através de cursos e estágios para professores. É fácil de perceber os benefícios que essa iniciativa traria para as crianças, as famílias, as educadoras e a própria rede pública.

3 – Como nas demais iniciativas que visitamos, conhecemos no Quintal do Aníbal várias educadoras apaixonadas pelo seu trabalho inspirado na Pedagogia Waldorf e diversos pais muito envolvidos com a escola e felizes com o desenvolvimento de seus filhos. A cada experiência como essa, nos convencemos de que a Pedagogia Waldorf precisa ser muito mais conhecida e praticada na rede pública. [Alguns dados básicos sobre o município de Jundiaí SP](#)

Município de Jundiaí SP		
Indicador – dados do IBGE https://cidades.ibge.gov.br	Valor	Ano
População estimada	414.810	2018
População com renda nominal per capita de até ½ salário mínimo	28,00%	2010
IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental	7,1	2017
IDEB – Anos finais do ensino fundamental	5,3	2017
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal	0,882	2010
Mortalidade infantil – óbitos por 1.000 nascidos vivos	10,55	2017
Domicílios com esgotamento sanitário adequado	96,60%	2010

Endereço

Rua Cel. Lema da Fonseca 366 – centro – Jundiaí SP

Fone 11 4521-6882

emebmmarcondes@jundiai.sp.gov.br

Facebook

Pessoas entrevistadas

Rita de Cássia Rozeno de Souza Castro – diretora

Adriano Mastroso – coordenador

Educadoras

Maria Júlia César Vilhena – professora

Samira Alves de Lima – professora

Marli Aparecida Santos Bressan – professora

Illênia Peixoto Negrin – professora

Maria Lúcia Mayer – agente de desenvolvimento infantil*

Raquel Teresa Vieira – agente de desenvolvimento infantil

Paloma Aparecida Soares – agente de desenvolvimento infantil

Mães e Pais

Cecília dos Santos Reis Araújo

Mariana de Oliveira

Natália Biazotto Piccolo

Edson Passos Jr.

Christiano Ferreira dos Santos Basile

*Agentes de desenvolvimento infantil (ADI) são educadoras auxiliares que atuam como apoio aos professores de cada turma.

Veja em nosso site fotos em slideshow



Uma história de transformação

Rita Rozeno – Há cerca de dez, onze anos, eu conheci a Luiza Lameirão, do seminário de formação em Pedagogia Waldorf. Eu era diretora e estava fazendo uma pós-graduação com ela. Ela me aconselhou que eu pegasse uma escola pequena e com crianças pequenas. Daí, eu pedi transferência para esta escola com cinquenta alunos. Eram tempos bem difíceis. Encontrei aqui as crianças muito segregadas, onde a principal ferramenta da educação pedagógica era a contenção física. Acredita-se que se precisa ensinar todos como se todos fossem um. Por isso é preciso parar todos, para que eles olhem para o professor.



Mas nós partimos do pressuposto de que os indivíduos são únicos e de que não é meu papel parar todo mundo para me ouvir. O meu papel é instigar a inteligência deles, estimular para que eles vão para o mundo aprender. Aqui tinha cancelinhas de contenção nas portas das salas que era para conter, de verdade. Tinha televisão, as crianças ficavam sentadas e eu fui procurar mexer nessas condições. Luiza Lameirão me orientou que eu procurasse a Renate Keller lá na Monte Azul. Aí eu fui para lá e ela foi gentilíssima comigo. Ela abriu as portas, me mostrou tudo e falou: “Passo pelas mesmas questões que você, pois não se trata de você ou da cidade, mas se trata de como o país pensa a educação. Então, todo espaço que pretende

melhorar a qualidade a partir da base, vai ser um espaço de resistência.” A Renate me ofereceu o Projeto Político Pedagógico (PPP) dela. E disse que serviria como uma proposta pedagógica inicial, pois a proposta pedagógica é construída pelas pessoas.

Daí, começamos a fazer lá a formação para educadores sociais. Esse sair da escola, ir para um outro espaço aprender, serviu de muitas coisas, pois além de estudar, passamos a conviver como gente, fora do formato profissional e a criar vínculos. Comecei a ir atrás do Marcos Ferreira na USP, da Renata Meireles, fui à UNESP. Onde eu achava que tinha gente que podia ajudar, eu ia. Sair e ouvir as pessoas foi fundamental. Também assistimos a uma palestra do José Pacheco, e a gente voltou para cá com essa vontade de formar grupo, fundamentar a prática e reagir. As pessoas nunca disseram não para a gente. Isso também ajudou o grupo a perceber que o complexo de inferioridade era nosso. É verdade que a gente tem um país que é bastante difícil, mas que tem muita gente engajada no que a gente pensa, não estávamos sozinhas. A Renate falava que a gente nadava contra a corrente, mas só peixe vivo nada contra a corrente.

A gente foi seguindo. Inicialmente, as pessoas que estavam aqui, não somente acreditavam que conter as crianças fisicamente era uma estratégia pedagógica, como elas entendiam que educar as crianças passava pela violência, com grito, coação psicológica, essas coisas estavam muito arraigadas. Eu também trazia formadores para dentro da escola. Eu ouvi uma vez uma das professoras participando de uma formação e falando: “Eu não me lembro a última vez em que percebi que eu tinha corpo.” Aí eu fui entender que não era só uma visão de mundo, mas tinha a ver com a presença delas no mundo, como é que elas se percebiam. Elas não conseguiam ter alteridade com as crianças porque a infância estava tão distante do corpo delas, da vida delas, que

elas não alcançavam o que era aquilo. Um ano e meio depois, elas começaram a tirar a televisão de dentro da sala. Os portões foram saindo também. Depois fomos mapear os espaços da escola a fim de que as crianças pudessem brincar em todos os espaços. E chamamos de “espaço” todo lugar que a criança podia vivenciar com o corpo dela, independente de ser ajudada por um adulto ou não; que fosse livre para criar, brincar. E percebemos que quase 70% da escola era “não espaço”. A gente chamou de “não espaço” todo espaço em que a criança não podia fazer isso. Por exemplo, o corredor, é um local de passagem e você tem que passar de um jeito específico, quieto. E não dá para você pedir isso para um menino pequeno. A gente teve que desmontar essas crenças. A gente desconstruiu as filas.

Depois a gente conheceu o CENPEC em 2011. Eles foram parceiros incríveis. A Pilar Tetilla foi nos educando. Ela é uma grande companheira da escola. Com o CENPEC ficamos dois anos. Fizemos um documentário, levaram a gente para um evento em São Paulo, foram várias ações. E essas ações que o CENPEC fez colocou a gente numa condição de continuar trabalhando sem desaparecer, pois conseguimos o prestígio da cidade e dos pais.

Nós apresentamos um trabalho de conclusão num curso e a Luíza Lameirão falou que com pouco conhecimento da Pedagogia Waldorf, a gente estava realizando o sonho do Rudolf Steiner, que é tirar a Pedagogia Waldorf de dentro dos muros e colocar no mundo. E eu também ia nos seminários uma vez por mês, levava as demandas daqui e eu tinha quarenta minutos com ela. Ela me disse assim: “Eu quero que você pare de escrever e pense que você está plainando, voando. Quero que você olhe lá de cima e que você desça, ponha os dois pés no chão e você vai ser tudo o que você está dizendo que a escola precisa ser.” Ela devolveu para mim uma responsabilidade que era encarnar a escola.

Professores – o desafio de conduzir processos que ampliem a experiência humana

Conhecemos várias educadoras da equipe, e tanto as professoras quanto demais auxiliares demonstraram estar muito bem integradas na proposta pedagógica da escola e felizes com o trabalho que estão realizando. O clima da escola é muito bom, e se reflete nas crianças e no reconhecimento das famílias, mas é fruto de um trabalho de longo prazo e constante quebra de paradigmas.

Rita Rozeno – *A demanda de serviços é maior porque a gente está mexendo na base de algo que é paradigmático. O professor chega aqui e começa a perceber que ele não é tarefeiro. Ele precisa pensar, refletir sobre o que ele está fazendo, senão não dá conta. Somos de uma profissão em que não entendemos do nosso objeto de estudo, que é a criança, gente. Em primeiro lugar, temos que ser especialista em gente. O processo educativo não é maior do que aquele indivíduo que aprende naquele determinado momento da vida, se percebe de um jeito naquele determinado momento da vida. Se eu não entendo isso, estou fadada ao fracasso. A gente tem uma formação conceitual, muito conteudista e não passa por entender o que é “gente”. Num espaço onde você precisa gerir processos que ampliem a experiência humana, como é que você vai ampliar a experiência humana se a gente nada conhece de humanos, a partir de nós mesmos? Esse é o grande desafio.*

Parte da formação dos professores a gente divide com a Angelim, a escola Waldorf da cidade. Quando tem curso lá, as professoras daqui vão. A outra parte, eu vou à formação e trago a formação para cá. A proposta pedagógica está bem clara para todos. Ela é difícil de fazer, mas todos têm vínculo com as crianças, respeito, as pessoas não gritam com elas. Essa delicadeza com as crianças está consolidada.

Maria Júlia César Vilhena – professora

Júlia – *Eu conheci a Pedagogia Waldorf na faculdade (USP). Em 2015 eu fiz estágio aqui no Quintal e fiquei encantada com a escola. Gostei muito da forma de trabalhar. Eu já trabalhei na rede particular e na rede de Itupeva. A comunidade daqui dá para perceber que é bem diferente das que eu encontrei nas outras escolas. A gente percebe que os pais que estão aqui são mais atentos. É muito difícil trazer a família para a escola e aqui a gente consegue, aqui a gente tem isso, que eu acho essencial.*

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=iZAaIsSgnk>

Marli Aparecida Santos Bressan – professora

Marli – *Sou professora aqui do Manoel Aníbal há dois anos, mas eu sou educadora aqui do Quintal desde 2009. Comecei como ADI, fui estudar, fui me formar e voltei como professora agora. Tenho uma longa história de carinho e amor por este lugar aqui. Eu vou e volto, sempre. Fui, fiquei um ano, depois fui para uma outra escola e voltei. Eu não sou efetiva da escola, mas eu espero ficar, porque a proposta me encanta muito, sempre me encantou. Aliás, foi o que fez eu me formar em educação, foi eu estar neste lugar, porque a princípio quando eu entrei na rede, eu mais me desencantei do que me encantei, nos formatos que ela tem. Mas quando eu cheguei aqui, passado o primeiro estranhamento, (porque primeiro teve um estranhamento, porque era diferente do que eu tinha visto) eu fui me encantando. Eu falo que aqui é minha casa, que aqui eu trabalho feliz. O que me faz ter esse encantamento é que aqui a gente prioriza a criança e o adulto é que se educa para fazer o certo, o correto para a criança.*

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=dzJtohFpPQw>

Samira Alves de Lima – professora

Samira – Sou professora aqui há seis anos. Eu vim do Fundamental. Eu sempre fui professora de alfabetização. Fui formada numa escola muito rígida e em contrapartida me tornei uma professora bem rígida também. Eu acreditava nesse autoritarismo do professor e nesse isolamento, nesse distanciamento da criança.[...] Nos primeiros seis meses eu me senti muito perdida. Aí, foi adaptação com a faixa etária, adaptação com a escola e adaptação com essa proposta que até então eu não conhecia, porque eu vim de uma escola muito diferente. Aí a gente começou a estudar, a escola começou a dar muita formação, a gente foi buscar algumas informações e hoje, depois de seis anos eu descobri que eu conheci muito pouco do que eu poderia ter aprendido, mas já caminhei bastante. Entender a criança, toda a complexidade e interesse que ela carrega, é uma tarefa diária. Hoje eu sou muito contente, muito feliz pela minha escolha. Acho que a escola mais me transformou como ser humano, do que eu tenha transformado na vida das crianças. Pra mim tem sido um aprendizado diário e uma quebra constante de paradigmas.

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=4OQZBeW0dzY>

Illênia Peixoto Negrin – professora

Illenia – *Eu tenho estudado os princípios da Pedagogia Waldorf através aqui da escola e percebo que, de fato, foi a Pedagogia Waldorf que deu um rumo diferente para essa escola pública. Eu percebo que isso norteou a transformação dos educadores que hoje trabalham aqui, e que estão aqui há muitos anos, porque eu sou nova de casa, mas os professores que estão aqui há mais anos eu percebo que eles conseguiram transformar sua prática através desse olhar da Pedagogia Waldorf. Hoje eu também incorporo no meu dia a dia com as crianças vários elementos dessa pedagogia. Eu percebo o quanto isso é rico para a criança, e como isso de fato coloca a criança num papel de protagonista da sua própria infância.*

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=FORCh8ptl8I>

Agentes de desenvolvimento infantil – auxiliares preciosas

As Agentes de Desenvolvimento Infantil são educadoras auxiliares que atuam no apoio às professoras.

Rita Rozeno – *Entre as Agentes de Desenvolvimento Infantil tem um grupo de mulheres que eram donas de casa. Vieram trabalhar por conta das condições financeiras. Essas pessoas não sabiam que a gente tem uma jornada que é só nossa. Descobrir esse jeito de pensar, não foi só para as crianças, foi para elas também.*

Algumas delas, chegando aqui é que começaram a descobrir que tem um alguém dentro delas, que é individual e faz a sua história no mundo. Sua individualidade. Antes, tudo era fora. Essas pessoas ganharam um respeito dentro da estrutura da escola, que não tem a ver com o cargo delas, tem a ver com uma conquista de quem elas são como gente. São pessoas muito potentes, que facilmente cairiam no esquecimento se não estivessem num lugar que lhe dá voz. Quem ajuda a segurar essa escola são essas pessoas, que descobriram que a vida é mais do que trabalhar, pegar o dinheiro e consumir. É uma honra trabalhar com essas pessoas. Elas entendem que o que elas vêm fazer aqui é trabalhar pela educação das crianças pequenas. Tem a ver com uma ideia que o Rudolf Steiner teve lá atrás e eu não sei se ele mensurava isso, não faço ideia se ele tinha dimensão disso, de que, fazer um ambiente desse, do jeito que ele pensava a escola, poderia atingir as pessoas nesse grau, porque quando comecei, eu não imaginava. E comecei a ver as pessoas brotando, brotando e se tornando pilares. Eu tenho um orgulho imenso de trabalhar com elas!

Maria Lúcia Mayer – agente de desenvolvimento infantil

Maria Lúcia – *Eu estou aqui há dez anos. Eu tenho mais de trinta anos de experiência em Educação Infantil, mas a pedagogia Waldorf, eu conheci aqui. Na pedagogia Waldorf eu me realizo como pessoa e como profissional. Aqui eu me realizo porque aqui eu tenho autonomia para criar, eu posso fazer o que eu gosto. Eu tenho essa autonomia para construir uma boneca com os pais, pra brincar com essa boneca com a criança, eu posso criar junto aos professores. A gente trabalha realmente em equipe. Sabe a hierarquia? A gente não sente, porque a gente trabalha em equipe.*

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=tUl5QM37xec>

Raquel Teresa Vieira – agente de desenvolvimento infantil

Raquel – *Esse grupo com que eu estou, estou desde o ano passado. A gente já criou um vínculo com os pais e acabamos construindo uma relação de confiança. Muitas coisas que acontecem em casa, eles vêm confidenciar o que a criança falou, e até quando elas fazem uma coisa errada em casa diferente do que fazemos aqui, eles sentem a liberdade e a confiança de falar pra gente, sem ter um julgamento. Os pais aprendem muito aqui na escola. Eu sou mãe de aluno também, e eu vejo pela minha experiência como mãe, se eu tivesse com meu filho em outra escola, em casa eu não estaria dando a educação que eu dou pra ele. Aqui os pais aprendem muito mais a valorizar o Ser criança.*

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=ySrKO9H5AC0>

Paloma Aparecida Soares – agente de desenvolvimento infantil

Paloma – *A minha relação com os pais sempre foi uma relação boa, tanto na escola anterior como nessa, mas aqui tem uma participação maior dos pais. Aqui a gente tem todo um trabalho, desde a gestão até nós educadoras e educadores, para que os pais participem da proposta da escola. A gente faz com que os pais acreditem que a escola só transforma quando todo mundo ajuda, quando todo mundo entende que a escola é de todos. [...] A gente parte da proposta que a creche é um espaço onde a criança constrói identidade, onde a criança aprende o que é o mundo, onde ela descobre o mundo. Então é importante que desde pequena a criança saiba que o nosso mundo é composto por seres humanos iguais na sua humanidade, mas diferentes na sua diversidade.*

A convivência com os pais

Rita Rozeno – *Eu falo para as meninas: Não se trata de mim ou de vocês. Se trata dos meninos que acabaram de chegar no mundo e que eles não conseguem dar conta ainda deste mundo e que a gente precisa que eles compreendam neste momento que o mundo é um lugar bom. E vai ser por mim, por nós, por todos vocês que eles vão compreender isso. Fazer a educação dos pais é fundamental para que isso aconteça. Tirar os tablets, tirar os celulares e dar vida para as crianças. Fazer com que os pais queiram estar com as crianças é fundamental. Eu tenho uma tarefa fundamental, pois a criança precisa de um adulto de referência e às vezes esse adulto está aqui na escola.*

Tem muitos pais que vêm pra cá porque amigos tiveram os filhos aqui ou porque eles ouviram falar da escola. Eles já vêm visitar a escola e eles querem essa escola, eles vão para a Secretaria e eles esperam essa escola. Às vezes esperam do 1 aos 2 anos e meio, mas eles querem colocar nessa escola. Eu tenho pai que também chega desavisado. A gente recebe várias crianças, muitas delas com espectro autista. Hoje 10% da escola são crianças com necessidades especiais, e algumas chegam aqui com estereotípias que não são próprias do espectro, mas que são da relação que elas tiveram com as pessoas. As crianças são de 1 a 4 anos, e se os pais das crianças com necessidades especiais entram com liminar e a criança consegue ficar mais um ano aqui.

Cecília dos Santos Reis Araújo – mãe de alunos

Cecília – *Se você parar para pensar na sua necessidade como ser humano de contato com a natureza, e ver que seu filho tem a oportunidade de viver isso na escola, nem que seja por uma pequena parte do dia, vale a pena. Se você tiver um quintal na sua casa, vai ver que ele vai começar a aproveitar esse quintal 100%. Se você não tiver, vai ver que ele não vai ter mais aquela necessidade de ficar na TV ou no celular, ou de ficar ali trancadinho com brinquedos fabricados. Ele vai perder essa necessidade, e vai começar a perceber que ficar perto da mãe quando ela estiver cozinhando, quando ela estiver trabalhando, é divertido também. Ele vai encontrar diversão em lugares que você talvez não enxergaria.*

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=SbZUkWJHqgI>

Mariana de Oliveira – mãe de aluno

Mariana – A gente conversa muito entre os pais, que é o legal da creche. Se a gente tivesse oportunidade estenderia até mais (o período das crianças nesta escola) porque a metodologia que é utilizada aqui na creche ensina a criança a viver. E não é viver confinada com celular, com TV, é viver em contato com a terra e com coisas que a gente tinha na infância e que hoje muita criança não tem. É bem legal essa parte. Então, por mim, meu filho teria isso até a faculdade, pois criaríamos crianças mais humanas, porque hoje estamos criando robôs. A gente olha as crianças e estão só no celular, e não tem o hábito de brincar, se conectar com a terra, se conectar com a natureza.

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=M3nI-1t2uOM>

Edson Passos Junior – pai de aluno

Edson – Aqui é ótimo! É inexplicável! É um mundo à parte. É impressionante como não têm projetos pedagógicos públicos parecidos com esse em todo lugar. Deveria ter mais. Quando a gente vira pais nunca vem com manual de instrução. Sorte que a gente encontrou aqui e a partir daí a

gente passou a ser pais melhores, mais engajados com a causa da educação, porque a gente viu que aqui dá certo. A diversidade aqui é tratada como uma coisa natural e a gente aprende com eles. É uma forma de educação que vê realmente a pessoa.

Assista a entrevista completa



https://www.youtube.com/watch?v=ztpLg_ftCmA

Christiano Ferreira dos Santos Basile – pai de aluna

Christiano – *A minha filha chama a professora de amiga. “Ela é minha amiga!” Então a gente vê aquele monte de crianças e as educadoras ali naquele ambiente, com uma postura pacífica, uma postura calma, e a gente sabe que não é fácil num ambiente onde as crianças trazem todas as suas demandas do ambiente familiar, todas as suas inquietudes. Então a gente acaba aprendendo muito, não só com o desenvolvimento dela, dentro de um ambiente que tem uma proposta mais humanizadora, mas a gente percebe que o ambiente todo é construtivo porque ele valoriza esse comportamento. Então a gente olha isso e está sempre refletindo sobre nosso comportamento no dia a dia, dentro de casa.*

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=coeB0Vf1060>

Natália Biazotto Piccolo – mãe de aluna

Natália – *Eu havia pesquisado outras escolas e aqui eu me encantei com a metodologia. Fui até conhecer outras escolas, mas quando me falaram dessa e que tinha o conceito da Waldorf, eu me encantei. Eu vim aqui, conheci, fiz a inscrição e acabou dando certo dela entrar, e é apaixonante. É muito mais do que eu esperava. Aqui você vê um carinho que você não vê em outros lugares, em outras escolas. Se todo mundo tivesse a oportunidade de conhecer um pouquinho e deixar o filho, acho que não ia querer outro tipo de conceito, ou tipo de escola.*

Assista a entrevista completa



<https://www.youtube.com/watch?v=IlTmLo4mAuw>

EMEF Antônio Gonçalves das Neves – iniciativa descontinuada

<https://www.institutoruthsalles.com.br/capitulo-xii-emef-antonio-goncalves-das-neves-iniciativa-descontinuada/>

EMEI Doce Anjo

Creche Maycon Douglas Godoy Américo

Espírito Santo do Turvo SP

O projeto de implantação da Pedagogia Waldorf no município de Espírito Santo do Turvo, SP, aconteceu durante o mandato de Luciana Retz como prefeita, de 2005 a 2008. A secretária de educação era sua irmã, Cláudia Retz. Ambas são fundadoras da Viver Escola Waldorf, uma escola associativa em Bauru que já tem mais de 30 anos, e atualmente dirigem o Instituto Impulso, que realiza cursos de fundamentação em Pedagogia Waldorf.

Destaque

Por se tratar de um município muito pequeno e politicamente muito dividido, uma parte das professoras eram apoiadoras da oposição à gestão na época, e a mudança para a Pedagogia Waldorf na EMEF principalmente, sempre teve muita resistência. No período da campanha eleitoral em 2008, a escola virou um foco do debate político, e práticas como os meninos fazerem tricô e outras da pedagogia que eram diferentes do tradicional eram usadas pela oposição para criticar o trabalho. Como a situação perdeu as eleições, a implantação da Pedagogia Waldorf foi descontinuada no município, onde foi adotado um sistema de apostilas. Na creche e na EMEI uma parte das atividades aprendidas com a pedagogia Waldorf vem sendo preservada pelas professoras que participaram da formação naquela época.

Alguns dados básicos do município

Município de Espírito Santo do Turvo SP		
Indicador – dados do IBGE https://cidades.ibge.gov.br	Valor	Ano
População estimada	4.829	2019
População com renda nominal per capita de até ½ salário mínimo	31,10%	2010
IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental	6,4	2017
IDEB – Anos finais do ensino fundamental	4,9	2017
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal	0,696	2010
Mortalidade infantil – óbitos por 1.000 nascidos vivos		2017
Domicílios com esgotamento sanitário adequado	84,30%	2010



Foto: Luciana Maria Retz – prefeita de 2005 a 2008

Nós do Instituto Ruth Salles participamos diretamente do trabalho realizado em Espírito Santo do Turvo, através do projeto Dom da Palavra, realizando os cursos para introdução da Pedagogia Waldorf no município. Conseguimos um pequeno apoio do Ministério da Educação para realizarmos o trabalho e também apoios parciais da Fundação Software AG e da Associação

Beneficente Tobias. O município tem população aproximada de 4.800 habitantes, fica a cerca de 320 quilômetros de São Paulo, em zona rural e possui uma creche, uma escola de educação infantil e uma de ensino fundamental. Todas as professoras destas escolas participaram das formações durante 3 anos, de 2006 a 2008. A equipe de formadores era composta por professores da Escola Waldorf Aitiara, de Botucatu, e os cursos ocorriam em fins de semana, mensalmente, e em períodos de férias ou feriados. O projeto Dom da Palavra foi objeto de uma dissertação de mestrado, defendida em 2010, disponível em anexo.

DISSERTACAO Projeto Dom da Palavra – pdf

Veja em nosso site fotos do projeto em slideshow



Um vídeo com realizações dos alunos

<https://www.youtube.com/watch?v=wTGWJkhagCA>

O que ficou depois de 10 anos



Fizemos uma visita ao município no dia 15 de maio de 2019, em companhia da Luciana Retz, onde conversamos com professoras da creche e professoras da EMEI, e elas continuam utilizando algumas práticas da Pedagogia Waldorf.

Cláudia Retz (foto) – secretária de educação de 2005 a 2008

Cláudia Retz – *Quando estivemos lá na prefeitura, nós modificamos o estatuto e igualamos as professoras de creche e de Jardim com as do Ensino Fundamental. Depois que saímos, a primeira coisa que a nova gestão fez foi tirar o novo estatuto e voltar como era.*

Foi um trabalho lindo que fizemos lá. Eu tenho fotos de projetos que realizamos lá, na educação, na cultura, no esporte, de vários projetos. E o dinheiro dava. O problema não era dinheiro.

O ideal seria se todas as escolas ganhassem autonomia. O governo pagaria para o pai um vale educação. O pai pegaria esse vale educação, escolheria a escola e entregaria esse vale na escola e a escola poderia trocar esse vale por dinheiro. Os pais estão acostumados a deixar a criança na escola e ir embora. Eles não sabem a diferença entre uma escola e outra, entre uma pedagogia e outra. Seria uma forma de trazer mais consciência para as pessoas. Os pais iam ter que pensar: “Que pedagogia é essa? Deixa eu pesquisar para ver o que é.” Os professores iam ter que escolher uma pedagogia. Se os professores são servos, eles só vão educar servos. Tem um ditado grego que diz: “Servos só educarão servos”. O fator mais importante da escola é desenvolver o social: a pessoa saber lidar com a sua própria liberdade sem tolher a liberdade do outro; saber aceitar a diferença sem se sentir nem superior, nem inferior. Isso que é o mais importante na escola. E desenvolver suas capacidades, seus talentos, o que cada pessoa traz. Desenvolver-se em todos os âmbitos, não só o intelectual. Por isso que a gente desenvolve todos os âmbitos, trabalhos manuais, movimento, teatro, poesia. Eu acho bem difícil a gente conseguir mudar pela política. Eu acho que a escola tinha que se desligar da política.

Creche Maycon Douglas Godoy Américo

Tivemos uma conversa com um grupo de cinco professoras da creche que haviam participado de nossa formação: Maria Silvette Belém, Juscelina Cipriano, Silvana Antonia Pereira Fontana, Silvana Jesus Martins Rodrigues, Vilma Fernandes Faccioli. Transcrevemos abaixo um trecho dessa conversa, onde elas contam o que conseguiram preservar e o que foi mudando, mas pelo áudio não foi possível identificar quem está falando.

Perguntamos se ainda utilizavam práticas da Pedagogia Waldorf.

Professora – *Nós temos atividades da Pedagogia Waldorf porque fomos preservando. O que aprendemos, estamos fazendo até hoje. A gente não teve mais aquele incentivo, aquela ajuda que havia, tiraram muita coisa. Eu estava comentando com as meninas que as músicas que eu sei e canto até hoje com as crianças, foram as que eu aprendi naquele curso. As músicas dos dedinhos, por exemplo. A experiência que eu tive numa creche que eu visitei, lá é totalmente diferente, o ritmo das crianças é totalmente diferente, na verdade, lá é sem ritmo e as crianças ficam meio dispersas. Aqui, como a gente aprendeu, eles chegam, a gente faz o acolhimento, cantamos, fazemos a roda, troca a fralda, vem a hora do banho, hora da fruta, tudo seguindo o ritmo, as nossas crianças têm hora para brincar. Aqueles brinquedos de madeira não tem mais, agora é tudo de plástico. Antes a gente fazia com eles na sala, fazia bola com lã, bonequinha e bonequinho de pano.*

Professora – *Aquele contato com as mães que a gente tinha, chamava, conversava, hoje não tem mais isso. Hoje as mães deixam as crianças e vão embora. Tem mãe que nem conhece a pessoa que cuida da criança aqui na creche. Tem mãe que nem quando está de férias ela fica com o filho. Tem uns que chegam às 5:50h. Na hora da saída, tem mãe que esquece. Nós saímos às 17:30h. Tem vez que a gente sai às 18:15h porque a mãe esqueceu. Antigamente vinham professoras de Botucatu de quinze em quinze dias para dar curso pra gente. Agora, se a gente quer alguma coisa, a gente tem que ir atrás e como a gente fica o dia inteiro aqui, fica mais difícil. Agora a creche não fecha nunca. Aqueles crianças que nós cuidamos, já cresceram, são adolescentes, eles lembram, não se esquecem da gente.*

EMEI Doce Anjo

Conversamos também com três professoras da EMEI que haviam participado da formação em Pedagogia Waldorf conosco: Andréa Sanchez Carlomagno da Silva, Maria Aparecida Rodrigues Campos, Regina Vieira da Silva. No ensino infantil também foi introduzido o apostilamento e não houve nenhuma consulta sobre isso com as professoras. Também foi uma entrevista coletiva, para sabermos se ainda utilizavam práticas da Pedagogia Waldorf.

Professora – *Foi uma grande formação a que fizemos na época. Todo professor deveria ter, da educação infantil principalmente. Todo educador e os auxiliares deveriam ter a formação Waldorf, e ver a escola como um órgão vivo, que respira, que vivencia a educação. A gente ainda tem muita voz ativa nas decisões, isso ficou, nas reuniões, no planejamento das festas. Deixou um grande legado. Só que hoje a gente sentiu da cidade a cobrança das famílias e do governo, a questão dos índices, das provas, da necessidade do apostilamento. A gente continua tendo a rotina. Eu chego, conto história, faço a roda, o ritmo, depois faço a leitura dos cartazes, depois vou para a apostila, depois as crianças tomam o lanche, depois vão para o parque brincar livre, isso é o que eu acho mais importante. Eu não concordo com o parque dirigido e vou bater o pé até o fim, enquanto eu estiver trabalhando, a criança tem que ter a respiração, a criança tem que estar um pouco dentro e um pouco fora da sala e no parque ela tem que brincar livre. E é difícil convencer alguns tutores do apostilamento sobre o brincar livre.*

Perguntamos se o apostilamento trouxe algum resultado benéfico para as crianças.

Professora – *Acho que sim. Não sei te explicar o quanto, mas as crianças ficam muito felizes aprendendo. É uma realização para eles saber o nome. Eu sei que é alfabetização precoce. Sei de toda a teoria, mas, não sei te explicar, eu me sinto muito feliz agora. Eu me sinto vendo fluir. A gente era muito cobrada pela escola fundamental. Quando as crianças iam daqui para lá, falavam que as crianças iam sem nem saber pegar no lápis, sem saber escrever o nome. Os pais também gostaram do apostilamento.*

Professora – *Eu não sinto falta da Pedagogia Waldorf porque eu uso ainda muito ela. A gente trabalha os ritmos e as épocas. Eu me sentia muito mal quando as professoras do fundamental falavam que as crianças não sabiam pegar no lápis, a minha autoestima ia lá no pé. Eu consigo enxergar esses dois lados e viver com essa chama da Pedagogia Waldorf acesa através dos contos de fadas, da roda, do teatro e ver que o pessoal do Etapa, os estagiários ficam encantados de ver a roda e ver decorado o ritmo. Eu dou para eles o CD que eu digitei os ritmos que a gente tinha. Eu digitei tudo, fiz uma pasta. Eu gosto dessa autonomia de poder fazer isso, admirada pelas pessoas que vêm de fora. Tenho 25 alunos na sala agora. Essas pessoas de fora percebem a calma que as crianças ficam quando eu estou perto. Se eu sair, eles vão atrás de mim. Eles percebem que a criança se espelha no professor. Os professores que vieram para cá depois tentam aprender. A nossa força, dos antigos, é forte, e os novos querem se espelhar. Ficam encantados na pedagogia Waldorf. Eles falam: “Por isso que eles são mais calmos.”*

Professora – *Hoje a maior parte dos pais participa da aprendizagem na escola. Se você chama, eles vêm, se você liga, eles atendem. Escola e família estão trabalhando juntas. Fazemos festas, eventos. Os pais filmam. No apostilamento você cobra muito, atividade, atividade, às vezes você não tem tempo daquele olhar para a criança de três anos. Nessa parte, eu sinto falta da Pedagogia*

Waldorf. Porque a gente ensinava também, só que era ensinar de uma maneira mais lúdica. E a gente usava até o termo “ser mãe”. Hoje isso é tirado também. Eles falam: Vocês largam dessa história de ser mãe. Eu já tenho 22 anos de prefeitura.

O ateliê Mãos de Fada

Durante a gestão de Luciana Retz foi criado no município o ateliê Mãos de Fada, uma cooperativa de costureiras e artesãos que confeccionavam bonecas Waldorf de diversos tamanhos e modelos e vários tipos de brinquedos de madeira, que eram comercializados para jardins de infância Waldorf de muitas outras cidades. Depois daquele período, o ateliê acabou fechando.

Escola Jardim da Manga – iniciativa descontinuada

<https://www.institutoruthsalles.com.br/capitulo-xiii-escola-jardim-da-manga-iniciativa-descontinuada/>

Ubá MG

A Escola Jardim da Manga pertence à rede pública municipal de Ubá, MG, e situa-se no Povoado São Domingos, a cerca de 10 quilômetros da sede do município. A implantação da Pedagogia Waldorf como um projeto piloto nessa escola foi feita por iniciativa da própria prefeitura. O projeto começou a ser realizado em 2014 e foi descontinuado quando houve a troca de governo, em 2017.

As informações de que dispomos foram todas extraídas e resumidas de uma dissertação acadêmica de Sabrina Fadel, apresentada à Universidade Federal de Viçosa como parte do Programa de Pós-Graduação em Educação, e intitulada VIVÊNCIAS NO PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO DA PEDAGOGIA WALDORF NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE UBÁ-MG, defendida e aprovada em 18 de junho de 2017. Sabrina é mãe de dois ex-alunos dessa escola, e acompanhou de perto todo o processo. Recebemos esse documento encaminhado pela Federação das Escolas Waldorf do Brasil, e o compartilhamos em anexo.

[Dissertação de Sabrina Fadel – pdf](#)



Destaque

1 – Segundo Sabrina, “a análise das vivências evidenciou que este processo de implantação da Pedagogia Waldorf, embora tenha sido denominado como ‘revolucionário’ em sua essência, quando ele foi assumido pelo poder público, passou a ser considerado impositivo e autoritário pelos/as envolvidos/as no processo, principalmente, por aqueles/as que seriam seus/suas protagonistas, os/as professores/as e a comunidade local.”

2 – A pesquisadora constatou que o projeto não partiu de uma demanda da comunidade e que não houve um diálogo esclarecedor com esta no início do projeto, o que culminou em desentendimentos, dúvidas e desconfianças quanto à abordagem pedagógica que vinha sendo adotada, principalmente pela comunidade evangélica. O projeto também não partiu do interesse dos professores, e para lecionar na Escola Jardim Manga os professores eram obrigados a participar da formação Waldorf, com a qual alguns se identificavam e outros não.

Alguns dados básicos do município

Município de Ubá MG		
Indicador – dados do IBGE https://cidades.ibge.gov.br	Valor	Ano
População estimada	115.552	2019
População com renda nominal per capita de até ½ salário mínimo	29,60%	2010
IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental	6,7	2017
IDEB – Anos finais do ensino fundamental	4,2	2017
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal	0,724	2010
Mortalidade infantil – óbitos por 1.000 nascidos vivos	15,85	2017
Domicílios com esgotamento sanitário adequado	87,80%	2010

Breve histórico

O interesse da SME – Secretaria Municipal de Educação em implantar uma escola Waldorf surgiu após contratarem o Projeto Germinar, realizado pelo Instituto EcoSocial, para capacitação de diretores, supervisores e professores da rede municipal. O projeto é baseado na Antroposofia e isso levou a uma aproximação com a Pedagogia Waldorf. Após conhecer melhor a pedagogia, bem como visitar Escolas Waldorf, a SME trouxe a Ubá uma equipe do Jardim-Escola Waldorf Michaelis, do Rio de Janeiro, para ministrar oficinas durante um sábado inteiro e explicar aos professores da rede municipal a respeito dessa pedagogia.

De acordo com secretária de educação na época, o intuito não era de transformar todas as escolas da rede municipal em escolas Waldorf, mas de adaptar o que fosse possível no planejamento, ressaltando a importância do brincar e retirando a ênfase da alfabetização precoce de crianças na Educação Infantil. Segundo ela, este foi um ponto polêmico, sendo alvo de muitas críticas por parte da comunidade escolar, pois muitos pais não entendiam o motivo pelo qual os seus filhos não estavam sendo alfabetizados ou, então, questionavam a priorização do brincar, como se o brincar estivesse dissociado da escola e do processo de ensino-aprendizagem.

Foi escolhida para o projeto uma escola já antiga, a Escola Municipal Doutor Heitor Peixoto Toledo, que foi toda reformada para se transformar em uma escola Waldorf, e denominada “Jardim da Manga Escola Waldorf em construção”. Essa escola foi escolhida para este projeto por sugestão de sua diretora, que na época estava fazendo o Seminário de Fundamentação em Pedagogia Waldorf (Turma I-Ubá). A estrutura física da escola teve como modelo a Paineira Escola Waldorf, de Juiz de Fora, MG, e foi inaugurada em 20 de setembro de 2014. Como podemos ver nas imagens abaixo, foi realmente construída para ser uma escola Waldorf, com salas de aula espaçosas e arejadas, mobiliário em madeira, amplas áreas verdes, áreas de lazer para as crianças, quadra coberta, jardins, horta e viveiro.

Veja em nosso site fotos em slideshow



Consta que em fevereiro de 2016 a escola tinha 249 alunos, distribuídos em quatro turmas de Educação Infantil e seis de Ensino Fundamental I. Nessa época a escola tinha duas professoras que haviam concluído o Seminário de Fundamentação em Pedagogia Waldorf (Turma I-Ubá), sendo uma professora de Educação Infantil (que mais tarde pediu remoção para uma escola da zona urbana de Ubá) e a diretora. Os demais professores estavam participando da Turma II-Ubá do Seminário de Fundamentação e haviam cursado mais da metade dos módulos.

Sobre a formação dos professores

Quanto à capacitação docente em Pedagogia Waldorf, os primeiros passos foram dados no ano de 2010, quando foi formalizado o primeiro convênio entre a SME e o Centro de Formação e Desenvolvimento Vale de Luz (CFD-Vale de Luz), de Nova Friburgo/RJ, para a realização de oficinas voltadas para o segmento de Educação Infantil, com estudos sobre teoria e prática da Antroposofia. As oficinas foram realizadas no Centro Cultural “Ginásio São José” em Ubá, com a participação de cerca de 100 docentes da rede municipal.

Dentre outras ações, a SME divulgou aos/as professores/as da rede municipal de ensino quinze vagas para o Seminário de Fundamentação em Pedagogia Waldorf (Turma I-Ubá), em parceria com o CFD-Vale de Luz. Este seminário foi realizado na cidade de Nova Friburgo/RJ, em módulos mensais, aos finais de semana, e em módulos de imersão (de nove dias) nos meses de janeiro e julho, num período de quatro anos (2011 a 2014). Na época, onze professoras participaram desta primeira turma do Seminário, entre elas diretoras e coordenadoras pedagógicas, que, juntamente com a SME, fomentaram a proposição do projeto de implantação da Pedagogia Waldorf na Escola Jardim da Manga.

Essa capacitação em Pedagogia Waldorf permitiu à equipe pedagógica da SME relacionar elementos da Pedagogia Waldorf ao Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, garantindo assim que as habilidades

e competências propostas pelo Governo Federal fossem atingidas pelos/as alunos/as da rede municipal de educação.

Em 2014, a SME firmou novo convênio em processo licitatório com o CFDVale de Luz para a realização do segundo Seminário de Fundamentação em Pedagogia Waldorf (Turma II-Ubá), oferecido para 40 docentes da rede, em 16 módulos de imersão (de nove dias), com a realização de quatro módulos ao ano, em uma pousada em Divinésia/MG, município circunvizinho à Ubá. No período de julho de 2014 a outubro de 2016 foram realizados dez módulos deste Seminário e, em 2017, depois da posse do novo prefeito, o convênio com o CFD-Vale de Luz foi suspenso, assim como, a implantação da Pedagogia Waldorf na Escola Jardim da Manga.

A suspensão do projeto

O PPP – Projeto Político Pedagógico da escola instituído em 2015 assumia a Pedagogia Waldorf como principal orientação educacional, e a escola chegou a criar sua APM – Associação de Pais e Mestres, cuja diretoria foi eleita em 1 de setembro de 2016, e teve seu estatuto aprovado em Assembleia Geral em 7 de novembro do mesmo ano.



No entanto, com a posse de um outro partido na gestão pública em 2017, novos secretários foram nomeados e muitos diretores de escolas foram substituídos. A nova equipe da Secretaria Municipal de Educação decidiu não dar continuidade ao projeto de implantação da Pedagogia Waldorf na Escola Jardim da Manga e a diretora da escola foi substituída.

A APM Jardim da Manga recém-constituída que ainda não tinha as suas bases fortalecidas, não teve o apoio da maioria dos pais da comunidade para se articular e organizar um debate com o poder público para que fosse garantida a continuidade do projeto de implantação da Pedagogia Waldorf na escola. Desinteresse de uma parte dos professores também contribuiu para esse desfecho.

Escola Saber do Campo – iniciativa descontinuada

<https://www.institutoruthsalles.com.br/xiv-escola-saber-do-campo/>

Ibicoara BA



Quando começamos a divulgar esse projeto de pesquisa, fomos contatados por Gabriela Martinez Grille, que se ofereceu para nos contar como foi a experiência de implantação de um jardim Waldorf no município de Ibicoara BA, em parceria com a prefeitura local. A experiência não sobreviveu à troca de governo, mas traz informações interessantes.

Gabriela Martinez Grille

Destaque

1 – Como o número de alunos da escola era pequeno, o projeto não teve força política para se contrapor à decisão da nova gestão municipal, que optou por descontinuí-lo. O interesse pela escola era mais das famílias que vieram de fora, do que das famílias nativas dedicadas à agricultura. Para elas, a necessidade de ir para a escola começa quando as crianças já tem 6 ou 7 anos. Até lá as crianças são criadas na roça, acompanhando os pais na colheita, no trabalho, pois não são famílias que saem de casa para trabalhar. Sabemos que do ponto de vista da Pedagogia Waldorf isso é a melhor coisa para as crianças, mas é uma pena vermos que elas vão ter que sair dessa infância livre e saudável e ir para uma escola na cidade, que para elas mais vai parecer uma cadeia.

2 – A comunidade Waldorf já criou algumas escolas rurais, privadas e públicas, com sucesso. Precisamos aprender com as experiências anteriores a dialogar com essas comunidades, para que novas iniciativas na zona rural tenham mais chances de sucesso.

Alguns dados básicos do município

Município de Ibicoara BA		
Indicador – dados do IBGE https://cidades.ibge.gov.br	Valor	Ano
População estimada	17.571	2019
População com renda nominal per capita de até ½ salário mínimo	44,40%	2010
IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental	4,4	2017
IDEB – Anos finais do ensino fundamental	3,3	2017
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal	0,591	2010
Mortalidade infantil – óbitos por 1.000 nascidos vivos	17,34	2017
Domicílios com esgotamento sanitário adequado	16,20%	2010

Gabriela é uruguaia, formada em Psicomotricidade e fez o seminário de Pedagogia Waldorf em Recife. Veio para o Brasil morar inicialmente em Imbassaí, em 2007, onde conheceu Mayumi Dantas Hori, começou a participar de um grupo de estudos de noções básicas de Antroposofia, e passou a trabalhar com crianças na sua casa. Era um espaço onde as crianças podiam ir depois da escola, crianças entre 3 e 7 anos, e manteve esse trabalho até 2009. Em março de 2010 participou da fundação da Escola Casa da Mata.

Após participar do início desta escola, Gabriela mudou-se para Ibicoara em 2011. É uma região de serra na Chapada Diamantina onde há cultivo de café, de mandioca, turismo ecológico e turismo de aventura. Lá, junto com outras pessoas interessadas, deu início a uma nova escola de ensino infantil, a Escola Saber do Campo, inspirada na Pedagogia Waldorf.

Em janeiro de 2012, fizeram um abaixo-assinado com a comunidade para solicitar à prefeitura apoio para a manutenção desta escola de educação Infantil, situada na zona rural. No início a escola funcionou por conta própria, com 7 ou 8 alunos. Apoiada por algumas famílias e empresários locais, conseguiam alugar um imóvel e pagar duas professoras. Em 2013 teve início o apoio da prefeitura, conforme nos contou Gabriela.

Gabriela – *Em 2013, fomos de novo lá conversar, com abaixo-assinado, tudo de novo. A gente sempre os convidava para os festejos. Então eles concordaram que a escola fosse um anexo rural da creche municipal Colibri e eu seria contratada como professora. Disseram que só contratariam uma pessoa como professora e uma auxiliar para ajudar na cozinha, no cuidado da sala e do local. [...] Eles cobriam os custos, as crianças não pagavam e fiz o trabalho com Pedagogia Waldorf aqui na comunidade. De 2014 a 2016 a Escola Saber do Campo funcionou como um anexo rural da creche municipal, e tínhamos de 11 a 14 alunos. Para as necessidades que a prefeitura não atendia contávamos com o apoio da Associação de pequenos produtores rurais e artesãos do Vale do Campo Redondo, que alterou seu estatuto para acolher a escola.*

Então houve mudança de prefeito e o novo prefeito não quis renovar essa parceria e disse que como ele tinha comprado ônibus novos, agora o percurso de 9 quilômetros até a cidade era bem mais rápido e que não havia motivo algum para sustentar uma escola rural, e que Gabriela e as crianças poderiam ir para a cidade. Gabriela nos contou porque não era possível realizar o mesmo trabalho na escola da cidade.

Gabriela – *A creche é uma caixa de cimento, com janela com grade, alta, nem alcança para ver, sem área externa, um pátio central, onde as crianças saem da sala totalmente sendo controladas, elas têm que se sentar, para as meninas as professoras colocam uma caixa de som com microfone e fazem aí uma gritaria, um espetáculo chocante. Por tudo isso, eu não fui e terminou essa parceria. O fato é que mudou o prefeito e as famílias tentaram novamente trazer o anexo rural para cá, que voltasse no mesmo formato e ele por dois anos consecutivos deu negativa. O argumento deles é que acham um atraso que as crianças, podendo vir para a cidade, que tem mais recursos, aquela coisa da modernidade. Eu acho que um atraso total é ir para lá, sair daqui dessa natureza, desse entorno.*

Relatório de Conclusão

<https://www.institutoruthsalles.com.br/xv-relatorio-de-conclusao/>

Em primeiro lugar!

Gostaríamos de começar este relatório agradecendo a todos que acreditaram e apoiaram a nossa iniciativa de realizar essa pesquisa sobre as escolas públicas que adotam a Pedagogia Waldorf no Brasil. Tivemos 211 apoiadores que contribuíram com o financiamento coletivo que promovemos, cujos recursos nos permitiram adquirir alguns equipamentos necessários e custear as viagens que realizamos. Contamos também com o apoio dos responsáveis por cada uma das iniciativas que visitamos, que foram imprescindíveis para que conseguíssemos realizar este trabalho, dos nossos colegas do instituto, Milton Tortella e Edson Aragaki, com quem dividimos as dúvidas e angústias no planejamento do projeto, assim como o apoio fundamental de Pedro Paulo Salles e Ruth Salles. Agradecemos especialmente também aos amigos que nos hospedaram nas viagens do projeto: Paulo do Eirado e Maria Aparecida em Aracaju, Ricardo Lucena em Conde, Ana Paula e Bruno Vieira em Brasília, Ione Gomes em Botucatu. Foram 6 meses de trabalho, mais de 90 pessoas entrevistadas e 14 escolas estudadas.

Primórdios

Em 2002 criamos o Instituto Artesocial, hoje Instituto Ruth Salles, com o objetivo de contribuir para tornar a Pedagogia Waldorf acessível para as crianças da rede pública, especialmente no ensino infantil e fundamental.

De 2003 a 2008 realizamos o projeto Dom da Palavra, um curso de formação continuada que ensinava alguns elementos da Pedagogia Waldorf para professores da rede pública, do ensino infantil e fundamental I. O mesmo realizou-se em cinco municípios paulistas: São Paulo, Itapeverica da Serra, Embu Guaçu, Espírito Santo do Turvo e Timburi. Este projeto trouxe experiências muito interessantes e foi detalhadamente sistematizado em uma pesquisa de mestrado defendida em 2010, disponível neste [link](#).

O projeto Dom da Palavra nos mostrou duas realidades importantes: 1- Elementos da Pedagogia Waldorf podem enriquecer e humanizar a educação nas escolas públicas, desde que os professores tenham interesse em conhecê-la e oportunidade de vivenciar seus benefícios com seus alunos. 2 – É difícil para professores realizarem um trabalho muito diferente dos demais em uma escola pública, sem terem incentivo, formação continuada e apoio de outros colegas e da direção da escola. Sem isso, sua iniciativa está fadada a perder força.

Propósito

Nós não nos conformamos com o fato de que a Pedagogia Waldorf, que tanto admiramos, seja acessível apenas a quem pode pagar escolas privadas. O próprio Rudolf Steiner criou essa pedagogia para que fosse uma pedagogia para o povo, e é missão do Instituto Ruth Salles contribuir para que este ideal seja realizado.

Assim, a partir de nossa experiência com o projeto Dom da Palavra, decidimos agir no sentido de realizar o nosso objetivo. O fato de já existirem algumas escolas Waldorf na rede pública no Brasil, comprova que isso é possível e assim pode ser replicado em outras iniciativas. Precisávamos então aprender com quem já está se dedicando a essa causa. Em 2018 tentamos patrocínios para esta pesquisa, mas não tivemos sucesso, e optamos então em buscar o financiamento coletivo em 2019. Conseguimos [211 apoiadores](#), e foi gratificante ver como tantas pessoas se prontificaram a colaborar com esse trabalho.

A base legal

Buscamos conhecer a legislação relativa ao tema, que está detalhada no capítulo I deste trabalho, e verificamos que as escolas que aplicam a Pedagogia Waldorf na rede pública, as conveniadas e as públicas de origem, estão amparadas pela nossa Constituição Federal de 1988, em especial pelos incisos II e III do Art. 206 e pelo Art. 213 incisos I e II.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

II – **liberdade** de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III – **pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas**, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

Art. 213. Os recursos públicos serão destinados às escolas públicas, podendo ser dirigidos às **escolas comunitárias**, confessionais ou filantrópicas, definidas em lei, que:

I – comprovem finalidade não lucrativa e apliquem seus excedentes financeiros em educação;

II – assegurem a destinação de seu patrimônio a outra escola comunitária, filantrópica ou confessional, ou ao Poder Público, no caso de encerramento de suas atividades.

A BNCC – Base Nacional Comum Curricular, atualizada em 2018, também é muito importante. O que ela preconiza como objetivos e princípios para a educação básica no Brasil, embora seja apenas um sonho para a maioria das escolas realizar, já é realidade nas escolas Waldorf. Ou seja, **os argumentos para realizarmos a Pedagogia Waldorf em escolas públicas estão na própria BNCC**.

As escolas também têm o direito de estabelecer seu próprio Projeto Pedagógico. Ele representa a identidade da escola como organismo social. Faz parte de uma gestão escolar democrática, e deve ser elaborado por e para todos: gestores, professores, funcionários, alunos e familiares.

Assim, não há nenhum obstáculo legal para se realizar a Pedagogia Waldorf em uma escola pública, conveniada ou pública de origem. Basta o empreendedorismo social daqueles que conhecem e acreditam nessa pedagogia, o interesse de professores e vontade política dos gestores públicos.

Somos muitos

Durante a realização dessa pesquisa o que mais nos marcou foram as pessoas muito especiais que conhecemos. Todas as iniciativas de se levar a Pedagogia Waldorf para a escola pública foram fruto do trabalho de pessoas profundamente dedicadas à causa da educação, e que já vivenciaram as transformações que esta pedagogia é capaz de realizar na vida das crianças e suas famílias. Criar

uma escola Waldorf pública é sempre um caminho longo, que requer muita vontade e dedicação, o tipo de força que possuem as pessoas realmente comprometidas com o bem comum.

Além das iniciativas que estudamos aqui, outras já estão em movimento, articulando-se para seguir pelo mesmo caminho. Várias pessoas que ficaram sabendo deste trabalho entraram em contato conosco para contar suas experiências e/ou pedir orientações. O nosso próximo passo será buscar formas de articular essa rede para apoio mútuo.

Pessoas incríveis

Conhecemos pessoas incríveis lecionando nas escolas que visitamos, todas apaixonadas pela Pedagogia Waldorf e dedicadas aos seus alunos. Várias conheceram a pedagogia porque encontraram essas iniciativas na rede pública, e a maioria nunca tinha ouvido falar dela antes. Muitas já fizeram a formação completa, outras estão fazendo, e algumas começaram há pouco tempo nas escolas e estão aprendendo um pouco com as colegas. Quando uma professora ou professor passa a trabalhar de acordo com os princípios e práticas da pedagogia e começa a ver resultados, tem início um círculo virtuoso. Ela(e) começa a querer conhecer mais e se aprofundar no assunto, como várias que entrevistamos, começa a enxergar mais seus alunos como indivíduos, e parece que vai acontecendo uma mágica que transforma sua relação com os alunos em uma relação de confiança e afetividade. Os pais começam a perceber diferença nas crianças, comentam com os educadores, passam a participar mais da educação dos filhos e a se aproximar mais da escola. Inúmeras crianças e famílias estão sendo beneficiadas por estas iniciativas.

No entanto, enquanto um(a) professor(a) Waldorf que atua em uma escola privada costuma trabalhar com todos os materiais ideais para sua prática pedagógica, aqueles(as) que atuam na rede pública tem uma realidade totalmente diferente. Os materiais que recebem são os mesmos que qualquer outra escola pública recebe, pois uma escola não pode receber materiais melhores do que outra da mesma rede. Muitas vezes faltam materiais adequados para atender as demandas de uma escola Waldorf, como tinta para aquarelas, papel de pintura, pincéis, flautas, giz de cera de abelha, lã de carneiro, agulhas, brinquedos de madeira etc, o que exige adaptações pelos professores. Conhecemos até uma professora que, na falta de um fogão para usar na escola, faz os pãezinhos com os alunos, leva-os para assar em casa e traz no dia seguinte. As escolas que são conveniadas ainda podem tentar conseguir recursos para isso através de campanhas da sua associação mantenedora, mas nas escolas públicas de origem já é mais difícil.

Outra diferença muito importante é que enquanto as escolas privadas têm como alunos crianças cujos pais escolheram a escola pela pedagogia, e que são de uma classe social mais alta, nas escolas públicas as(os) professoras(es) trabalham com as crianças que vierem, sem nenhum filtro, e muitas destas enfrentam situações graves de vulnerabilidade social. Há um elevado percentual de crianças com necessidades educacionais especiais ou com dificuldade de aprendizagem, e maioria dos pais/responsáveis nunca ouviu falar na Pedagogia Waldorf. Existe sempre um trabalho extra, por parte da equipe escolar, para explicar a estes sobre questões que costumam causar estranhamento na pedagogia, como o fato de meninos e meninas fazerem os mesmos trabalhos manuais, como tricô, crochê etc, ou porque não se alfabetiza no ensino infantil etc. Esclarecer algumas famílias sobre a diferença entre religião e religiosidade também costuma ser uma tarefa difícil.

Mas foi incrível perceber que, a despeito de todas as dificuldades, a qualidade do trabalho e da relação das professoras com as crianças e com as famílias era muito boa. Em todas as escolas que visitamos, o ambiente social era muito bom. Embora observadores menos atentos possam achar que a Pedagogia Waldorf realizada nestas escolas não seja “completa”, estas professoras, nestas realidades, fazem um trabalho excelente, assumem perfeitamente o espírito da pedagogia e merecem todo o apoio ao seu esforço e dedicação.

Os Desafios para a comunidade Waldorf

1) Tornar a Pedagogia Waldorf mais conhecida e aceita.

É notório o desconhecimento sobre a Pedagogia Waldorf entre os educadores da rede pública em geral, pois essa pedagogia não é estudada nos cursos superiores. Assim, às vezes, professores concursados escolhem ir para uma escola pública que adota essa pedagogia sem fazer ideia do que se trata. E a cada troca de governo municipal é gerado um problema maior ainda, pois as equipes das escolas Waldorf conveniadas sempre têm que explicar aos novos gestores sobre a pedagogia, mostrar todo o trabalho que já realizaram e lutar pela renovação do convênio.

Para ajudar essas iniciativas, e as iniciativas futuras, é fundamental criarmos estratégias e ações para divulgar a Pedagogia Waldorf em todas as faculdades de Pedagogia do Brasil, que são cerca de 2.000.

Para que as crianças de famílias mais simples, cujos pais não têm conhecimento do que seja a Pedagogia Waldorf, possam frequentar sem problemas nossas escolas, é importante termos um discurso adequado para apresentá-la a esses pais.

2) Conseguir que sejam realizados concursos públicos específicos para professores Waldorf

Um grande problema para a maioria das escolas Waldorf na rede pública é que quando precisam de um novo professor, acontece de receberem um professor que é concursado pela prefeitura e tenha direito de escolher a escola pela sua classificação profissional, mas não conhece a Pedagogia Waldorf. Isso sempre gera um desgaste e um trabalho extra para a equipe, pois é preciso ir apresentando aos poucos os princípios e práticas básicas da pedagogia, e tentar convencer este professor a fazer a formação. Alguns professores nestas condições ficam só um ano e depois pedem remoção, outros se apaixonam pela pedagogia, fazem a formação e tornam-se ótimos educadores.

Vimos alguns editais para contratação temporária em que foi especificada a formação na Pedagogia Waldorf, mas essa é uma forma de contratação que não é boa para a carreira do professor.

É preciso conseguirmos que hajam concursos públicos específicos para professores Waldorf. Nunca foi feito até hoje, mas não descobrimos nenhum obstáculo jurídico para isso, tanto que na área médica existem concursos para médicos homeopatas, por exemplo.

3) Suprir a falta de professores especialistas

As redes públicas dificilmente contratam professores de trabalhos manuais, marcenaria, jardinagem, música, língua estrangeira e muito menos eurtímia. A única opção das escolas tem sido aproveitar da melhor maneira possível os talentos dos seus professores para suprir estas carências no que for possível, ou contar com o apoio da sua associação, no caso das escolas conveniadas. Na Escola Cecília Meireles por exemplo, o professor de história, que também tem prática em marcenaria, dá aula de marcenaria e a professora de ciências, que tem mestrado em botânica, dá aulas de jardinagem.

4) Apoiar a formação dos professores da rede pública – inicial e continuada

Os cursos para formação de professores Waldorf não são acessíveis financeiramente para a maior parte dos professores da rede pública, o que exige sempre muito sacrifício destes para participarem, ou recursos das respectivas associações, quando existem. Seria muito importante haver um programa específico para subvencionar a formação de professores que já atuam nas redes públicas, principalmente onde já temos escolas adotando essa pedagogia.

Como uma escola Waldorf pública atende crianças em situação de vulnerabilidade social, cujos pais geralmente não conhecem a Pedagogia Waldorf, sem dispor dos materiais ideais para essa prática pedagógica, e tendo que compensar a falta de especialistas citada acima, seus professores precisam de uma formação que os preparem para atuar nesta realidade.

Também seria muito importante termos a formação à distância, podendo ser com alguns módulos online e outros práticos presenciais, para diminuir os custos da formação e ampliar seu alcance. Hoje a Escola Murundu e a Escola Anael por exemplo, que ficam no interior da Bahia, têm que enviar seus professores para fazerem a formação em Aracaju, a 750 quilômetros de distância. E são escolas que dispõem de poucos recursos para formar e até para manter seus professores.

Ensinos dos pioneiros às novas iniciativas

1) O caminho é longo – A constituição de uma escola Waldorf pública é um trabalho de longo prazo, que requer determinação e dedicação de um grupo de pessoas realmente comprometidas com o propósito de humanizar a educação na rede pública através da Pedagogia Waldorf. Em todos os casos de sucesso que conhecemos, muitos obstáculos tiveram que ser superados. Nesse ponto a história da criação da Escola Araucária/MG é emblemática.

2) Os alicerces são os educadores – A criação de uma escola Waldorf na rede pública deve se sustentar no interesse genuíno de um grupo de educadores. Havendo interesse também de um grupo de pais será melhor ainda. Um grupo de professores dedicados e apropriados da pedagogia pode ir conquistando os pais através de seu trabalho com as crianças, mas não se pode forçar um professor a ser um professor Waldorf. Escolas Waldorf que foram criadas por iniciativa de uma gestão pública, e que não se basearam no interesse genuíno de um grupo de educadores, como vimos em Espírito Santo do Turvo/SP e em Ubá/MG, tiveram vida curta.

3) A primeira infância vem primeiro – A forma mais segura de começar um projeto Waldorf na rede pública é a partir da creche e de educação infantil. Nesses casos as resistências iniciais dos pais sobre a pedagogia são bem menores do que no ensino fundamental. Dessa forma, é possível a iniciativa ir crescendo de forma orgânica, ano a ano, enquanto os pais vão conhecendo mais sobre a pedagogia, e eles mesmos vão querer que as crianças continuem em uma escola Waldorf no ensino fundamental. O caso da creche Quintal do Aníbal, em Jundiaí, é um exemplo disso.

4) O nosso partido é o das crianças – As relações das iniciativas Waldorf com o poder público precisam ser sempre profissionais e republicanas, e não partidárias. Quando a escola se torna uma bandeira política ela corre um sério risco de ter seu projeto interrompido por um eventual governo de oposição.

5) Preparem os argumentos – O grupo precisa ter pessoas que conheçam a Pedagogia Waldorf a fundo, e tenham todos os argumentos para ajudar a convencer os gestores públicos a aceitarem o desafio de apoiar um projeto com uma pedagogia que ainda é pouco conhecida e é muito diferente da convencional. Levar o gestor público para conhecer escolas Waldorf já estabelecidas, como foi feito pelo Instituto Social Micael, de Aracaju, e pelo Movimento Txai em Brasília, também ajuda a criar maior interesse pelo projeto.

6) Respeitem e reconheçam os desafios do gestor público – Deve-se ter sempre em mente que um gestor público num cargo executivo na educação tem uma grande demanda de trabalho, pois é responsável por um trabalho em grande escala. Não é fácil estudar e refletir sobre novas propostas e pedagogias nestas circunstâncias. Então a gente deve reconhecer sempre quando essas oportunidades acontecem e ter muita gratidão por essa confiança. Sobre essa questão vejam as dicas da Cida e do Paulo, do Instituto Social Micael, no capítulo VIII.

7) Crie um núcleo de formação – Promover palestras, cursos e oficinas sobre a Pedagogia Waldorf acessíveis a professores e pais da rede pública é muito importante. Muitos elementos da pedagogia podem enriquecer a prática cotidiana de professores e famílias, ajudando a criar uma relação de interesse e respeito pelo projeto ou pela escola.

Vimos que a Associação Crianças do Vale de Luz (Nova Friburgo), o Instituto Social Micael (Aracaju) e o Movimento Txai (Brasília) se fortaleceram ministrando cursos, promovendo uma introdução à Pedagogia Waldorf, ensinando o uso de alguns dos seus elementos e até formando professores. Cada professor que participa destes cursos e se identifica com a pedagogia, passa também a ajudar a divulgá-la e fortalece essa corrente dedicada a humanizar a educação no Brasil.

8) Invista na integração com a comunidade – Para que a comunidade local aceite bem a iniciativa, é fundamental torná-la protagonista do projeto. Para isso é muito importante investir na formação de educadoras(es) da própria comunidade. Palestras e oficinas sobre a pedagogia, e a Escola de Pais, também são muito importantes, assim como as atividades culturais e artísticas abertas à comunidade.

É fundamental a escola ter uma comunidade de pais engajada, como vimos na Escola Cecília Meireles pois assim a escola passa a ter maior força política. Pais engajados ajudam a conseguir junto à prefeitura as melhorias que a escola possa precisar. A força e a determinação de uma comunidade criada a partir de uma escola Waldorf, pelos professores e pais que já vivenciaram o valor dessa pedagogia, é capaz de encontrar caminhos para manter uma escola viva na sua

comunidade, se o projeto tiver dificuldades pelo caminho, como aconteceu no caso da Escola Casa da Mata.

9) Capriche no planejamento e organização – Em uma escola associativa conveniada, que demanda captar recursos para suprir as demandas que a prefeitura não atenda, a gestão é um grande desafio e fator determinante para ter sucesso. Só de idealismo o processo não se sustenta. Além de planejar e organizar, seja muito transparente. É importante também comunicar bem, e ter um site com todas as informações disponíveis e bem organizadas. Documentos como estatuto social, atas de reuniões, balanços, boletins informativos, visão estratégica, plano de metas e relatório anual de atividades devem estar disponíveis no site. Isso dá mais credibilidade para a associação, tanto perante o poder público como perante possíveis patrocinadores. A associação da Escola Murundu é um exemplo neste sentido.

10) Prepare-se para atender às demandas da gestão pública – Toda escola pública precisa atender à burocracia inerente da gestão pública de cada município ou estado/distrito, inclusive as avaliações externas, como o IDEB, por exemplo, o estabelecimento de um Plano de Ação de Gestão Escolar, e a elaboração do Projeto Pedagógico da escola. Além da gestão da associação, quando houver, e das instâncias próprias de uma escola Waldorf, é necessário também criar a Associação de Pais e Funcionários e o Conselho Escolar. Veja os detalhes sobre estas demandas no capítulo I.

11) Atenção ao futuro dos alunos – Chamou nossa atenção o cuidado que a Escola Vale de Luz tem na preparação dos alunos do 5º ano para que possam fazer a transição para o 6º ano de uma escola convencional sem sofrer muitas dificuldades. Muito importante a atenção ao sucesso futuro dos alunos.

12) Não descuide da adaptação cultural – É importante para as iniciativas pioneiras, em regiões onde não há escolas Waldorf mais antigas, a adaptação dos conteúdos, como histórias, versos, cantigas, rodas, brincadeiras e trabalhos manuais à cultura da região.

13) Uma educação humanizadora muda o mundo – A Escola Araucária, por ser a única na região há mais de 40 anos, é um ótimo exemplo de como uma escola bem estruturada e com uma pedagogia humanizada, emancipadora e focada no desenvolvimento integral do ser humano, tem o poder de transformar toda uma comunidade nos aspectos culturais, sociais e econômicos. Numa região onde quase todos eram analfabetos e viviam de agricultura de subsistência, hoje saem jovens que já seguiram carreiras como Medicina, Direito, Enfermagem, Pedagogia, Artes Cênicas, Música, Arquitetura, Zootecnia, Agronomia, Administração, Turismo e Hotelaria entre outras profissões.

14) Acredite – Educadores prontos para conhecer e adotar a Pedagogia Waldorf estão por aí em todos os cantos do Brasil, assim como pais que vão querer esse caminho educacional para seus filhos. Nosso grande desafio é chegar até eles através da escola pública, e enfrentá-lo dará mais sentido à missão transformadora iniciada há 100 anos por Rudolf Steiner.

Veja em nosso site um making of de fotos dessa pesquisa.

Discurso de Rubens Salles na Sessão Solene comemorativa pelos 100 anos da Pedagogia Waldorf Congresso Nacional - 28/11/2019



Bom dia a todas e todos! Eu gostaria de agradecer à Exma. Deputada Érika Kokay, à professora Luana Angélica Pimentel e a toda equipe do Movimento Txai pelo honroso convite para participar dessa sessão solene, e cumprimento a todos os integrantes da mesa.

O objetivo do Instituto Ruth Salles é contribuir para humanizar e melhorar a qualidade da educação no Brasil divulgando a Pedagogia Waldorf, seus princípios e práticas, e apoiando

sua adoção em escolas da rede pública.

Este ano realizamos uma pesquisa junto às escolas públicas que já adotam essa pedagogia, e foi quando eu conheci o lindo trabalho feito pela equipe do Movimento Txai, que desde 2012 luta para criar uma escola Waldorf pública aqui em Brasília. O artigo 206 da nossa Constituição estabelece que “o ensino será ministrado com base no pluralismo de ideias e concepções pedagógicas”. Alguns gestores públicos já se dispuseram a atender a esse direito que a sociedade brasileira tem, e esperamos que sirvam de exemplo para outros.

Nessa pesquisa entrevistei mais de 90 pessoas, entre gestores, professores e pais e todos estavam felizes com as escolas. E sabem por quê? Porque as crianças estavam felizes nessas escolas!

Nelas, cada criança é vista como um indivíduo que deve ser apoiado e incentivado para que consiga desenvolver todo seu potencial, mas sempre respeitando sua maturidade. Hoje em dia infelizmente tentam acelerar esse processo, como se a educação infantil, por exemplo, fosse uma competição para ver qual criança aprende a ler primeiro. Assim se desperdiça a oportunidade da criança poder realmente viver sua infância da forma mais sadia.

Na escola Waldorf, na primeira infância as crianças brincam livremente, pintam, desenharam, fazem trabalhos manuais, ajudam a preparar o lanche, ajudam a arrumar a sala, cantam, aprendem a fazer pão, trabalham na horta e fazem várias outras atividades práticas. É a pedagogia do FAZER. Nenhuma criança fica estática na frente de uma televisão na escola. Depois, chegam em casa querendo ajudar os pais nas tarefas da casa, e todos ficam espantados! Essa pedagogia consegue aproximar mais os pais da escola e fortalecer o vínculo entre pais e filhos e entre as próprias crianças. Hoje em dia os pais perderam muito dessa capacidade de ser família, e uma escola humanizada ajuda a realizar esse reencontro.

Nessas escolas os conteúdos são sempre permeados por atividades artísticas, pois a arte se confunde com a própria pedagogia. Quando uma criança faz uma pintura, ou uma escultura, sua vontade individual está sendo desenvolvida, e quando representa uma peça de teatro ou canta junto com seus colegas, sua sociabilidade é que caminha pela arte.

A intelectualização precoce e o foco exclusivo no aprendizado cognitivo estão na base do insucesso da escola convencional. Segundo o INEP, cerca de 828.000 alunos abandonaram o ensino básico público em 2018.

A qualidade da educação, considerada como o compromisso de promover o desenvolvimento do aluno como ser humano completo, que pensa, se sensibiliza, se relaciona e atua no mundo, só se sustenta pela competência, autonomia e dedicação de seus professores. Nenhum livro didático, computador ou recurso técnico substitui a qualidade da relação humana entre um professor preparado, motivado e entusiasmado com seu trabalho, e seus alunos. Nada substitui a palavra falada que vai de um ser humano a outro. A formação na Pedagogia Waldorf dá ao educador a capacidade de realizar esse trabalho, consciente de que precisará se atualizar e auto educar-se por toda sua vida profissional.

Educar as futuras gerações é a principal tarefa da humanidade. É fundamental formarmos jovens com autonomia para decidir seu próprio destino, com capacidade de superar os apelos do consumismo e de atuar com criatividade em prol de um mundo mais justo, fraterno e sustentável. É preciso conseguir que este mundo cada vez mais tecnológico se torne também cada vez mais humano, e a Pedagogia Waldorf com certeza pode dar uma grande contribuição para isso.

Muito obrigado!

Rubens Salles
